

045284/2004



L0000045293

869.9  
A99.4  
UMA

# LAGRIMA DE MULHER

*João Antonio Ribeiro*

---

PRIMEIRA PARTE

I

N'uma das formosas ilhas de Lipari branquejava solitaria uma casinha terrea, meio encrayada nos rochedos, que as aguas do mar da Sicilia batem constantemente.

Ao lado esquerdo da modesta habitação corria uma farta alameda de oliveiras, que, juntamente com os resultados da pesca do coral, constituia os meios escassos de vida de Maffei e sua familia.

O pescador enviuvára cedo.

Do amor ardente e rude com que o emba-lára por dez annos uma formosa procitana

1.

por quem se apaixonára, restava-lhe, como recordação viva da extincta mocidade, como um beijo animado da felicidade que passou, uma alegria de quinze annos, uma filha querida, meiga e delicada, e a mãe de uma criancinha.

Ella adorava-o. Enchia-o de beijos e ternuras; era como um rouxinol a acariciar um tigre. Nas tardes melancolicas do outomno, quando se assentavam ao sol no terreiro, contrastava com a bontesa do peito largo o pescador a engraçada cabeça de Rosalina, que se inclinava sobre elle.

Completava a pequena familia de Lipari uma boa e religiosa velha dos seus cinquenta annos, ama, criada e amiga; Angela era, ao mesmo tempo, a mãe adoptiva da filha de Maffei.

Rosalina era encantadora. Como em quasi todas as meninas italianas adivinhavam-se-lhe os elementos de uma mulher bella. Difficil seria vel-a alguém, sem prender o coração naquella graciosa liberdade de movimentos; ouvil-a, sem guardar na memoria, como uma reliquia sagrada, o seu falseto de criança.

Ha quinze annos adormecia cedo e levantava-se antes d'alva, sempre rindo e cantando; nunca uma tristeza real lhe havia nublado a transparencia azul de sua alegria, parado em meio uma das suas sadias garbadas. Amor, que não o da *Madona* ou o da familia, jammais lhe entrára no coração; e comtudo, nos ultimos mezes dos seus quinze annos. caído, ás vezes, n'um scismar de tristeza indefinivel, quando, de sobre a perdia, contemplava sósinha a extensão melancolica do mar; sentia em taes momentos como vagas inquietações, que se lhe debatiam por dentro e procurava, tolinha! com insistencia pueril, arrancar do oceano o segredo de tudo aquillo; parecia-lhe que o ar mysterioso das aguas vedava ao seu entendimento o verdadeiro motivo dos seus anhelos.

Inexperiente, attribuia-os á vontade de viajar; nunca sahira da sua pequenina illha e essa, apezar da belleza do céu, dos perfumes, das florestas, das sombras das oliveiras, do amor paterno e da dedicação de Angela, enchia-a de tristeza e melancolia.

Aos domingos costumava ir á missa e

embalde o aprendiz ou o operario se paramentava com o seu gorro novo; a filha do pescador, logo em deixando os trajos domingueiros, nem mais se lembrava do moço, que a cortejára sorrindo, ou do singelo galanteio de algum dos do mesmo officio de seu pae.

Nem por isso deixavam de querer-lhe, pois nas rodas divertidas dos alpendres, em quanto dansavam e riam cantando a *Tarentella*, ao som das gaitas de olles, Rosalina não era esquecida, e até muito de coração lamentavam a mania do velho Maffei de não consentir que a pequena fosse aos domingos bailar e brincar nos seus folguedos.

## II

Principiava a declinar o mez de Outubro, e já o inverno abria cedo os portões da noite.

O céu betumado por igual de um cinzento chumbado e sujo, peneirava de vez em quando uma poeira d'agua, que se precipitava na lamina polida do mar, como se milhões de flechasinhas microscopicas crivassem o escudo enorme do fabuloso gigante marinho.

Das aguas, mortas e sombreadas pelo azul escuro da noite, levantava-se o torrão vulcanico da ilha, desenhando phantasticamente no fundo plumbeo do céu os contornos negros das oliveiras.

As duas vidraças illuminadas da casa de Maffei fitavam da treva as ilhas vizinhas.

Do lado opposto da ilha, os pescadores



lançavam, cantando, as redes ao mar, e o som monotonico das cantigas chegava esphacelado e tremulo, como o reflexo dos seus archotes nas vagas.

### III

Ia adiantada a noite.

A serenidade apparente da çasinha branca contrastava com a agitação interior. Extraordinario deveria ser o facto que tinha, tão descostumadamente, despertos até tarde os seus pacificos moradores. Emtanto o bulicio crescia lá dentro; iam e vinham de um para outro lado, procurando, influenciados pelo silencio, que a noite só por si impõe, abafar o som dos passos e das vozes, como se tivessem vizinhos ou podessem incommodar alguem.

Em tudo respirava uma impaciencia surda; as andorinhas, pouco habituadas com o rumor, espreitavam curiosas e assustadas por entre as ripas com as suas cabecinhas pretas.



Apezar de velha e magra, Angela era forte e sadia : atarefada emmalava ferramentas e movia fardos com facilidade ; Rosalina, por outro lado, dobrava e empacotava roupas e afivelava malas promptas.

Tratava-se sem duvida de alguma viagem.

Maffei era o unico que não parecia preocupado com o que se passava ; de natural sombrio e reservado não se mostrava inquieto : immovel, n'uma cadeira de páo, com o dedo grosseiro entre os dentes, dividia e sommava mentalmente umas parcelas imaginarias.

Sahiam-lhe inarticulados da bocca sons aproveitaveis só para elle ; ao resolver qualquer questão, deixava cahir sobre a meza de nogueira o punho cerrado, e com o ruido as duas mulheres voltavam rapidamente a cabeça ; a immobilidade do pescador tranquillisava-as, e elle continuava entregue inteiramente ao seu cogitar.

Effectivamente preparava-se uma viagem.

Maffei partia no dia seguinte para Naples, empregado n'uma companhia, que se propunha continuar em Rezina a exploração das famosas ruinas de Herculano.

Decorria então 1838, e nessa epoca as ambições voltavam-se abertamente para Rezina, onde centenaes de operarios e trabalhadores, luctando dia e noite, ou eram victimas da sua cubiça ou triumphavam ricos e victoriosos da lucta desigual, travada por elles, com as lavas, que vomitára um dia o Vesuvio e setecentos annos petrificaram.

Seduzido pela fortuna, ia o pescador deixar a filha; o genio aventureiro e especulador não lhe permittia avaliar o alcance da empreza. Bem conheciam as boas mulheres o character de Maffei, e por isso mesmo não arriscavam uma unica palavra para o dissuadir.

Para elle nunca as cousas estavam bem no pé em que se achavam. Era sempre preciso melhorar. Tinha a impaciencia do mar e a firmeza do ferro; quando qualquer idéa se apoderava d'elle, era como a ferrugem, que avulta, domina, até corromper de todo.

## IV

Mal raiára a aurora triste e descorada do dia da viagem, já de pé dispunha-se a familia para descer ao porto do embarque.

Ahi chegados, o pae apertou nos braços a filha; duas lagrimas grossas e varonis, como verdadeiros interpretes da linguagem muda e sincera do amor, abriram-lhe caminho pelas faces tostadas.

E, em quanto Rozalina esfregava os chorosos olhos com as costas da mão esquerda, Angela, meio afastada, resmoneava a oração favorita, a cobrir de bençãos o querido aventureiro.

Não tinha ainda o sol enxugado da humidade os rochedos, que durante a noite receberam chuva continua e carregada, já uma vela minguava ao longe da bahia, confundindo-se com o claro-escuro das aguas.

## V

Cinco mezes depois da partida do pescador, o tempo atirou aos habitantes da ilha um domingo, que se podia chamar a obra-prima de Março.

Só pôde ser verdadeiramente aprêciado o domingo por um artista, um operario, um estudante ou outro qualquer filho legitimo do trabalho e que a este dedique toda a semana. Os amados da fortuna e bastardos do suor, que vivem paulatinamente dos seus calados rendimentos, têm sete domingos na semana e não logram conseguintemente o melhor e o mais legitimo dos prazeres — o descanso —. Para poder descansar é preciso principalmente uma cousa — cansar —. Do que se conclue que o domingo existe e pertence exclusivamente a quem occupa utilmente os outros dias.

A ilha apresentava um aspecto realmente encantador.

Por toda parte dansavam e cantavam grupos alegres de homens sadios e mulheres bonitas ao som da guitarra e do pandeiro.

À missa da manhã não faltou habitante de Lipari, que prezasse o seu character tradicionalmente religioso. Encontravam-se os namorados, trocavam-se meias palavrinhas de resentimento e ciume, quando não de amor, e, lá muito a furto, o noivo roubava ás faces morenas e coradas da sua conversada um suspirado beijo.

Os sinos da igreja de S. Thiago repicavam o termo da missa.

Era muito de ver os moços, com as suas roupas domingueiras, perfilados á porta da igreja, aguardando a sahida das suas predilectas namoradas; e para logo surgir, ao calor metalico do bronze, uma onda sanguinea de mulheres frescas e fortalecidas, procurando, com os olhos inquietos e enfeitiçados, os daquelles, que as esperavam.

Assim appareceu Rozalina, cujos amar-

rotados da saia denunciavam o muito que estivera de joelhos.

Vinha um tanto aborrecida e fatigada : os olhos pareciam mais humidos que de ordinario e os movimentos mais demorados ; as faces enrubescidas pelo calor da egreja, a ligeira transpiração, que lhe burrifava o labio superior e o nariz, davam ao moreno avelludado de sua tez os tons leves e palpitantes, cujo segredo só possuio Murillo, quando, pintando a cabeça da virgem, reproduzia a belleza angelica de sua filha.

Trazia saia curta de panno escuro e grosseiro, deixando ver o começo de umas pernas bem feitas e terminadas por dous sapatinhos pretos de fivela e laço. O seio arfava-lhe sob a pressão do tecido rijo de barbatanas de baleia, que armavam um corpete de lã vermelho, muito justo e melhor talhado. Os cabellos, de tal negrura, que levantariam ao sol reflexos de azul ferrete, destacavam-se do quadrado de linho branco, que lhe tocava cuidadosamente a fronte e reappareciam mais abundantes no pescoço em fórmula de duas reforçadas tranças.

Estava cansada. — Que a deixassem!



Queria desafrontar-se daquellas roupas ; e, passeiando os olhos pelos grupos multicores dos rapazes no vestibulo, parecia procurar alguém com certa impaciencia.

Mal dera alguns passos sorriera. Os labios sempre annunciam rindo, quando os olhos acham quem o coração procura.

Com effeito, um moço, sahindo da multidão, acercou-se della.

Era um bello rapaz. Esbelto e destro, olhar sombrio e ardente, agradavel expressão de amargura na physionomia, e summa confiança desamparada nos movimentos. Tinha uma cabeça esculptural, modelada pelo typo quasi extincto da raça etruscopelagia.

Como os mais vestia um jaquetão de veludo com mangas compridas e abotoadas, calções justos e claros, enfeitados de fitas na junção com a meia listrada, camisa de lã, aberta no pescoço.

Chamava-se Miguel Rizio. Filho de um musico romano, dedicara-se á arte do pae com algum successo até aos doze annos. De repente viu-se orphão e sem apoio, ficando-lhe, como derradeira consolação, a sua

querida rabeça, unica que no viver miseravel de *lazaroni*, a que o condemnára a miseria, não o desamparou jamais. Dormiam abraçados, muita vez, pelos alpendres, quando lhes fallecia o tecto e a cama.

Um bello dia conseguiu fugir para Roma e lá, melhorando a arte, melhorou tambem os meios de subsistencia. •

De volta á ilha, sua patria, encontrava-se aos domingos com Rozalina, e desde então, apesar da meninice da pequena, amou-a elle, quasi tanto, quanto á sua rabeça.

E ella? Valha-a Deus! Por esse tempo nem se lhe dava dos amores do musico.

Quem se deu foi o pescador — De uma feita, desconfiou dos olhos ardentes de Miguel, e, cravando nelles os seus, não menos ardentes e mais ferozes, fel-o desde ahi experimentar, a despeito da precoce energia de seus dezenove annos, um não sei que desagradavel, que o obrigava a evitar sempre o pae de Rosalina.

Agora, ausente este, o moço sentia-se livre e feliz, e nestas circumstancias deu com franqueza o braço a Rosalina, tomando

alegremente o caminho de casa, que não ficava longe.

A boa Angela protegia os innocentes amores da pupilla, amores novos e superficiaes para ambas, que apenas ha dous mezes o sabiam; enraizados, porém, e velhos para Miguel, que de ha muito consumia noites e esperanças a scismar na filha do seu gratuito e maior inimigo.

Caracteres angelicos como o do artista sabem e podem amar; não com esse amor sensual e grosseiro, cheio de desejos, que estiolam o coração e os sentidos dos filhos das grandes capitaes, mas com essa fragancia singela, comparavel ao perfume da violeta e que se póde chamar affecto, religiãc ou mesmo fanatismo. Não a amava elle porque a desejasse, senão porque a sentisse em toda a sua individualidade; nelle tudo se poderia extinguir, menos esse sentimento, que o acompanhava como uma qualidade inherente á sua materia. Quanto mais procuravam evital-o, quanto mais obstaculos levantavam á sua passagem, quanto mais faziam por pizal-o, mais forte rescendia esse affecto, semelhante ás plantas do Oriente,

que tanto mais perfume exhalam, quanto mais grosseira fôr a mão que as triture.

Supersticioso como era, tinha para si que nem a morte seria capaz de destruir essa paixão.

— Quando eu morrer — pensava elle — ha de ficar nesta ilha o meu amor, triste, invisivel e inconsolavel, como um espirito penado, e irá todas as noites deitar-se á soleira da tua casinha branca, minha Rosalina. Vês um frasco de perfume que se quebra e derrama o liquido perfumoso? Pois bem; os pedaços desapparecem, a humidade do chão, que o liquido ensopára, bebe-a o calor da atmospherá, mas o perfume fica e ficará por muito tempo! É assim que eu te amo, minha amiga!

No emtanto Rosalina estava longe de alcançar a grandiosidade deste sentimento : suppunha-o vulgar e reles, como sóe acontecer com as raparigas, que não conhecem o coração do homem.

## VI

Ha dous annos estava Maffei em Rezina.

Ha dous annos cartas impregnadas de certo cheiro de prosperidade vinham alegrar a familia do pescador e sobresaltar o animo do pobre Miguei. Comtudo, a casinha branca continuava naquella ignorada e encantadora solidão; agora, porém, as oliveiras deixavam apodrecer o fructo nos galhos, o lagar dormia ocioso e as redes da pesca não viam agua salgada desde muito tempo.

Fazia uma noite deliciosa. Uma dessas noites sem lua, em que a frouxa claridade das estrellas povôa o campo de poesia e amor.

O relógio de S. Thiago badalejava, pausada e religiosamente, o toque do crepus-

---

culo, quando Miguel, com a sua rabeca debaixo do braço, seguia abstrahido pela orla do caminho, que ia dar á casinha branca

Em breve atravessava o patamar de pedra da casa do pescador, e descansava vagarosamente sobre a mesa a rabeca e o chapéo de feltro de copa alta.

Angela e Rosalina correram ao encontro do recémchegado.

— Boa noite, Rosalina! Como passou, mãe Angela?

As duas responderam familiarmente a este cumprimento.

— Senta-te aqui, Miguel, disse Rosalina, arrastando uma cadeira de páo, em quanto do fundo da casa, um cão, uiyando amigavelmente, veio cheirar os pés e as mãos do artista.

Fica visto por esta recepção que aquella visita não era novidade para nenhum dos trez.

Miguel sentou-se, sem cerimonia, ao lado de Rosalina; Castor, o cão, veio deitar-se lhe aos pés, encostando-lhe humildemente a cabeça nas pernas.

Depois de algum silencio entabolou-se



entre os dous moços uma dessas conversações futeis e agradaveis, cujo segredo só possuem os namorados. Fallavam baixo, descansados e desaperecebidos de tudo; fallavam nimiamente por se ouvir um ao outro, com o egoismo dos amantes, mas sem affectação nem constrangimento.

Qualquer coisa que dizia Miguel, tinha muita graça para Rosalina. O menor gracejo do artista fazia-a mostrar os dentes claros e a lingua vermelha em uma das suas francas e sadias gargalhadas.

— Tocas-me hoje o teu *Sonho*? perguntou ella, em seguimento da conversa.

— Tocarei, depois da leitura, mas trago-te uma musica nova.

— Feita agora?

— Concluida hoje; já estava principiada ha mais tempo.

— A quem é dedicada?

— Que pergunta! A quem poderia ser?

— A mim! disse Rosalina feliz.

— E sabe como se chama? perguntou Miguel.

— Como é?

— *Teu nome!*

— Rosalina?

— Não! *Teu nome!*

— Ah! fez rindo a moça. — Já sei! o nome é. — *Teu nome!*

— Exactamente!

— Ora! o que se chama — *Teu nome* — por bem dizer não tem nome.

— Tolinha!... Queres que o mude?

— Não!... disse meigamente sorrindo Rosalina.

— Então! senhor Miguel! não temos hoje leitura? perguntou Angela, collocando a mão aberta sobre os olhos para poder enxergar o interrogado.

Este respondeu levantando-se e indo tomar um livro de um almario de páo, pregado na parede; depois assentou-se de frente da velha, que, junto á meza, cozia ao clarão da luz do azeite.

Rosalina foi reunir-se ao grupo.

Reinava o mais absoluto silencio.

Miguel abriu com pachorra o livro, no logar marcado por uma tira bordada, trabalho delicado de Rosalina, esfregou carinhosamente as palmas da mão nas folhas do livro, aberto de par em par; cruzou as

pernas, enterrando os pés para baixo da cadeira, em que estava assentado; espivitou o pavio da candeia, e depois, de fitar abstractamente a cabeça branca de Angela, principiou, com a voz sonora e desembaraçada, a leitura de uns contos phantasticos, que faziam o enlevo da velha e de Rosalina.

A isto succedeu completa tranquillidade.

Com o interesse do romance, Angela parára machinalmente o trabalho e, firmando os cotovellos descarnados na madeira da meza, ficava authomaticamente a fitar, com o rosto apoiado nas mãos compridas e osudas, o movimento regular dos labios do leitor.

Dominada, como estava, pela magica influencia do livro, ligava indistinctamente não sei que relação entre a physionomia expressiva de Miguel e o assumpto da novella; parecia-lhe que aquillo eram palavras e pensamentos d'elle, ditos e pensados ali, naquelle instante; ás vezes sentia vontade de abraçal-o, quando a passagem lhe agradava, e ao contrario, revoltava-se interiormente, por amor das transcendentis maldades dos tyrannos do romance.

Choravam e riam silenciosamente as duas, conforme a situação. Tudo era interesse; até o proprio Castor parecia tomar parte na leitura, soffrendo resignado a vontade de ladrar contra as ruidosas lufadas do vento; ficava o pobre animal com a cabeça estendida e o olhar molle e sensual, a bater com a cauda de um para outro lado, com a uniforme oscillação de uma pendula.

No meio deste silencio a voz grave e compassada de Miguel echoava monotona-mente nas quatro paredes de betume cinzento.

Terminada a leitura, conversavam os trez sobre o enredo e character dos personagens, que figuravam no romance, cujo desfecho Angela com muito empenho prophe-tisava.

Em seguida, Rosalina foi buscar a rabeça e Miguel executou expressivamente varias musicas de sua imaginação, não se esquecendo da ultima — *Teu nome*, que muito arrebatou e commoveu aquella a quem foi offerecida.

Com effeito desvanecia-se a rapariga com ser a inspiradora de tão bellas concepções,

e ficava enlevada, como a sonhar, bebendo pelo coração as melancolicas harmonias, que manavam do instrumento apaixonado.

Assim fugiam as horas tranquillias e esquecidas da visita, até que os sinos de S. Thiago tocavam a silencio; então descontinuava-se o recreio : Miguel despedia-se, beijando a mão da velha e a fronte da moça, e, depois de tomar o chapéo e a rabeca, partia cabisbaixo.

Ao sahir o músico, fechavam logo a porta; a luz desaparecia da sala e as duas mulheres recolhiam-se para o mesmo quarto, onde resavam e dormiam juntas; tudo isto era feito com cuidado e devagariinho, como se tivessem medo de accordar com o barulho a felicidade que se lhes agasalhára em casa.

Nas noites em que Miguel se demorava ou não ia como de costume, sentiam-se as duas mal e impacientes, e Rosalina encostava-se então, cantarolando, ás hobreiras da porta, e derramava, de vez em quando, um olhar de tristeza pela brancura do caminho. Emfim, o rapaz era já como pessoa da

familia; era, pelo menos, uma necessidade para ambas.

Aos domingos de primavera, o sol ao levantar-se ás cinco horas já os via de pé e em caminho para a missa. Então apparecia sempre um pretexto para demorar-se o passeio, que os levava em geral pelas casas das amigas de Rosalina, onde Miguel era já conhecido e estimado.

O que posso asseverar é que o lenço, com que Rosalina assistio á ultima missa, era presente de Miguel; e a gravata com que este no ultimo domingo se enfeitára, era feitura das delicadas mãos da sua presenteada.

Era tudo harmonia e amor naquella casinha branca!



## VII

Chegára finalmente o verão com o seu cortejo de luz e de alegria; Agosto surgira enfeitado e casquilho como um noivo campezino a cobrir de beijos e mimos a formosa ilha, sua noiva. Vinha alegre.

O céu, todo iriado, reflectia no mar os seus mais bellos cambiantes; as arvores, então bem cobertas e reverdecidas, derramavam no chão um alfombra azulada, cheia de languidez e perfumes que encantavam; a brisa sussurrava morna e maliciosa um segredo de namorados; golpeadas de luz quente, as rochas erguiam-se do mar como uns bellos monstros, enfeitados de diamantes.

Quanta actividade na terra!

Quanta doçura no céu!

O canto saia espontaneo das gargantas e os sorrisos dos labios, e de tal sorte se cavavam no ar, que o canto parecia riso e o riso parecia canto! A luz enorme do sol cahia filtrada dentro do coração, para ahi abrir uma aurora de mocidade e saude; a bondade vinha á superficie dos olhos como a agua vem á superficie da terra; propagava-se como um som a alegria, e a gargalhada detonava como o echo desse som.

Pousavam nos colmos os passarinhos ou embalavam-se chilreando nas hastes flexiveis das videiras. Como uma boa noticia, as andorinhas cortavam a ilha em todos os sentidos; inquietas como a fortuna, ligeiras como a curiosidade, ora roçavam-se na terra para lhe dizer um segredo, ora molhavam na bahia a pontinha negra da aza ou se desvaneciam no azul illimitado do espaço.

No mar o quadro correspondia em movimento e belleza de colorido ao da terra :

O oceano vestira uma domingueira camisa de rendas espumosas.

Por todos e de todos os lados singravam as listras multicores dos barcos pintados de

novo ; a espicha vergava com a vela reverberante e cheia. Os pescadores, satisfeitos com a pesca da noite, cantavam annunciando o peixe ; outros, já desembarcados na praia, estendiam as redes ao sol, arrastavam o barco, e punham-se depois a subir as granitosas ladeiras, suando, vergados sob o peso do resultado abundante das suas pescarias. O filhinho, mesmo pequeno, já ajudava o pae : mettia-se de pernas arregaçadas no mar, para colher o cabo do bote e as redes ; não o amedrontava a imponencia do leão marinho. Nas cabanas, as velhas concertavam o peixe e punham a meza.

Era para ver o riso, o appetite, a felicidade emfim !

De repente divisou-se ao longe um barco estranho.

Diferente e maior do que os mais, tinha um ar sombriamente soberbo, que contrastava com a alegre singeleza dos outros.

Vinha como uma bala á queima roupa !

Dir-se-hia um insulto alcatroado. A vela opada, amarellenta e inchada como o sacco de couro de uma gaita de folles, lembrava

ao mesmo tempo o ventre enorme de um cadaver que vae apodrecer.

Os pescadores olhavam-no offendidos como para um intruso; indignavam-se com o vento e com o mar porque tanto o favoreciam. Tinham ciumes, os bons pescadores, das suas aguas e dos sopros das suas brizas.

Todavia o barco não diminuia de carreira. Chegou rapido ao porto, desceu a vela e atracou.

Um homem robusto e carrancudo, seguido de marinheiros e homens acarretados de malas, appareceu na praia e subiu com pé firme á cidade.

Os camponezes e pescadores olhavam-no com aterrada desconfiança; dentre elles alguns davam mostras de conhecê-lo, chegando até a fallar-lhe. A tudo respondia seccamente o recém-chegado.

Fez impressão nas rodas.

Instantaneo e curioso silencio apoderava-se dos que o viam; não o largavam de vista; o — sujeito — era observado com respeito e reserva.

Os pescadores arriscavam com cuidado

palavra a respeito delle, murmuravam medrosos, mesmo quando já não podiam ser ouvidos pelo — máo homem — e em segredo diziam : era um *jetattura*, que os livrasse a Madona do máo olhado.

No emtanto o do máo olhadó seguia indifferente o caminho da casinha branca e d'ali a meia hora Rosalina abraçava o pae.

Maffei tinha chegado.

Foi um alvoroço em casa. Angela soltou uma exclamação religiosa e levantou os braços para o céo.

É sempre enternecedora a volta de um pae ao seio da familia.

Seja elle uma féra, nessa occasião ha-de ser pae.

As palavras começadas, que não se acabam; o pranto, que assiste como um amigo da familia; o cão, que fareja alvoroçado; tudo! tudo é enternecedor e santo!

Só Maffei não chorou nessa occasião.

Acariciava, beijando a filha, porém sempre aspero e inalteravel.

Disse depois que estava cansado e que lhe dessem uma cama

---

Em quanto dormia o aventureiro, Angela agradecia a Deus o seu regresso feliz.

Rosalina, com os olhos ainda humidos, remexia e examinava os objectos que lhe trouxera o pae.



## VIII

Foi se passando o tempo e o recém-chegado sem explicar a melhora da situação.

Tambem as mulheres não se animavam a interrogal-o; comprehendeu a boa gente que tinha melhorado de sorte, e a Madona por isso recebeu nessa noite uma grinalda nova toda perfumada.

Com effeito Maffei tinha enriquecido.

Em principio encontrou em Rezina a sorte adversa, porém, com energia e ambição soubera poupar e avultar um peculio, que, emprestado a juros e especulações mais altas, em pouco tempo se multiplicára. A economia rigorosa concluiu a obra, crescendo na razão directa do engrandecimento do capital.

Outros attribuiam a um principio illicito

essa riqueza; aqui diziam que Maffei roubára; ali, que a fortuna o protegêra, fazendo-lhe achar dinheiro nas escavações.

Sabemos que em Herculano não appareceu muito em dinheiro, porque a população tivera tempo de fugir, quando a cidade foi submergida; tambem sabemos que em Napoles ninguem se queixava de Maffei como ladrão, mas o que era patente e real é que o pae de Rosalina voltava rico, mais ambicioso e necessariamente peor de coração.

Luzia-lhe agora com mais intensidade no olhar a cubiça vermelha e sinistra, como um pharol no meio da tempestade.

E não havia por ventura uma tempestade naquella cabeça?

Sim! porém toda interior.

Não se ouviam os trovões nem os vendavaes, a revolução ia-lhe por dentro e só chegava á superficie da physionomia desfeita em espuma biliosa nos cantos arqueados da bocca e em sangue máo no vitreo dos olhos.

Isso era nos momentos de colera.

À monotonia bondosa da casinha branca

sucedeu a tristeza, especie de pavor, que cêrca o homem de má catadura.

Contra elle principiavam já a murmurar, na ilha, e, se até ali tinha tido poucos amigos, nenhum desses lhe restava agora. Em geral o malqueriam, davam-lhe a paternidade de coisas horriveis; crimes medonhos, maldades atrozes, tudo servia para explicar a sua imprevisita fortuna.

Todavia, se bem que contrariado e só, ia elle vivendo, fallava menos e com mais indelicadeza; durante o somno, balbuciava palavras singulares. Frenetico e aborrecido, agitava-o sempre a mesma impaciencia e o mesmo cogitar.

Quaes seriam as suas intenções?...

Não o sabiam as mulheres, nem se animavam a perguntar-lh'o.

Com todas estas coisas ia avultando a tristeza na casinha branca. Rosalina já não era a mesma cotovia alegre e bolicosa, cantadora e risonha; se cantava agora, era triste e suspirando. E as suas notas e suspiros iam, repassados de muita saudade, em busca de Miguel, que, ao chegar o seu velho inimigo, arrancara-se dali, como o

galho despartido que o furacão arremessa com estrondo ao longe.

Angela, cada vez mais devota, passava agora a maior parte do tempo a rezar.

Desconsolado se tornára esse lar, que já n'algum tempo fôra vivo quadro de paz e felicidade.

Agora o quadro era sombrio.

Tres unicas figuras formavam o primeiro plano. — Um velho aspero, que scisma — uma devota, que reza — uma filha, que suspira; e lá, no ultimo plano, meio escondido nas nevoas do poente, um vulto esbatido nas meias tintas do horizonte — um homem, que chora abraçadô a uma rabeça. Ah! ainda ha no quadro uma fórmula negra, mais um borrão que uma figura — o cão.

Tambem vivia triste e chorava o animal, que em noites de luar soltava uns uivos tão arrastados e queixosos, que enterneciam o coração da gente.

## IX

Assim decorreram duas estações, impregnadas, com a vinda de Maffei, de aborrecimento e marasmo.

Uma noite estavam todos reunidos em volta da meza; era a hora da ceia. Rosalina servia, preocupada, um prato de peixe com lentilhas; reverberava-lhe nessa ocasião uma esperança n'alma, tinha de todo resolvido fallar ao pae a respeito de Miguel.

Angela conhecia os planos da pupilla e prestava-se, se fosse necessario, a ajudal-a.

A refeição passou-se silenciosa; ao terminarem-na, quedaram-se por meia hora, immoveis nos seus logares, mudos.

Ouvia-se lá fóra bater o vento nas oliveiras, ouviam-se as cantigas longinquas dos pescadores nas praias oppostas.

Rosalina, com as mãos frias, trouxe a Maffei o cachimbo.

O velho poz-se a fumar voltado para o lado da rua e a seguir com a vista o caminho, que lhe nascia á porta. Estava sombrio como nunca.

Faltava a Rosalina, animo de fallar ao pae; finalmente, tomando uma resolução extrema foi-se-lhe encostar ao grosseiro espaldar da cadeira.

O homem de tão preocupado não se apercebêra disso; um beijo da filha despertou-o, porém não o commoveu. Refractario á ternura, continuava seccamente a fumar.

Rosalina, cujo coração pulsava cada vez mais impetuosamente, passou-lhe um braço em volta do pescoço, e, com a mão livre messando-lhe os cabellos; entre o receio e o desejo, mais medrosa do que terna:

— Estou triste!

— Porque? interrogou indifferentemente o pescador.

Angela ouvia com interesse este dialogo.

— Tenha medo de pedir-lhe uma coisa...

— E porque tens medo? insistiu o velho, sempre a fitar machinalmente a estrada.



— Porque vae ralhar commigo.

— Então queres pedir-me alguma tolice?...

— Não senhor!...

— Então pede...

— Promette não se zangar?...

— Sim!

— E quando souber que tenho um namorado? disse abaixando os olhos Rosalina, porém agora mais terna do que medrosa.

Ao ouvir as ultimas palavras da filha, Maffei tirou vagorosamente o cachimbo da bocca e voltou-se, cravando nella os olhos vivos e interrogadores.

A rapariga estremeceu empallidecendo, sentia-se já arrependida do que houvera arriscado e com difficuldade conseguiu dizer vacillante — Não senhor! não tenho!

— Com que, tens um namorado?! repisava entre dentes o pescador, ruminando a phrase.

Rosalina conservava o olhar baixo e, perturbada, alisava com a unha do pollegar da mão direita a costura do corpinho.

— Com que, tens um namorado?!... repetia o velho.

— Porém — disse tremula e sem levantar os olhos Rosalina — elle me quer tanto! e eu estou tão affeita a vel-o... e abaixando mais a voz, quasi a fallar comsigo, continuava — que era um bom moço, trabalhador, e que tudo era para bem, elle queria espozal-a, que...

— Quem é? interrompeu asperamente Maffei.

— É... é... Miguel Rizio...

Um raio não produziria o effeito desta revelação. A physionomia do velho alterou-se apopleticamente; firmado nas plantas, levantou-se, como impellido pelas molas da colera e descarregou com bruta excitação na meza, o punho cerrado e nervoso.

Foi um avermelhar d'olhos, um crispar de labios, um contorcer de nervos, mais rapidos que o relampago. Estava transformado.

— Miguel Rizio! um miseravel!...

E ria-se ironicamente.

Rosalina, toda tremula, tinha a cabeça baixa e o olhar arrependido; apertava-se-lhe naquelle momento o coração, como se tivesse commettido um crime; dos labios,

semi-abertos, fugia-lhe um vozear frouxo e tremulo, como um cardume de mariposas.

O vulto sombrio e preocupado do velho começou a passeiar automaticamente de um para o outro lado da casa.

Tinha na physionomia o sobresalto do marinheiro em perigo, nos movimentos umas ligeiras crispações, que lembravam o balanço do navio.

Era um capitão no seu tombadilho; as sombras do passado e do futuro, as vagas do grande oceano que o embalava; a confissão da filha, o vendaval.

E assim passeiava sem se dirigir a ninguém; fallava sem se voltar para Rosalina, parecia conversar com Deus, ou com o demonio! Saíam-lhe da bocca as palavras escandecidas e asperas como as pedras de um vulcão.

— E necessariamente elle vinha cá!... E eu ignorava que a minha casa era frequentada por um Miguel Rizio!...

E voltando-se depois para a filha, como se fallasse a um marinheiro, exclamava em tom de ordem :

— Não quero casar-te com um maltra-

pilho daquella laia! Entendes?! Elle bem o sabe, que me evita, o miseravel!... Tenho-te reservado — nome e posição! — So-mente de ti depende a minha e a tua felici-dade, pelo menos emquanto fôres bella! Nada tenho que receiar daquelle mendigo, porque partimos depois d'amanhã para Na-poles! Veremos se o maldito *lazaroni* vac-lá perseguir-nos! E quanto a ti — bradou elle com mais força, apresentando a cara defronte da de Rosalina — quero que não o tornes a ver!... Entendes?!...

— Sim senhor — fez timidamente Rosa-lina.

## X

Ir para Napoles!

Viver na grande capital, com opulencia, belleza, mocidade, saude, alegria, admiradores; isto é, realizar o mais dourado dos sonhos, a mais sonhada das esperanças, o desejo mais querido e a mais brilhante espectativa do coração de uma mulher bella e vaidosa.

Tal era o quadro que Maffei descortinava aos olhos fascinados da filha, tal era a cornucopia abundante, cuja fortuna suffocava de alegria o coração, ainda tenro, de Rosalina.

Do fundo da sua obscuridade, sentia a formosa filha do pescador as convulsões da perola nas profundezas do oceano.

Era a sede formidavel de luz e de brilho!

de admiração e de inveja! a febre de apparecer e offuscar! O direito da belleza e a impaciencia do ouro!

Vaidade! vaidade grosseira da carne! que suppõe desperdicio esquecer na ostra singela e honesta a joia digna de se romper na cabeça de um rei!

Vae, criança sonhadora! E que te hajas tão ditosa que para ti Napoles seja sómente o que o diadema de uma princeza é para uma perola.

Porém Miguel?! O querido namorado de Rosalina?!...

Oh! que imprudencia... lembrar uma lagrima, quando se trata de todo um futuro de prazeres e galas!

Quem se importa da petala de rosa, que o trem faustoso do rico, ao passar altivo, esmagou no caminho?!

Todavia Miguel era um ponto sensivel e doloroso nõ coração da moça ambiciosa. A despeito de tudo, ella ainda o amava, e, no meio dos sonhos de grandeza, tinha para o pobre artista um suspiro de amor e saudade, ainda o via, no fundo brilhante do seu quadro de irradiações e alegrias, som-



brio, triste, meio espectro, meio homem, a chorar talvez, com certeza a soffrer. Via-o ella, esbelto e delicado, contra a luz das suas esperanças, e sentia projectar-se no disco iriado de seu coração a sombra negra desse vulto querido.

Não ha felicidade, por mais completa, que se não resinta de uma mancha ao menos!

Todo e qualquer obstaculo, por mais mesquinho e miseravel que seja, produz uma sombra relativa.

Subtraiam todos os mundos, todos! que o firmamento fique um *nada* infinito. Então deixem brilhar unicamente o sol, isolado e egoista. Só elle! e a sua luz a perder-se pelo nada.

Não se pôde certamente julgar mais completa e inteira luz; pois bem, tragam depois um grão d'areia, só um! colloquem-no de frente do sol e será perturbada essa immensa pureza de luz! Um mesquinho grão de areia contra a enormidade da luz do sol! Todavia o grão d'areia será uma sombra!

Assim tambem grande e cheia era a taça de nectar, que Maffei entregára á filha,

porém nessa taça havia uma gotta de fel :  
era o amor do artista.

A fortuna passara a cobrir Rosalina de  
beijos, porém nessa aluvião de caricias foi  
de envolta uma arranhadura.

Pobre Rosalina!

E neste vacillar, entre a felicidade e a  
dôr, entre o bem e o mal, escrevêra a Mi-  
guel uma carta, contando-lhe, com honesta  
franqueza, o que se passára, e prometendo-  
lhe uma entrevista, ás occultas do pae.

O rapaz ficou fulminado ao receber a no-  
ticia; entretanto, soffreu todas estas coisas  
affectando a mais indifferente tranquill-  
idade. Exteriormente parecia no seu estado  
normal de tristeza e intelligencia, e com-  
tudo não conseguiria, se o tentasse, ligar  
duas idéas.

Tinha a lucidez no olhar, porém as tre-  
vas no cerebro!

De queixas, nem vestigios!

De resignação — todos os symptomas!

Depois da chegada do pescador, o musico  
nem cuidava de si; esquecêra obrigações e  
talento!

Coitado! Sem familia, sem um amigo ao

menos, um companheiro com quem dividisse fraternalmente o seu infortunio, soffria, o desgraçado, essa dôr ignorada, que só tem uma expressão — a lagrima; só sabe um caminho — o do tumulo!

## XI

A casinha branca ficava situada em um dos extremos da ilha, para as bandas do nascente.

Era um ponto magnifico.

A modesta e sympathica vivenda olhava de frente, podemos dizer, sorrindo, para a estrada, que conduzia ao centro povoado da ilha; do fundo saia-lhe correndo, em distancia de seiscentos passos, a nossa já conhecida alameda de oliveiras, cujo solo formava um declive suave e fertil, plantado de ambos os lados, com variedade e gosto, até onde o terreno ia pouco e pouco se tornando mais ingreme e esteril com a vizinhança do mar.

Então principiava uma ladeira pedregosa, que ia acabar, em grande distancia,

n'uma ampla e formosa praia, de areias claras e batidas livremente pelos ventos.

Do lado direito, avizinhava-se o mar, entre o qual e a casa, interpunha-se somente uma clareira, onde Rosalina costumava sentar-se á tarde, e uma moita de espinheiros, especie de cerca natural, que ali entrançara a natureza, para servir de ameias, que resguardassem as bordas perigosissimas desse lado.

Do esquerdo, o espaço entre o mar e a casa era desproporcionalmente maior, porém menos cultivado e coberto de uma vegetação enfezada e má. Por entre esse mato nascia uma picada, tão irregular e confusa, e tão difficultada pelos abrolhos e sarças, que quasi não se deixava perceber; e tanto mais ingrato era o solo, quanto mais se afastava da casa.

Perto desta era a terra cultivavel e solta, mas ia gradualmente se tornando calcari-fera até chegar ao estado de pedra, á proporção que se approximava das bordas da ilha, terminando por um pedregulho alcan-tilado, inteiramente liso e escorregadio, pelo salpicar constante do pó humido das va-

gas, que se despedaçavam contra elle.

A rocha ficava a pique sobre o mar, um precipicio medonho!

Nas noites claras do estio, alguém que trepasse á penedia até galgar os alcantis aprumados e reluzentes, abrangeria, só com um abraço de olhos, a immensidade dos horizontes celestes e marinhos; e se, chegado á borda do abysmo, se debruçasse um pouco sobre a ingremidade da rocha, julgar-se-hia solto no espaço, sem ligação alguma com este mundo e só preso a Deus pelo espirito.

Então sentiria debaixo dos pés os soluços espumosos das ondas, e sobre a cabeça a linguagem energica do nordeste, revelando á natureza adormecida os mysterios da criação dos mundos.

E o mugir dos ventos e o rugido colerico do mar lhe pareceriam, nesse instante de transporte, o resumo supremo de todas as forças, de todas as paixões, de todas as virtudes, de todos os vicios, de todas as tempestades dos homens e de todas as tempestades dos elementos; chegar-lhe-hiam



ao coração como o index fabuloso do universo.

Assim, medonho e bello, era o lado esquerdo da casinha branca, o que o tornava desprezado e quasi ignorado, a não ser pelas gaiivotas e outras aves aquaticas, que lá subiam nesses cumes, á procura do pouso e da solidão.

## XII

Tinha começado o inverno e, apesar disso, a noite marcada para a entrevista dos dois amantes era tão serena, que faria chorar de inveja a vaidosa primavera.

Nem uma nuvem perturbava o aspecto ingenuo e puro do céu.

As oliveiras solitarias e esguias, como toda a vegetação de Lipari, em virtude da leveza da atmospheria, beijavam-se voluptuosamente, impellidas pela brisa fresca do mar, e projectavam no chão, contra a luz da lua, uma sombra de triplicado comprimento.

O vento estorcia-se, uivando como um doido de azas e redemoinhava em torno das oliveiras, cujas sombras desenhavam na aspereza do solo phantasmas singulares

e monstros extravagantemente disformes.

Às vezes o doido mudava de rumo e quebrava no ar o murmúrio das cantigas dos pescadores, que estendiam a rede do lado do poente.

E assim vagavam, soltas e desarticuladas no espaço, vozes confusas e disparatadas.

O mais dormia silenciosamente.

A casinha branca parecia, ao luar, embrulhada com frio, n'um lençol de linho alvo,

A lua aborrecia-se, coitada! no seu eterno isolamento!

### XIII

Por volta das dez horas da noite um barco costeava a ilha pelo lado da praia.

De vez em quando o vento, caprichoso e vadio, trazia de rastros alguns fragmentos de uma bella barcarola, que necessariamente vinha do barco. Eram as notas de uma chorosa rabeca, especie de harmonia chorada, ou melhor, de pranto harmonioso. O certo é que, musica ou pranto, doia á gente ouvir soluçar d'aquelle modo. Se fosse possivel fazer do coração um instrumento e tangel-o, com certeza havia o som de ser o mesmo que então se ouvia.

O barco vinha-se approximando lentamente da praia, e lentamente ia-se calando o instrumento; d'ahi a pouco paravam ambos, e um vulto de homem, com ares de pescador, soltando o ferro, pojava na areia.

O barqueiro depositou a rabeca sobre um dos bancos de seu barco, conchegou melhor o capote de pescador e, dando alguns passos pela praia, encarou a silenciosa ladeira, frouxamente clareada pelo luar.

Miguel não faltára á entre-vista, porém, temendo vir pela estrada e ter que passar pela porta de Maffei, resolvêra entrar pelo fundo, disfarçado em pescador; precauções necessarias para não ser descoberto pelo pae de Rosalina. O mar sempre era mais seguro.

Posto em terra, atravessou o espaço, comprehendido entre a agua e a ladeira e deitou a subir cautelosamente.

Subiu sempre até encontrar a primeira arvore; ahí parou e ficou a escutar.

Era tudo absolutamente silencioso.

Miguel encostou-se ao tronco da arvore e esperou.

Sentia-se mal, o pobre moço! Desde que recebêra o bilhete de Rosalina, meditava um meio de salvar a situação, e, por mais que dêsse voltas á cabeça, nada descobrira.

Agora, prestes a vel-a, encostado á oliveira, com o cotovelo direito na mão es-

querda e com a outra escondendo o rosto, fazia castellos magnificos e desfazia-os, com a mesma facilidade. Imaginava as coisas mais absurdas, os projectos mais irrealisaveis.

Lembrava-se de raptar Rosalina, fugir com ella para qualquer parte; ou empregar-se em Rezina, como operario, e especular, como fizera Maffei; ou deixar-se morrer; ou matal-a.

Emfim, mil outras idéas deste genero encontravam-se, debatiam-se, a morderem-se sangrentas, no cerebro molesto do pobre rapaz, como, na mesma patria, irmãos se devoram e matam em tempo de guerra intestina.

Assim permanecia elle estatico, com o rosto escondido na mão esquerda, invejando interiormente a tranquillidade feliz da natureza, que parecia adormecida a sonhar amores.

— A terra, essa boa mãe — pensava elle — tambem tem um coração : Ás vezes parece soffrer, porque geme; sentir alegrias, porque ri; amar, porque soluça; emfim não podia deixar de ter um coração, porque é mãe.



## XIV

Em quanto Miguel, encostado á arvore, era todo meditação e scismar, do alto indeciso da ladeira alvejava um vulto tremulo, cujas roupagens fluctuantes se desvaneciam nas sombras transparentes da noite.

O coração do moço estremeceu, como o ferro quando se avizinha o iman : era Rosalina que se approximava.

Com aquella cega e santa confiança, que as singelas camponezas têm em si, com o desamparo dos corações que não se arreceiam das trevas nem da luz, descia a ladeira, descuidosa, a filha do pescador, procurando descobrir nas sombras o vulto querido do seu amante.

Assim que o divisou, deitou a correr francamente para elle com os braços abertos.

Mais parecia descer voando, que correndo; Miguel com os olhos do coração via-lhe as azas, que a amparavam no vôo.

O vento, repuxando-lhe para traz as saias e os cabellos, contornava-lhe a redondeza correcta da cabeça e as curvas voluptuosas e macias do corpo; era como se a mão invisível de um gigante a segurasse por traz, e pouco e pouco a viesse approximando dos labios de Miguel.

Nessa occasião para elle Rosalina mais que nunca parecia um anjo; para os amantes — vir de cima — é sempre baixar do céu quando se trata do objecto amado.

Era aquillo um descer vertiginoso e quasi phantastico: as pedrinhas do chão desprendiam-se e rolavam com ruido até á praia; os bellos e adestrados pés de Rosalina corriam pelo solo conhecido, com a facilidade com que deslizam pelo teclado os dedos de um mestre de piano. Atravesando a alameda, ora recebia em cheio o luar pelos claros da folhagem e pelos espaços de entre as arvores, ora se cobria rapidamente de sombra, para reaparecer logo na luz. Miguel correu ao encontro de

Rosalina, recebendo-a em cheio nas braços.

Vinha offegante de cansaçó, e nesse estado se abandonava de si, para de todo se entregar negligentemente aos braços do amante.

Assim ficaram por algum tempo silenciosamente abraçados; ella a respirar sofregamente e elle a faltar-se de vel-a, queimando-a com esse olhar, que parece o reflexo vermelho do incendio que vae pelo coração.

Desabraçaram-se para segurar as mãos um do outro; os amantes, quando sós, nunca têm as mãos ociosas.

— Oh! como estão frias! disse Rosalina, tomando entre as suas as de Miguel.

— Tenho-as frias como tenho despedaçado o coração. Não ha calor nas ruinas! — volveu tristemente Miguel e recolheu-se a scismar; porém, pouco depois, tomado de subita agitação, ergueu com força a cabeça e rompeu a fallar desordenadamente, como se a dôr, que desde a vespera prendêra em ferros, rebentasse á vista de Rosalina medonha e troadora, rompendo cadeias, violando reprezas.

— Ouve, Rosalina! Eu tinha uma fortuna, uma esperança, uma alegria, uma unica felicidade, desde o principio de minha vida, isto é, desde que te conheço, meu amor! Teu pae entendeu para si de transformar n'uma chaga sempre aberta isso que era o meu unico sorriso. Vaes partir para Napoles e vaes rica; conheço bem os costumes dessa cidade : são máos e perigosos, principalmente para os ricos! Serás porventura a mesma quando lá te vires, cercada de opulencia e de adula-dores?... Essa duvida é que me mata!...

E soluçou.

— Miguel!...

— Tenho medo, minha Rosalina; póde muito a ausencia! tenho medo de que te esqueças por uma vez do pobre artista! E que seria de mim se me deixasses de amar? Desapparece, e nada mais aqui fica que me aproveite! Apaga a luzinha que conduzia o viajante, e vel-o-has perdido; toma o cã-jado ao cego, e vel-o-has cahir; priva do sol a planta, e vel-a-has murchar; arranca do desgraçado a crença em Deus, e vel-o-has succumbir. Pois bem! Tu és a estrella

que me guia ao futuro, o cajado que me ampara na vida, a luz que me dá crenças e a crença que me dá forças. Desapparece e eu cahirei nas trevas e morrerei sem crenças! Repito, Rosalina! — disse Miguel commovido e enxugando as lagrimas — Repito! tenho medo que te esqueças para sempre de mim!

— Não, meu amigo, não me é mais possível esquecer-te — volveu a moça, chegando para si o amante e passando-lhe os braços em volta do pescoço. — O amor que te tenho, meu amigo, não entrou neste coração já feito e desenvolvido, não! elle aqui nasceu, fecundado por ti, foi pequenino e hoje está crescido, eduquei-o pouco a pouco, como se educa um filho querido, que sae de nossas entranhas; amamentei-o com a minha primeira esperança; alimentei-o depois com a tua dedicação; santifiquei-o ao calor religioso de teus sacrificios e finalmente robusteci-o ao clarão vivificante do teu talento. Amei-te, porque és nobre, forte e dedicado! Hoje o nosso filho querido, o nosso amor é dono absoluto de mim; o coração, com a fraqueza de mãe,

habitudo a fazer-lhe todos os caprichosinhos, já não reage. E parece-te que eu seria capaz, que poderia, ainda se quizesse, enxotal-o de casa? Não sabes que depois da recusa de meu pae eu mais e mais te quero? Oh! mas elle consentirá em tudo! meu pae é bom e ainda não te conhece bem; logo que assim aconteça, gostará necessariamente de ti. E muito mais sabendo que eu te amo tanto e tanto!

E dizendo isto, Rosalina cada vez mais estreitava o amante com carinho.

E elle, com os labios juntos aos della, sentia cahirem-lhe dentro aquellas palavras como beijos incendiados.

Todas as trevas de seu passado dispersaram-se espavoridas como um bando de aves negras ao contacto da luz d'aquelles beijos. Sentia-se novamente feliz, d'essa felicidade, ou talvez, dessa vaidade que enche os corações ainda moços e enamorados, quando embevecidos recebem dos labios da mulher amada a confirmação da propria fortuna. E assim foi que Miguel, possuido do inesperado contentamento, rindo e cho-



rando, murmurou em segredo e desordem junto aos ouvidos de Rosalina :

— Falla! falla! meu amor! Continua a dizer dessas coisas! Enlouqueço de te ouvir dizer assim a nossa felicidade! Dize! Dize que me amas muito e que me amarás sem fim!

E o roçar dos lábios dos amantes desprende um beijo, semelhante á chispa, que o attrito do ferro levanta da pedra.

Uma faisca é sempre perigosa : póde fazer explosão!

Subito, um jacto de luz vermelha inundou rapido o grupo abraçado dos dous amantes.

Se Satanaz existe, deve ser dessa côr a sua aureola.

Rosalina soltou um grito horrorizada, grito igual ao da cotovia ao sentir a bala do caçador, e cahiu sem sentidos nos braços de Miguel, que, immovel, hirto, chumbado á terra, parecia uma estatua de bronze, tendo nos braços uma mulher bella e pallida, de uma belleza e de uma pallidez de marmore.

## XV

Continuava o sopro brando e sussurrante da brisa do mar.

Rosalina tinha a cabeça pendente para a terra e os seus cabellos, indifferentes, brincavam ao soprar travesso da brisa com as pedrinhas soltas na ladeira.

O silencio principiava a coalhar.

A cinco passos de distancia, de pé, com uma lanterna furta-luz na mão esquerda, e com a direita sustentando uma machadinha de abordagem, estava do alto Maffei, pallido de raiva, com a bocca cerrada a salivar biles.

Luzia-lhe o olhar com a mesma vermelhidão da lanterna; os cabellos empastados de suor, cahiam-lhe humidos pela testa. Estava medonho.

Era um quadro sombrio e lugubre.

A figura austera do velho, mergulhada na penumbra, contrastava com o grupo iluminado do primeiro plano. A atmosphera começava de se fazer carregada e pouco e pouco escondêra a lua.

O foco da lanterna augmentava a densidade das sombras, onde os olhos de Maftei brilhavam como os de um gato bravo. Esse olhar tinha as phosphorecencias da pupilla do tigre.

O desgraçado Miguel sentia mais que nunca a influencia magnetica d'aquelles olhos que o fitavam da escuridão; afiguravam-se-lhe a propria sombra a espial-o.

Nessa occasião a lanterna tinha um que de humana e atrevida : parecia uma cara risonha e ironica contrahir-se no vidro sujo de pó e a deitar para fóra a lingua comprida e ensanguentada, lingua de luz, cuja claridade doia como um insulto.

Quando essa claridade cahiu em cheio no rosto de Miguel produziu-lhe o effeito de uma bofetada. Estremeceu e corou de vergonha.

Felizmente voltara-lhe o sangue frio.

O velho, com um gesto imperioso e grosseiro, ordenou-lhe que o acompanhasse; Miguel machinalmente abaixou a cabeça, em quanto Maffei, sempre calmo, deu-lhe indifferente as costas e poz-se a subir a ladeira.

Rosalina permanecia sem sentidos nos braços do amante, que, com tranquilla delicadeza, segurou-a pelos joelhos com a mão direita e com a esquerda amparou-lhe a cabeça languida, e, como uma mãe faria ao pequenino, deitou-a carinhosamente no collo; depois, segurando-lhe as costas com o braço, fel-a descançar com cuidado a cabeça em um dos seus hombros, e começou a seguir silenciosa e vagarosamente o velho.

A luz da lanterna ia gradualmente amortecendo, á proporção que no céu o negrume se desenvolvia.

No meio do silencio destacavam-se os passos cadenciados do velho e o ranger de galhos e folhas seccas, que o outomno arrojára ao chão.

Um ou outro passarinho, enganado pela claridade da lanterna ao passar Maffei,

piava do seu esconderijo, cumprimentando o dia artificial.

Quando a gente sobe uma ladeira, qualquer peso estafa logo e parece avultar extraordinariamente.

Depois de cincoenta passos Miguel sentiu-se exausto. A proporção que ia subindo, mais ingreme, mais pedregosa e mais difficil era a ladeira; firmava o pé, e a pedra em que o firmava desprendia-se a rolar ruidosamente até a praia; então o equilibrio e a agilidade substituiam as forças, que aliás lhe minguavam.

Para animar-se apertava de vez em quando o corpo de Rosalina, ao que a desfallecida respondia com um suspiro tranquillo e duvidoso, como o resonar de uma criança adormecida.

Porém pouco e pouco foram desapparecendo os ultimos recursos e reproduzindo-se as difficuldades: o suor jorrava em bagas da frente do moço; as pernas tremiam-lhe; a vista perturbava-se; a lingua secca; o coração doido; a cabeça perdida; a respiração cada vez mais demorada e mais forte. O corpo de Rosalina parecia de

chumbo; o cansaço fizera delle um corpo de gigante. Ora desanimava, ora reagia; as forças iam e vinham. Era um vae-vem de agonias.

E nessa vertigem acompanhava elle com a vista esgasiada a luz vermelha da lanterna, que gradualmente ia se afastando, diminuindo sempre.

Sem saber porque, ligava certa correspondencia entre as proprias forças e o bruxolear tremulo da flamma; parecia-lhe que, extincta aquella luz, faltar-lhe-ia o animo para o resto do caminho; pedia mentalmente a Deus a vida para ella, com o mesmo fervoroso interesse como a pediria para si.

Comtudo, a lanterna estava já nos seus ultimos arrancos.

O velho tinha com vantagens de forças augmentado o espaço entre si e Miguel; mais dez passos, oito! cinco passos! dous... e chegou!

A lanterna escondeu-se, a luz desapareceu para Miguel. O rapaz vacillou, ia cahir! Equilibrou-se!...

Um vozear confuso e penetrante parecia-lhe dizer aos ouvidos — Animo!



Um esforço mais! Um ultimo arranco!  
O moço reuniu os destroços de suas forças; beijou com os labios cobertos de suor o rosto gelado de Rosalina, e cortou de carreira os ultimos trinta passos que lhe faltavam.

A lanterna crepitára o seu ultimo clarão, podemos dizer, o seu ultimo suspiro, brilhou mais forte e morreu!...

Nisto Miguel acabava de atravessar a porta do fundo da casinha branca e cahia desamparadamente no chão, com Rosalina a seu lado.

Desabou, quasi morto.

O suor corria-lhe de todo o corpo; a caixa dos pulmões erguia-se e abaixava-se com a sofreguidão de um folles enorme fazendo grande rumor a respiração ao sahir; a voz desapparecêra; as palpebras fecharam-se; o suor convertêra-se em humidade pegajosa e doentia, como a ultima transpiração de um tísico.

Sentia vertigens e vontade de vomitar. Era um incommodo comparavel ao enjão do mar.

## XVI

O pescador foi ao interior da casa e pouco depois voltou.

Com a presença do velho, Miguel ergueu-se de um pulo — era outra vez um homem.

N'um dos angulos sombrios de um quarto, Angela, ao clarão minguado da luz do azeite, orava á Madona; a claridade mortíça do nicho escorria até á varanda e batia em cheio na pallidez nublada do rosto de Rosalina. Estava sinistramente encantadora.

Maffei approximou-se della, arrastou-a até o leito e voltou.

Um gemido da desfallecida attraheu para ahi no mesmo instante Angela; para os corações extremosos, um gemido é sempre um appello urgentissimo.

Voltava o velho com as mãos vazias e o olhar tranquillamente feroz; Miguel não era covarde, esperou-o sereno, de braços crusados.

— Precisamos nos entender, disse Maf-fei com aspereza. Venha! E tomou o lado dos abrolhos, á esquerda da casa.

Miguel seguiu-o silenciosamente.

Entranharam-se na picada e desappareceram.

O caminho não era frequentado, como que se tornava mais difficil e em parte quasi intransitavel.

Miguel apenas o conhecia; o velho, porém, apesar dos obstaculos e do negrume da noite, que se tornára sombria, caminhava desembaraçadamente e até com pressa; o outro seguia-o, perdendo-o ás vezes de vista, cortando com difficuldade a vegetação enfezada, que lhe obstava a passagem; os galhos chicoteavam-lhe as pernas e o rosto; diversas partes do corpo sangravam com os espinhos, duas gottas de sangue, que lhe corriam pela face, lembravam duas lagrimas vermelhas.

Depois de vencerem duzentos difficultosos

passos, deram subitamente com a rocha; achavam-se defronte do mar.

As lufadas fortes do vento annunciavam proxima tempestade.

O tempo parecia colerico e os dous homens calmos e sombrios.

O velho assentou-se tranquillamente na unica pedra solta que havia e com um gesto convidou o companheiro a fazer o mesmo.

Miguel acceitou o convite e ficaram juntos.

A pedra era pequena, o que os obrigava a ficarem encostados, unidos, sós, como dous bons amigos de infancia.

Depois de algum silencio, Maffei abriu a fallar, porém era como se o fizesse por mera formalidade; fallava como se estivesse lendo, era como se proferisse as phrases convencionaes de um juramento perante um tribunal. Aquellas palavras methodicas e sem expressão verdadeira lembravam a missa. O velho fallava como um padre.

— Theodoro Rizio, principiou elle, viveu para vergonha sua e da familia. — Era devasso e encontrado constantemente bebedor

pelos alpendres ; foi accusado de assassino e morreu preso n'uma prisão de Leorne. Sua desgraçada mulher não o sobreviveu por muito tempo, morrendo pouco depois, de tísica, dizem uns, de miseria, dizem outros ; de vergonha, digo eu.

— De desgosto... emendou Miguel, de véras chocado com as palavras grosseiras do pescador, que lhe cahiam na cabeça, pesadas e inteiriças, como parallelepipedos de pedra.

— Não é isso verdade?... perguntou Maffei.

— É, fez seccamente o moço.

O velho continuou sacudindo os hombros, cada vez mais authomaticamente.

— Ficou desses desgraçados um filho ; não sei se herdou do pae todos os vicios, porém é certo ter herdado toda a miseria, que o fez perigrinar pelas ruas de Roma, sem pão, sem lar, sem familia. É isto ou não verdade?

— Meu pae, disse humildemente o filho de Theodoro, não me deixou miseravel, deu-me uma rabeca e ensinou-me a tirar della o pão para a bocca.

— Mas foste um vagabundo!

— Fui.

— Bem, continuou o velho. Eu tambem fui pobre, eu tambem tenho familia, no emtanto nunca fui desgraçado!

— Porque foi sempre feliz, disse indifferente o moço.

— Mas sou muito ambicioso! muito! Entendes?! disse o velho arregalando os olhos e batendo convulsivamente na perna de Miguel.

— Já o sabia, respondeu este com calma.

O velho continuou como se fallasse para si:

— Fui pobre, é verdade, mas trabalhei e trabalhei muito e por muito tempo, para ajuntar alguma coisa; poupei, especulei e consegui enthesourar ainda mais! Hoje sou rico! bastante rico! Entendes? Porém, mais do que nunca ambicioso. Preciso de minha filha para subir, talvez venha a ser nobre, e não para dar-t'a a ti ou a outro qualquer bohemio.

O moço resmungou alguns sons inintelligiveis.

— Bem sei, proseguiu mais brando o



velho, de tudo quanto se tem passado; Rosalina soffrerá, por isso que te ama, mas espero que em breve esteja tudo acabado. Tu ficas aqui e nós partimos. Por ora acceita isto para te arranhares.

E assim dizendo procurou metter na mão de Miguel uma bolsa com dinheiro, que tirára da algibeira.

— Guarde-o! disse este com altivez. Não preciso de esmolas!

— Não queres então accectar? insistiu Maffei.

— Não! disse resolutamente Miguel, levantando-se.

— Comtudo creio que não nos apparecerás em Napoles...

— É impossivel!...

— Impossivel?!... perguntou Maffei, cuja colera principiava a transpirar. E que vaes lá fazer? Sim! que vaes buscar?!...

— Ver Rosalina... disse naturalmente Miguel, procural-a, dizer-lhe que a amo e amarei sempre!

— É essa a tua resolução?

— Até á morte.

A resoluta calma do artista incendiou o animo do velho, e, transformando-o rapido como um raio, assistiu-lhe sangrenta a raiva por todos os poros, como se dentro lhe rebentasse uma aneurisma de colera.

Rangiam-lhe os queixaes, roncava-lhe a respiração, partiam-lhe chispas diabolicas dos olhos; as unhas, de tão cerradas, sangravam-lhe as palmas. E medonho e insolentemente nervoso, levantou-se cambaleando.

Cravou por algum tempo no moço o olhar esfogueado e com uma voz, que seria a do tigre se o tigre fallasse, bradou :

— Preferes antes morrer! desgraçado! a deixar de vel-a? Não é isso?! falla!

O velho roncava estas palavras na posição da fera que arma o pulo. Firmado nas plantas, com as mãos abertas como duas garras, encarava feroz Miguel, como suspenso á espera da resposta suprema.

O amante de Rosalina, depois de breve perturbação, meneou a cabeça affirmativamente.

Este gesto foi o grito de guerra :

Um bramido selvagem ecoou nas cavernas do peito do velho! E a panthera arremetteu contra a victima!

Abalroaram-se!

## XVII

Entretanto as nuvens negras cresciam no céu, como os phantasmas crescem na sombra, como o remorso cresce no coração, como a ferrugem cresce no ferro e como a ulcera cresce nos pulmões.

Em pouco o céu se convertera em trevas.

O mar, cada vez mais encarapinhado, quebrava-se de encontro á rocha, salpicando-a de cuspidurasespumosas e grossas, como as de um ebrio.

Com este salivar a pedra se tornava mais e mais escorregadia. Já o pé não encontrava resistencia.

Peito a peito, braço a braço, luctavam os dois homens; ora escorregava um e se firmava no adversario; ora cambaleava o outro e restabeleciam o equilibrio.

A lucta continuava.

Abraçaram-se mais. Estreitaram-se com o frenezi de dous amantes moços que se encontram depois de longa ausencia.

E luctaram!

De repente deslocou-se o ar com a detonação da quêda de um só corpo.

Foi uma quêda para dois; rolavam formando um só vulto.

Lembrava aquillo uma besta informe nas agonias da morte: os dois formavam uma fera.

Era a mocidade fundida na colera de um velho. A força dos vinte annos e a colera dos cincoenta eram o motor dois do bruto negro, que engatinhava, rolava e se torcia na lisura da pedra, um monstro marinho, fóra d'agua.

Á claridade phosphorica do mar a besta movia-se em todos os sentidos e tomava novas proporções; parecia phantasticamente ora crescer, ora diminuir.

A bocca espumosa do velho esfregava-se pela cara do moço, segredando-lhe em tom terrivel e quebrado pelo cansaço estas palavras:

— Pois morrerás ! Miseravel!...

E mordiam-se.

— Pois morrerás !

E procuravam matar um ao outro.

Luctavam !

E a rocha cada vez mais escorregadia, o céu mais negro e o mar mais bravo.

A lucta tendia a enfraquecer : a fera ia socegando ; a massa bruta dilatava-se : a mole negra parecia diluir-se.

Era o cansaço.

Desfaziam-se como uma nuvem negra no horizonte.

Como um urso enorme e velho, arrastavam-se surda e vagarosamente para a borda do precipicio.

Miguel se apercebêra disso e reagiu : com um esforço supremo lograra tomar sob si o velho, ficando de gatinhas sobre elle. Tinha um aspecto feroz ; o sangue escorria-lhe por entre os dentes e pelas ventas ; a posição, como o olhar, eram irrationaes. Nesta attitude ia atirar-se á garganta do adversario, quando este, concentrando o resto das forças, reagiu por sua vez : com um empurrão expelliu de si o moço.

Miguel rolou pela pedra até segurar-se nas asperezas das bordas do precipicio.

Maffei não lhe dera tempo para mais, de um salto deitou-se ao comprido no chão, e, engatinhando com ligeireza de tigre, agarrou-o pelas costas.

Cincoenta pés os separavam do mar, e nesse ponto a pedra era inteiramente ingreme, quasi cavada.

Miguel torcia-se todo nas mãos do velho.

De repente um grito agudo e rapido, succedeu a uma gargalhada surda, estalada pelo cansaço. Gargalhada como só sabem dar um velho máo ou uma mãe doida.

Maffei de bruços sobre a rocha, via tranquillamente rolar pelo precipicio o corpo ensanguentado de Miguel. Um sorriso cansado e triumphante encrespou-lhe os labios esfolados, ao ouvir o ruido cavo de um corpo que cae n'agua.

A tempestade, que se preparava ameaçadora, desabou, encerrando o espectaculo; e o mar, contente de sua presa, gargalhou com seu rir de espumas.

Começou a chover copiosamente.

Tranquillo, como nos seus dias mais tran-



quillos, o velho levantou-se, sacudiu a roupa molhada e poz-se a andar para casa silenciosa e pacificamente, como uma menina quando volta do banho do mar.

Entretanto a tempestade, iracunda, flamejava além!

## XVIII

No dia seguinte, Maffei e a familia abandonaram a formosa ilha, e, no seu completo isolamento, debatia-se a casinha branca nas vascas de um incendio, ateado de proposito pelo pae de Rosalina.

Defronte daquelle chammejar doido e desapiedado, Castor, o cão, uivava plangentemente.

## SEGUNDA PARTE



### I

Na celebre rua de Toledo, em Napoles, por ventura mais bella hoje do que no anno de 1843, epocha em que succederam os factos que vamos narrando, figurava uma casa cinzenta com cimalthas de marmore côr de rosa.

O edificio tinha trinta metros de altura sobre sessenta de comprimento, e, a julgar da collocação e feitio de portas e janellas, e attentando para as folhas de acantho que ornavam o abaco das columnas de dez diametros de altura e pertencentes sem duvida á rica e variada ordem corinthia, era talhado pela escola antiga.

A face dianteira, posto que um tanto chata, era bem architectada, podendo ser dividida em tres partes distinctas. — A central, com cinco janellas de honra e tres portas de entrada geral, sendo a do centro mais larga e mais guarnecida — e as duas partes lateraes, inteiramente iguaes entre si, com tres janellas cada uma e fechando em graciosa curva as extremidades do frontespicio.

Destas extremidades partiam duas alas de columnas, que, sustentando um espherico avarandado de balaustres do mesmo marmore das cimalthas, ladeavam elegante e circularmente o edificio.

O portão central com pilares de marmore tambem côr de rosa, abria para um atrio, especie de corredor quadrado, cujas paredes betumadas com terra cosida, apresentavam em alto relevo, assumptos mythologicos, notando-se alguma monotonia na disposição symetrica das figuras meio humanas e meio irracionaes, sendo na maior parte fabulosas.

O chão desse corredor, ladrilhado de pedra de diversas côres, terminava por uma ampla escadaria de pedra calcarea, dividida em dous lances, que se encontravam na

extremidade superior. Ahi uma varanda gradejada com vista para o corredor dava passagem para o interior da casa por uma larga e bonita porta, que communicava immediatamente com o sala de espera, na qual uma infinidade de estatuetas, vasos de prophiro e outros muitos variadissimos objectos d'arte distrahiam a attenção de quem lá se achasse.

Seguia-se a sala de visitas, preparada e guarneçada com gosto e rigor, sobresahindo do roxo escuro das paredes a brancura opaca dos bustos e estatuetas de jaspé, collocadas de espaço a espaço sobre trabalhadas pianhas de basalto; magnificas mezas de sycomoro, caprichosamente talhadas, refletiam-se, peçadas de delicadas teteias, nos espelhos oitavados com moldura de metal dourado embutido no ebano; e chão, de madeira burnida, luzia como uma lamina de aço polido, reflectindo o fundo artisticamente talhado das cadeiras e das mezas.

Atravessavam-se ainda algumas casas, destinadas a salões de baile, alcovas particulares e camaras de recreio, taes como bibliotheca, sala de fumo, quarto d'ar-

mas, etc. etc., até chegar a uma enorme varanda que costeava em semi-circulo de um lado a outro toda a casa.

Effectivamente, dessa varanda gosava-se de uma vista esplendida e variadissima : das janellas da frente devassava-se a *Chiaja*, *Villa Realle* e lados de *Capo di monte*; quem ahi estivesse veria o formigar constante e geral da população e sentiria o confuso motim dos cafés, restaurantes, ourivesarias e casas de modas, de que já então abundava a rua de Toledo; d'ahi envolveria agradavelmente com a vista o soberbo *Palacio Real* com o seu jardim á beira do golpho, e os seus grupos de bronze no começo do jardim.

Do fundo davam as vistas sobre uma magnifica chacara, pertencente á casa, bem plantada e guarnecida, tendo no centro um bello chafariz de marmore rajado. Galgavam depois os olhos os grupos amontoados de casas e quintaes, e alcançavam finalmente os pitorescos arrabaldes, annunciados pela copa de arvores seculares.



## II

Nada ha tão desastrado e perigoso como mudar repentinamente de posição.

Modificam-se os caracteres mais firmes e delicados e confrangem-se as crenças mais arraigadas; é um desmoronar doloroso, é um desesperar de naufrago : illusões desfeitas, convicções profanadas, affectos destruidos, tranquillidade nulla, amor proscripto — taes são os effeitos da lucta desigual dos habitos de toda a vida com o capricho vaidoso de um dia ; taes são os restos que, após a tormenta, sobrenadam á flor do oceano revolto da alma, como restos de um coração que naufragou.

Grosseira e estúpida ambição é a que leva o homem a trocar a paz segura do lar pela supposta fortuna.

Foi isso que succedeu á familia do pescador. — enriqueceram.

Para alguns enriquecer é naufragar, não em alto mar, porém em alta sociedade.

O vicio é a fome desse naufragio.

Maffei enfronhara-se na opulencia como n'uma casaca alheia : sentia-se mal ; incommodavam-lhe as mangas compridas de mais, porém a tudo fechava os olhos, com tanto que desses sacrificios resultassem para elle dignidades e considerações.

Era o seu sonho dourado.

E com essas honras e com esses suppositos titulos acharia elle a felicidade?

Não, de certo, porque a verdadeira felicidade é incompativel com o ruido e com o fulgor. Não, porque ella é tranquillã, singela, economica e alheia a tudo que é brilhante e espectacularo.

A felicidade, como o mais neste mundo, é relativa, e só póde subsistir dentro de seus competentes limites.

Maffei, cego pela ambição, buscava uma felicidade alheia. Desgraçado !... fatalmente seria victima da sua cegueira, tanto quanto

uma ave que tentasse mergulhar ou um peixe que quizesse voar.

A casa cinzenta da rua de Toledo era propriedade do antigo pescador.

Com algum geito, conseguiu introduzir nella o jogo elegante ; receber todos os sabados e gastar todos os dias.

O ouro é para o parasita o que o iman é para o ferro : em pouco tempo encheram-se os salões de Maffei. E no meio daquella gente que o adulava, o rico burguez sentia-se grande, invejado e respeitavel.

Entretanto, aquella roda se desenvolvia e multiplicava com a prodigiosa fecundidade da larva.

Mas donde lhe vinha essa gente ?

Não sei!... A podridão que responde donde lhe vêm os vermes.

Tudo neste mundo tem a sua consequencia, o seu sequito proprio de miserias, o seu acompanhamento natural e espontaneo — a gloria tem a vaidade ; o amor o egoismo ; a podridão o verme. É a lei fatal dos contrastes e dos extremos tocados : não ha sentimento que não tenha uma extremidade na terra e outra no céu, um pé no

berço e outro no tumulo, um olho na luz e outro na treva.

Foi por isso que, ao cabo de tres annos, Maffei tinha com heroicos esforços, cevado, relacionado e habituado aos costumes de sua casa uma roda de HOMENS ELEGANTES, que fumavam, bebiam e jogavam á custa delle.

Houve quem lhe proporcionasse occasião de especular com os seus bens : triplicou-os.

Já era poderoso e ridiculo, antipathico e adulado ; é justo que viesse a ser rico e desgraçado.

E, com effeito, passava os dias entregue sempre a esse cogitar aborrecido, que produz a preocupação doentia dos homens excessivamente ambiciosos ; nada desfructava, nada o distrahia, nada vencia arrancal-o das profundezas das suas preocupações ; vivia a mergulhar no fundo dessa scisma constante e esteril, que faz de um homem um bicho insupportavel.

Maffei seria insupportavel, se não fosse rico.

Mesmo durante o somno, o pobre diabo

não vivia menos apoquentado ; nessa segunda existencia aturava coisas horriveis : Ás vezes, n'uma especulação, perdia todos os bens e via-se a esmolar inteiramente pobre com a filha ; outras vezes, dava para roubar e era preso como ladrão, condemnado ás galés e coberto de grilhões e pancadas ; n'outras occasiões era Miguel que lhe apparecia formidavel, sahindo do mar, cheio de sangue, de limo e de colera, a exprobal-o das suas torpezas, a cuspir-lhe na cara e a espancal-o, como se espancasse um cão ; e, coisa mais singular, Maffei, que acordado só se lembrava de Miguel com indifferença e desprezo, durante o sonho temia-o covardemente, e deixava-se bater por elle, tremulo e supplicante a seus pés, confessando as proprias culpas e reconhecendo a razão da parte do adversario. Um dia Rosalina afigurou-se-lhe descomposta e sem pudor a injúrial-o ; outra vez foi enforcado e seu carrasco era Christo, que do alto do cada-falso, poetico, louro, cheio de bondade, sorria-se piedosamente para elle ; commettia ás vezes sacrilegios e então acordava em gritos e prantos ; emfim, Maffei durante o

somno soffria horriavelmente dominado e combatido por um inimigo tremendo e máo, que o fustigava e repellia apezar de sahir d'elle proprio.

Queremos-nos referir a esse — eu, que durante o somno sae de nós e áparte constitue livremente a sua individualidade, pensando, praticando e resolvendo muito a seu bel prazer, sem nos ouvir, sem nos consultar.

Vezes ha que, durante o sonho, a despeito da nossa honra, roubamos, a despeito da nossa coragem, choramos aos pés de um inimigo, e a despeito do nosso amor, matamos o proprio pae ou irmão. E o — eu — independente e arbitrario dos sonhos faz-nos caprichosamente assassinos, ladrões e covardes, sem por isso ter nenhuma responsabilidade ou castigo.

Por outro lado Rosalina transformava-se de dia para dia. Já não dava a mais pallida idéa da antiga camponeza, formosa e louçã, cheia de singela ternura, amante e amada, mulher na idade, criança na innocencia. Além da belleza nada mais restava desse encantador, mais divino que humano, mais



anjo que mulher, desse ente que outr'ora com a sua garganta e o seu coração incensava de poesia e cantos matutinos a casinha branca.

Fizera-se elegante e não sem trabalho.

Teve de vencer certos obstaculos renitentes como a linguagem, a principio, depois os movimentos, a voz, o olhar, o sorriso, tudo, toda essa belleza fôra necessario desmoronar, e com que difficuldade ! para sobre as ruinas della construir-se outra belleza mais falsa, mais cara e menos rara — a elegancia. A elegancia começa sempre onde a natureza acaba, é uma viciosa continuação pelo homem.

As regras do canto, os passos da danza, a musica, os preceitos de civilidade, a distincção affectada, a grammatica, são coisinhas faceis de aprender na meninice, porém obstaculos assustadores na idade em que já se não tem respeito aos mestres.

Todavia, Rosalina venceu todas as difficuldades.

Agora não a incommodavam mais os vestidos justos, decotados e de enorme cauda, afizera-se aos sapatinhos á moda franceza,

e o triumpho seria completo se, de vez em quando, sob os envolucros de seda e de rendas bordadas, não quizessem as desenvoltas carnes da outr'ora camponeza, proclamar a sua independencia, violando colchetes e estalando alguns pontos mais delicados do vestido.

Quanto não custou habituar aquellas bellas mãos tão morenas e tão gordinhas às luvas apertadas!

Os dedos repelliam os aneis, o pescoço o collar, os braços a pulseira!

Como não suspiravam os delgados pés pelos sapatos frouxos com que d'antes corriam?

E os cabellos? os bellos cabellos pretos de Rosalina, que d'antes tão vaidosamente se ostentavam ao sol com seus reflexos de azul ferrete? Coitados! Choravam agora escondidos e presos nos caprichosos penteados cheios de flôres artificiaes e pedrarias, mas na sua raiva tinham razão os cabellos, que tão bonitos como aquelles, compravam-se falsos penteados, porém tão bellos cabellos como d'antes mostrara Rosalina, só os pudera ostentar quem os possuísse naturaes.

Em summa, Rosalina já não era uma rapariga, era uma senhora.

Conhecia todos os segredinhos das salas, já sabia sustentar com um sorriso fingido as visitas de cerimonia, aturava massadas sociaes com apparente alegria, ageitára a physionomia a sorrir e ficar triste, segundo a occasião, como impõe a sabia delicadesa, tinha amizades convencionaes, ares de protecção e tinha tambem sempre engatilhado nos labios um formidavel — Oh! — para todas as pessoas que lhe mereciam respeito e acatamento.

Estava completa a obra.

O ouro derreteria-se, d'elle levantaram-se as duas espiraes de fumo — Civilisação e Hypocrisia. Estas duas forças combinadas produzem um fluido capaz de transformar um anjo em mulher e uma mulher em demonio.

Rosalina respirou esse fluido e aprendeu a grande sciencia da vida — sabia esquecer, sabia odeiar e sabia mentir.

Quando a gente chega a conhecer tanta coisa, não póde mais, nem precisa aprender o que é — ser boa e honesta.

Maffei cada vez estava peor.

A despeito da sua tão prospera fortuna, entristecia progressivamente como um velho urso de feira; vivia cada vez mais concentrado e sombrio, procurando o isolamento e a solidão.

Affectava uns instantes de prazer quando se mettia na roda dos amigos; chegava mesmo, com força de vontade, a arranjar uma especie de sorriso artificial com que os obsequiava; consistia essa especie de sorriso em dilatar os labios, avincar as pelles franzidas do rosto, que lhe sustentavam as mandibulas, e por entre os dentes soprar uns sons bestiaes, que se podiam classificar entre uma nota desafinada de clarinete e o ronco gatural de um porco.

Estava no emtanto civilizado — tinha cabelleireiro proprio, vestia-se com distincção, bebia licores que estragam o estomago e o cerebro, e jogava tão bem como qualquer fidalgo de alta linhagem.

Que lhe faltava pois?

Simplesmente duas coisas — esperar mais algum tempo e casar a filha com algum titular de pura nobreza e rheumatismo gotoso. Bella espectativa !

Da familia, foi Angela quem menos se modificou. Cada vez mais devota, encerrava-se no quarto, indignada contra tudo e contra todos. — Que não a procurassem ! Não se queria communicar com pessoa alguma. O que, digamos de passagem, sobre maneira satisfazia o ex-pescador, que pensava comsigo — : Ora que diabo vai fazer nas salas esta velha ridicula e burgueza, senão me incomodar a mim e divertir os mais ? Antes trate ella de liquidar esse restinho de vida, que para pouco ou nada lhe poderá servir.

Comtudo, ia a boa mãe Angela bocejando as suas interminaveis orações e transformando insensivelmente a religiosidade em mania. Mais dous passos e despenhava com certeza aquella carga d'ossos no idiotismo.

A religião, como tudo que se propõe um fim legitimo e necessario, ao mesmo tempo que é manancial de innumeradas virtudes e felicidade commum, é a fonte sombria de molestias espirituas e desregramentos da razão.

As grandes causas só produzem effeitos optimos e pessimos.

## II

Fatal metamorphose!

Maffei e a filha rolavam pelos despenhadeiros da sociedade; dera-lhes o primeiro empurrão a cubiça, a posse o segundo, depois o orgulho e finalmente o vicio. No cahir vertiginoso tentavam, baldadas vezes, agarrar-se ás asperezas do precipicio e não conseguiam mais do que sujar as mãos, porque a lama faz escorregar e suja.

Afigurava-se-lhes entretanto estarem a voar para cima; têm destes effeitos singulares as grandes quédas. — As vezes supomos subir quando evidentemente cahimos. Viam tudo luzir em torno delles, sem se lembrarem que a lama tambem tem o seu brilho, em lhe batendo a luz... do ouro.

E cahiam! cahiam sempre, porque o mai



é como a lua — cresce ou diminue, nunca estaciona.

Uma noite, seriam duas horas da madrugada, os salões da casa da rua de Toledo reverberavam ao clarão aristocratico das mangas multicores de cristal.

Era noite de baile.

O baile tem um quê de morcego — só apparece á noite e rouba as côres ás raparigas.

Havia grande folgança na casa, porque muito se ria e dansava; a festa chegára ás phases do frenezi e da loucura.

Em uma das salas porém, livido, monstruoso e feroz, encerrado ali como uma fera na jaula, o jogo devorava, silenciosamente, terras, palacios, joias, dinheiro e reputação; era um tragar de giboia — engulia sem mastigar.

O silencio indicava que o monstro fazia a digestão surda e pesada, porém fortissima — desgasta o ouro e o diamante com a imperturbabilidade e pachorra de um conego velho e gastronomo, que rumina, com appetite e methodo, o fructo da caridade do povo.

A consciencia sentia vertigens de olhar por muito tempo para aquelle grupo, especie de automato, movido pela cubiça e governado pela força abstracta do vicio.

No meio da meza, brilhava como um centro planetario, o *monte* de moedas de ouro, em torno do qual toda a força e attenção dos circumstantes gravitavam impacientes e desordenadas.

Era o centro de gravidade das almas daquelles miseraveis; para elle convergiam todos aquelles sentidos cariados e todos aquelles corações sujos — patria, familia, aspirações, gloria, tudo, tudo se resumia no punhado de moedas.

Não se ouvia uma palavra.

Como estatuas moveiças atiravam á bocca escancarada da fera os seus bens, os do filho, o futuro da propria familia e o da alheia.

E a fera, como uma valla de cemiterio, ia sorvendo em silencio tudo o que lhe lançavam, em quanto todos jaziam a meditar, que tambem a gente medita para fazer o mal.

Todavia, toda e qualquer consciencia tem

horror ao jogo ; a ninguem incommoda tanto o tapete verde como ao proprio jogador — em quanto lança á sorte o que possue, calca aos pés a pobre consciencia, que, ao lado das escarradeiras, dorme ebria e envergonhada debaixo da meza.

O salão principal do baile offerencia um espectáculo inteiramente opposto ao que acabamos de esboçar.

Não se ouvia aqui o resonar pesado do jogo, sentia-se a febre vertiginosa da dança ; aqui era tudo delirio e loucura. A atmospherá, morna, pesada, abafadiça e de um branco opaco, enervava a cabeça e dilatava os sentidos.

A atmospherá de um baile d'aquella ordem, no seu apogeu, affecta singularmente a economia animal dos moços. O coração como que se derrete ao calor dos galanteios, dos perfumes, das luzes, dos vinhos, des vapores estimulantes que exhalam os corpos cansados das mulheres, e derrama-se por todo o corpo como um philtro diabolico e sensual, que percorre e excita os tecidos organicos, precipitando as suas competentes funcções ; o exercicio da walsa dá ao cora-

ção fórmias extravagantes e caprichosas — fal-o pular, estremecer e palpitar; e, conforme as impressões que recebe, informa se, dilata-se, encolhe e chega a tomar formas obscenas.

A gente mais facilmente ama nessas occasiões, porque a athmosphera e o cansaço acceleram os phenomenos vitaes. Em taes circumstancias uma resistencia é quasi impossivel — afinal o corpo descae e languesce voluptuosamente; percorre todos os membros uma mollesa gostosa e doentia; sentimos coegas nos cantinhos da bocca e no interior das ventas; o rosto afogueia-se; desfallece a energia; o halito queima; os dedos criam uma sensibilidade egual á da lingua; o vitreo dos olhos raia-se de sangue e faz-nos ver tudo por um prisma vermelho e phantastico.

O opio não produz effeitos tão deslumbrantes.

Quanto mais a gente dança, quanto mais se agitam os membros estafados, tanto mais se envenena o ar; as flôres terminam a obra roubando o pouco oxygenio que resta na athmosphera. Resulta de tudo isto um ar

viciadissimo e tão gasto e condensado que se póde comer em vez de respiral-o.

Quanto mais tempo dura o baile e com elle a agglomeração e o exercicio, tanto maior e mais vehemente é a necessidade de respirar, e então sorve-se com sofreguidão o ar e o pó já muito usados por todos.

Os pulmões aspiram e expellem sempre o mesmo ar e o mesmo pó.

O ar é como um pensamento e o pulmão é como um cerebro, acontece que o mesmo ar penetra, como uma idéa geral, todos os pulmões, e esse ar ou essa idéa unica corre toda a sala, entra por todos, domina quem a recebe e acaba por formar, identificando toda a sociedade — um só pulmão e uma só cabeça, isto é, uma só vontade e um só querer.

Eis ahi o que era um baile em casa de Maffei. Simplesmente uma reunião de moços de ambos os sexos, mettidos n'uma sala bem fechada, onde dansavam, pulavam, cansavam e apodreciam, como muitas maçãs em um cesto, onde é bastante haver uma podre para contaminar e corromper as outras.

Esse contacto infernal era uma logica consequencia do ar viciado e da sympathy.

E tanto é assim que em certas occasiões não queremos tomar parte n'um divertimento que nos parece máo, e, uma vez entrados, empenhamo-nos nelle tanto como os que lá estavam : veja-se de parte um baile e este se nos afigurar á uma reunião de doidos. N'um combate se verifica a mesma coisa — travada a lucta são todos bravos; nos carceres são todos máos; nos hospitaes são todos doentes; em um naufragio são todos religiosos e assim por diante.

O ar sempre transmite a quem o respira o character do logar em que se acha, como no leite a ama transmite á criança que amamenta, todos os seus males physicos e moraes.

Para fazer um homem máo é bastante obrigar-o a respirar com os máos.

E ha quatro annos os pulmões da bella Rosalina enchiam-se com o mesmissimo ar que uma roda má e corrupta até ás pontinhas do cabello, sorvia e expellia por todos os poros.



## IV

Mas que *roda* era essa tão exquisita?

Donde vinha semelhante gente, e para onde se destinava?

— Vinha do nada e caminhava para o nada, pouco mais ou menos...

— De quem ou de que se compunha?

— De restos.

— Expliquemo-nos.

Em todas as grandes capitães ha desse genero de Bohemios aristocraticos, que Dumas Filho, referindo-se aos de Pariz, intitula *Demi-Monde*, especie de ilha fluctuante, que boia à flôr da sociedade universal.

Em Napoles essa sociedade de ouropel florescia em 1846, com escandalosa acceitação, e, sustentando-se por necessidade, ia

caminhando, podemos dizer, com regularidade, substituindo a nobreza pelo dinheiro e o dinheiro pela nobreza, e, na falta de algum destes agentes, soccorrendo-se á formosura e á mocidade, na ausencia dos quaes ainda lançava mão, como ultimo recurso, do talento de *savoir-vivre* e da arte de se metter em toda parte e de saber tirar partido de tudo.

Essa singularissima e perigosa prole principiou do seguinte modo : — Um fidalgo arruinado, depois de atirar pela janella do desperdicio o ultimo vintem e, não podendo abdicar para sempre dos seus inveterados habitos de opulencia, procurou um burguez rico com o fim de, muito em segredo, nelle se arrimar; o burguez, por outro lado, tambem precisava do auxilio da nobreza, para ter importancia e subir; reunidos satisfazião mutuamente o util e o agradavel. Fundiram-se.

Dessa combinação resultou — luz e movimento. — O paralytico prestou olhos ao cego, e o cego prestou pernas ao paralytico. E assim puderam ver e andar.

Ora, tudo aquillo que vê e anda, póde ir

para diante e é susceptivel de progresso.

Foi o que succedeu — proseguiram.

Pelo caminho fôram atrahindo com a luz da sua idéa os companheiros que andavam desnorteados e erradios á procura de um rumo.

A luz transformou-se em pharol — os naufragos sociaes engrossaram o grupo.

As mulheres, que se desacreditavam na alta sociedade, vinham, repellidas pelos competentes maridos e pelas competentes familias, refugiar-se nessa roda; os filhinhos, ou melhor, as causas innocentes desta debandada, chegavam juntamente com as mães repellidas e com ellas se educavam no mesmo meio.

Estas mal fadadas crianças cresciam e, quando, por fraqueza ou por falta de pun-donor, não fugiam envergonhadas, formavam a parte moça da *Sociedade Fluctuante*. As vagas dos maridos eram rasoavelmente preenchidas pelos amantes e jamais os filhos conheciam os verdadeiros paes.

Era mais uma roda de engeitados do que uma roda social.

Compunha-se especialmente de destroços

e de vergonhas — ali o que não era um resto era um embrião — ou tinha já deixado de ser ou ainda não era; ninguém tinha um lugar definitivo, porque logo que chegasse a alcançal-o desertava incontinenti.

Podia também aquillo ser considerado como um curso preparatorio; habilitavam-se ali para poder galgar um lugar fóra, e só na hypothese de nada encontrar exteriormente, recorriam á *Sociedade Fluctuante*, como remedio extremo ou como ultimo porto de salvação.

E em verdade é que, até certo ponto, achavam os fugitivos, na obscuridade dessa roda, abrigo seguro para as suas vergonhas e pezares. Esses eram os desesperançados.

Conclue-se que aquillo podia ser ou um tumulto, de qualquer modo seriam trévas, á similhaça do homem, cujos extremos são sempre sombras; podia ser um principio ou um fim, porém nunca um meio, isto é, uma posição social.

Em publico todos odeiavam essa sociedade; em particular muitos a procuravam e, ninguém, quer publica ou particularmente, queria por gosto ali ficar para sempre.

Quem ali permanecia era por não obter absolutamente outro recurso.

Desse feitio pensava Maffei, e tinha para si que o casamento de Rosalina com um fidalgo arruinado abriria na nobreza uma brecha assás larga para elle evadir-se tambem. — Um fidalgo quando empobrece, continuava o burguez a pensar, em geral cae e com o choque abre na sua classe uma fenda por onde se vae introduzindo a burguezia.

Fragil e desgraçada cousa é a nobreza que precisa de dinheiro para não rachar.

Era com essa fenda que contava o antigo pescador. E contava muito bem, porque os homens, ao contrario dos gazes, quanto mais pesados mais sobem.

A *Sociedade Fluctuante* avultava de dia para dia; ultimamente tornava-se até bastante conhecida e um tanto censurada, e, se bem que affectasse optima apparencia, a policia tinha-a de olho.

Os seus mais perigosos detractores eram justamente os seus proprios adeptos — diziam mal uns dos outros e, a falta que este, tom mil cuidados se esforçava por enco-

brir, aquelle lh'a devassava pela surelfa.

Iam comtudo vivendo e aliás regularmente.

O maior desejo das raparigas que lá cahiam era casar fóra dessa roda ou com alguém que ali estivesse por mera curiosidade, como simples amador. Se o logravam, sahiam sem sequer voltar para traz a cabeça — desapareciam por uma vez, e faziam bem.

Quem mais gostava da *Sociedade Fluctuante* eram os rapazes solteiros. — Os amores, como diz Dumas, são ahi mais faceis do que na alta sociedade e mais baratos do que na baixa.

Isto comprehende-se com os amadores, com os que a frequentavam por espirito de — *curiosidade*, especie de socios honorarios, porque com os outros, isto é, para os socios legitimos e effectivos, não era essa sociedade mais do que um recurso soffrivel, em falta de outro melhor.

Estes eram os velhos ou parvos.

Se era um nobre que vinha arruinado e gasto da alta sociedade, chegava cansado e só queria que lhe dessem uma cadeira para



descansar ou uma cama para morrer; e se o sujeito era nascido ahi e se tivesse deixado ficar, provaria com isso que era simplesmente parvo e então só desejava que o deixassem viver na lama em que tinha nascido.

Finalmente, velho ou moço, nobre ou parvo, o certo é que para fazer parte da *Sociedade Fluctuante* eram necessarias duas coisas principalmente : a primeira — não ter juizo, a segunda — não ter brios.

Agora que fica conhecida a roda de Maffei, lembro que ha quatro annos vivia nella Rosalina.

V

O baile continuava crepitante a devorar saude, dinheiro, e reputação, como um incendio em que já ninguém se entende e cada um só cuida de si; com a differença, porém, que no sinistro do fogo procura-se um meio de salvar e no do baile procurava-se um meio de perder.

O alcool, combustivel perigoso, augmentava progressivamente a densidade do incendio; as garrafas vacias tinham já maioria sobre as cheias — symptoma infallivel de desordem.

Assustador era o aspecto do salão de dança — sobreerguia-se em espiraes alcoolizadas e insalubres um vozear confuso e bestial, que se podia chamar o fumo da incineração das consciencias.

Entretanto, na outra sala, o jogo, com uma pustula, ia apodrecendo surdamente o que alcançava.

A razão não tinha para onde fugir — de um lado o fogo e do outro a putrefacção.

Rosalina, bella, mas já dessa belleza sathânica das bacchanaes — pendente a cabeça, requebrado o olhar e o collo nú, valsava no salão principal com um rapaz de bigodes pretos, reclinada voluptuosamente sobre elle, entregues ambos ao desamparo feliz e inebriante do prazer e da fadiga. Elle, arquejando, segredava-lhe umas coisas grosseras e apaixonadas, e ella, ella sorria com indulgente gosto ao som venenoso das palavras que sabiam truncadas e ardentes dos labios do mancebo.

Depois de um tremulo dialogo, imperceptivel para os outros, em que deliberavam mais os olhos que as palavras, ella abaixou com promettedora ternura as pestanas, como respondendo á fixidez interrogadora dos olhos abrasados do par, e elle, com reconhecido sorriso, recolheu esse abaixar de palpebras, que queria dizer — sim.

No mesmo instante separaram-se, e Rosa-

lina, lançando sobre o moço um olhar significativo, desapareceu do salão, sem ser percebida.

Atravessou sósinha e ligeira duas salas, passou pela varanda, desceu a escada que conduzia ao primeiro andar, e, procurando abafar o som dos passos, apalpando cautelosamente as sombras dos corredores, chegou a uma porta, abriu-a e entrou.

Era a porta dos seus aposentos particulares, silencioso e perfumado ninho, onde o ruído do incendio de cima chegava tremulo e desfeito, como o murmúrio de uma tempestade ao longe.

Rosalina ao entrar correu de todo o farto cortinado de damasco e atirou-se extenuada sobre um divan. Sentia-se preguiçosamente fraca e terná, tinha uns desejos vagos e incompletos, uma molleza voluptuosa e agradável que a obriga a fechar involuntariamente as palpebras.

Pequena lamparina de agatha, espalhava nos aposentos meia claridade macia, doce, morna e somnolenta, como o olhar oriental de um elephante.

Envolvida nesse nada côr de rosa, a moça meditava.

— E em que!...

Ó caprichos da imaginação! — Em Miguel. Desde que o esquecêra era a primeira vez que o vulto sombrio do seu amante primitivo lhe acudia á memoria; dantes acudia-lhe muitas vezes, porém ao coração. Sem saber porque, Rosalina com tal lembrança começou a sentir o principio de uma pontinha de remorso — timido e flexivel como o espinho ainda verde, mas já agudo. Estava em tempo de quebrar facilmente, porém já doia.

Quando de muda para Napoles, Rosalina, como unica resposta que obteve do pae a respeito de Miguel, ouviu estas duas syllabas — Morreu.

Naquelle momento esta palavra cahiu-lhe inteiriça sobre o coração como uma pedra sobre um tumulo, e, todavia, a idéa de viver em Napoles com opulencia lhe sopeára as lagrimas que por ventura queriam rebentar; mas pouco tempo depois, as festas, o luxo, o amor dos homens, a inveja das mulheres e o ciume e desespero dos despresados, ma-



tisaram-lhe, como uma primavera cheia de luz e vida, por tal fórma o coração, que as flôres acabaram por esconder o grosseiro tumulto que ali jazia. E desde então Miguel fóra totalmente esquecido.

Agora, mysterios do coração! por entre as flôres e por entre os risos lobrigava ella o funebre alvejar da pedra sepulchral; e o artista alevantava-se medonho da sepultura, como um espectro sombrio e ameaçador, a fixal-a das sombras da eternidade.

Esta visão preoccupou ainda mais a bella scismadora que, suspirando, ergueu-se, passou as costas das mãos pelos olhos, e depois accendeu um lustre, como querendo afugentar com a luz o phantasma.

De repente alguma coisa lhe prendeu a attenção. — Era um som longinquo e profundo, que vinha do jardim pelo lado opposto ás salas do baile; Rosalina reclinou vagarosamente a cabeça para o lado donde lhe parecia vir aquelle som, gemido ou voz, suspiro ou musica, e, cahindo de novo no divan, quedou-se embevecida a escutal-o.

O som lembrava ora o mugido de uma criancinha, ora o ciciar da brisa; voz da na-



tureza ou suspirar de homem, chegava-lhe ao coração essa musica como coisa estranha, impressiva e sobrenatural.

Havia nesse murmurar um não sei que de humano e um não sei que de celeste; mal se diria se eram notas gemebundas e plangentes que vinham do céu ou se n'uma harmonia de lagrimas, caindo gotta a gotta n'uma taça de christal; emfim, participava tanto do céu como da terra — poder-se-hia dizer que era o roçar das azas dos anjos pelo coração do homem.

Era uma rabeca que fallava a linguagem da inspiração — idioma divino só comprehendido pelas almas bem formadas.

Rosalina bem conhecia o metal daquella voz; conhecia a rabeca, o arco e conhecia a musica, porém a sua alma embalde se esforçava por comprehendel-a ainda; produzia-lhe já o effeito de uma lingua estranha, digamos de uma lingua morta.

E, comtudo, a rabeca soluçava a ultima composição que Miguel lhe dedicára na casinha branca.

Apossou-se então de Rosalina um entorpecimento pesado e sombrio, um quasi so-

nambulismo; e, nesse estado, que se pôde chamar o crépusculo entre a vida real e o sonho, sentia e ouvia, allucinada, aquelles gemidos indecisos e plangentes, que parecia sahirem das profundezas da eternidade para vir condemnal-a no meio da fortuna e do vício.

De quem poderia ser aquelle gemer? Del homem certamente que não; só uma alma penada saberia gemer assim.

Então assistia-lhe vontade de chorar.

— Chorar? porque?

A consciência negava-lhe a resposta, como os olhos negavam-lhe as lagrimas; e o pranto não passava do coração.

Infeliz d'aquelle a quem não é dado chorar; só o pranto afoga a dôr que a vontade não vence destruir.

Luctando com taes oppressões, Rosalina ergueu-se no intuito de respirar mais livremente o ar da noite; o terror, porém, não lh'o permittio e fel-a estacar defronte da janella, afigurando-se-lhe que, se a abrisse, iria despertar o espirito errante, que por ventura a chamava do jardim. E tomada destes sobresaltos, foi se quedando triste e

scismadora a escutar a musica funerea.

Nisto dilatou-se a cortina de damasco, onde por acaso tinha Rosalina o olhar ferado, e o moço dos bigodes pretos entrou risonho e sem cerimonia no aposento.

— Ah! fez Rosalina voltando a si, e sorriu.

O cavalheiro debruçou-se carinhosamente e com elegante desembaraço sobre ella e, travando-a da cintura, beijou-lhe a fronte.

Desappareceu a luz e a porta da alcova fechou-se protectoramente sobre elles.

Emtanto, no jardim, o violino continuava a soluçar com o desespero de um orphão pequenino.

## VI

Dous dias decorreram depois da ultima noite do baile; e Rosalina, como vamos ver, chegou a descobrir a origem da musica exquisita e plangente, que nessa noite embalára poeticamente os seus prosaicos amores com o moço de bigodes pretos.

Antes, porém, de proseguir, seja-nos permitido dar de passagem uma idéa ligeira do perfumoso ninho de Rosalina.

— Constavam os seus aposentos particulares simplesmente de uma sala vermelha e de uma alcova côr de lyrio, ligadas entre si por elegante portinha, em cujos ornatos entalhados dos olivares, florões polidos de encarnado carmezim sobresahiam, como espumas de sangue, da brancura natural da madeira. De uma unica janella existente

na sala debruçava-se sobre o jardim pitoresca balaustrada de marmore rajado, feita e disposta ao antigo gosto veneziano. A sala era oitavada, guarnecendo-lhe as faces do octogono quadros do mesmo feitio, que molduravam em metal branco burnido formosas gravuras sobre aço; as cortinas da mesma côr das paredes, prendiam-se graciosas em cornijas tambem de metal branco, uniformisadas pelo brilho com as reluzentes peanhas dos angulos das paredes e com os trabalhados tamborettes egualmente de metal. Os pés de quem tivesse a fortuna de entrar neste paraíso elegante, desappareciam silenciosamente no tapete, cuja felpa abundante e sedosa dava ao andar de quem o pizasse a suavidade voluptuosa dos passos macios do gato — parecia andar a gente descalça sobre algodão em rama. No centro desta luxuosa salinha; uma mesa redonda de pé de gallo, coberta por magnifica caze-mira da China, sustentava um candieiro de alabastro, com listrões de ouro lavrado; n'um dos angulos das paredes, mimosa escrivantina mostrava o necessario para ler e escrever; n'um outro, acomodava-se



bello esquentador de pedra negra, guarnecido por um relógio de bronze e dous soberbos vasos de porcelana do Japão. O mais seriam cadeiras, divans estofados, christaes da Bohemia e uma infinidade de nadinhas do luxo, que dão a qualquer sala um aspecto embonecado e futil.

A alcova côr de lyrio apenas tinha, pouco mais ou menos, o logar sufficiente para o toucador e para a cama, da qual á direita pelo lado inferior equilibrava-se suspenso um enorme espelho de Veneza, onde se reflectia todo o quarto e principalmente o leito; e do lado esquerdo, á cabeceira, encostava-se um bufete, onde se via uma garrafa de christal de rocha cheia de falerno, rodeiada de delicadissimos calices e doces christalisados e appetitosos; aos pés da cama, vasta tapeçaria representava com muito engenho o grupo sublime das tres graças de Canova.

O relógio marcava meia noite. Rosalina fitava-o, reclinada pensativa em um divan, acompanhando machinalmente o tique-taque da pendula com a pontinha do pé, dobrando



e desdobrando um papel côr de rosa, que tinha entre os dedos.

La triste e silenciosa a noite — só se ouvia distinctamente a pulsação monotona dos segundos. Impressiona sempre ouvir o pulsar de um relógio — afigura-se-nos sentir palpitar o eterno coração do tempo.

Rosalina, depois de longo e profundo scismar, brandiu para traz os tenebrosos cabellos, e levantou-se, como se tivesse chegado intimamente a solução de qualquer duvida. E fazendo com a cabeça esse movimento sacudido que tão bem exprime a indiferença, disse, despregando de leve os labios com um quasi imperceptivel estalar de lingua. — Seja!

Depois, muito tranquilla de si, levantou-se, espreguiçando-se, despreoccupadissima, e foi amarrar no marmoreo balcão da varanda, branquejada frouxamente pelo luar, o seu claro lencinho de rendas francezas, como quem arvora um signal.

## VII

Effectivamente o lenço de rendas francezas, que Rosalina amarrou no peitoril de sua janella, era um signal e — coisa mais de pasmar — era um signal dirigido a Miguel:

O artista não morrêra; e para claresa desta narrativa seja-nos licito voltar atraz.

No momento fatal em que Maffei precipitou dos rochedos de Lipari o inflexivel amante da filha, perdeu este os sentidos, dando de encontro á pedra aprumada e foi rolando, rolando, até atufar-se de todo nas espumas sendilhadas do mar. Com tanta fortuna se houve porém neste cair, que d'elle apenas lhe sobreveio um ferimento na cabeça.

O mar estava crescendo. Foi a salvação do

moço, porque ao dar n'agua voltou a si com o choque, e, conhecendo quão perigosos são os rochedos de Lipari e quão selvaticas as ondas contra elles, tratou de nadar ao largo em vez de demandal-os; tempo este em que a tempestade queimava nos altos seus ultimos cartuxos.

Afinal serenou de todo o tempo. Miguel, apesar de ajudado pela correnteza, costeava difficultosamente a ilha na direcção da praia, similhando uma visão que fugia das trevas humidas da morte, seguida de um rastilho de sangue.

Cinco horas depois era regeitado na praia pelo mar.

Iam pouco e pouco se rarefazendo as nuvens e já em alguns pontos do céu se percebia uma modesta claridade, precursora do bom tempo. A lua, voltando do susto, foi aos poucos sahindo do escondrijo, medrosa e timida de seu natural, por quanto quando ha qualquer desharmonia no céu é ella quem primeiro se esconde.

Por este tempo já permanecia de bruços o naufrago na praia; a areia bebera-lha indifferente o sangue da ferida, que afinal es-

tacára. Nesta postura ficou elle, fallecido em animo e forças, uma hora, como se estivesse a dar um demorado beijo na face da mãe salvadora, a terra — pelo seu bom regresso.

Ao voltar de todo a si, volveu instintivamente o olhar pisado para o céu, que, nesse momento desassombrado e azul, reflectia nas aguas os olhares prateados de sua argenteabella pupilla.

Quando se deixa ou volta á vida, o que primeiro procuram os olhos é o céu. — Ha consolação e amparo na alma azul do infinito; o azul é a côr da salvação, como o negro é a do aniquillamento.

E porque confiamos tanto no azul do céu, sem talvez o comprehender ao menos?

É que elle é a unica cousa verdadeiramente grande e immensamente bondosa. — O oceano é gigantesco, porém abysma; o nordeste imponente, porém destróe; a terra é mãe, porém devora; o sol é rei, porém abrasa; só o céu é infinitamente bom. As estrellas brilham como uma aluvião de libras sterlinas e no emtanto elle é humilde e

modesto, sabe unicamente ser infinito, azul e consolador.

Jamais se queixou ninguém do mal que lhe fizesse o azul do céu!

Por isso meditava Miguel, estendido na areia, a fitar o espaço em muda e reconhecida contemplação; finalmente tentou pôr-se de pé, levantou-se cambaleando e amarrou a ferida da cabeça com um lenço ensopado, que tirára da algibeira. Depois sacudiu tranquillamente a areia molhada do fato e dos cabellos e poz-se a andar com dificuldade.

Encaminhava-se lenta e investigadora-mente para o mar, como á procura de alguma coisa, até reconhecer o mourão em que, se lhe não enganava a memoria enfraquecida pela pancada e perda de sangue, tinha amarrado o barco.

De facto; mas deste só restavam dependurados da estaca, como reliquias de guerra, a corda e um fragmento da prôa.

E nada mais havia do barquinho — o qual, nordeste despedaçara-o de encontro á praia, da mesma feição que a tempestade dos



nossos pensamentos despedaça contra as paredes do cerebro uma idéa fixa, que se agarra á imaginação; o remorso tambem pôde atirar o homem preso contra as arestas do carcere; a dôr opprime o coração contra o peito e quebra-o; o terror, emfim, mata o feto atirando-o contra as paredes do ventre materno. — É sempre a mesma lei eterna da lucta entre a covardia da tempestade e a fragilidade do preso.

Miguel, acabando por se identificar com a situação e aceitando-a horrivel e esteril tal qual se offerecia, começou a passeiar pela praia, com essa calma inexplicavêl do homem conscio da sua desgraça, que procura recreiar-se amargamente com os destroços da passada ventura; ora topava um pedaço de madeira enterrado na areia, ora dava com alguns destroços do leme ou do casco, e, á proporção que os ia descobrindo, atirava-os á bocca aberta do mar, como um domador que, depois de dar de comer á fera, ajunta-lhe ainda as migalhas caidas por fóra da jaula.

Continuando a exploração, descobriu um fragmento de madeira amarella, que lhe



prendeu mais o respeito — era o braço da sua rabeça.

O artista ficou a olhal-o amargamente com a magoa de uma mãe que contemplesse o cadaver do filhinho; depois, n'um assomo de ternura frenetica, levou-o repetidas vezes aos labios, beijando-o apaixonadamente.

O incendio levantado por Maffei veio tiral-o desse extasis.

Clarão vermelho e sinistro illuminava de um golpe toda a ladeira.

Miguel voltou-se para o lado do fogo, metteu cuidadosamente o pedaço da sua rabeça entre a blusa e a camisa, limpou com a manga uma lagrima que lhe pendia das pestanas e encarou firme as linguas de fogo, que singravam do tecto carbonisado da casa de Maffei.

— Mas o fogo é na casinha branca! pensou rapidamente o moço, e tentou correr para o logar do sinistro.

— E Maffei?! bradou-lhe a consciencia.

Esta observação interior fel-o parar e cruzar involuntariamente os braços.

— E Rosalina?! interrogou por sua vez

o coração, e, antes que a razão intervisse para o dissuadir, deitou a correr, o melhor que pôde, pela ladeira.

Então é que o incendio principiava a assumir a categoria de uma monstruosidade.

Nas praias batidas, como aquella, por ventos contrarios, um incendio é sempre coisa facil e decidida no mesmo instante.

A idéa de Rosalina em perigo restituiu ao amante naufragado as forças perdidas até ali, de sorte que em menos de um quarto de hora, correndo como um possesso, tinha elle vencido a ladeira. Com os fatos molhados de suor, de chuva, de mar e de sangue, atravessou rapidamente a porta do fundo da casa, entrou pelos quartos incendiados, pisou brasas, percorreu como uma sombra todos os cantos accesos, e, suando, vermelho, doido, sublime, cheio de lama, gritando, gesticulando, sem chapéo, sem gravata, com as pestanas tostadas, a carne inchada com o calor, os cabellos queimados e cobertos de cinza, o corpo coberto de faiscas, ora desaparecia entre as chammas, ora tropeçava nas vigas abrasadas, cahia,

levantava-se e saltava, gritando como uma furia :

— Rosalina! Rosalina!

E o crepitar do fogo parecia rir-se dos seus appellos.

— Rosalina! Não ouves?! O' meu Deus! Mãe Angela!

Nada.

O isolamento aterrava-o mais do que a imponencia do incendio e, sem dar fé que lhe chiavam as carnes assadas e que lhe escorria gordura derretida pelos membros, continuava a gritar :

— Rosalina! Rosalina! Estou aqui! onde estão vocês? respondam!

— Estariam todos mortos ou em tão pouco tempo teriam partido?

— Rosalina! minha Rosalina?!

E aísforme, desesperado, febricitante, horrivel, atravessou soluçando a sala; to-pou um pente de tartaruga, abaixou-se, apanhou-o, beijou-o e guardou-o no seio em menos de um segundo e a correr sahio pela porta do fundo, como quem acabasse de atravessar o inferno, exclamando furioso :

— Ninguém! Partiram, bradou levantando o braço para o céu ameaçadoramente. No momento, porém, em que apostrophava, sentio firmarem-se-lhe no estomago duas patas de cão.

— Castor! gritou o moço cahindo de joelhos.

— Oh! disse voltando para o céu os olhos arrependidos — Ainda me resta um amigo! **E abraçou-o soluçando.**

### VIII

— A caminho, meu amigo, disse Miguel a Castor. E puzeram-se a andar com vontade pela estrada que ia dar ao povoado. Castor ia na frente, sacudindo satisfeito a cauda, pelo compasso do andar cadenciado e ligeiro do cão quando leva destino; o artista atraz, triste, vergado, coberto de lama, sangrento, tiritando, mais se arras-tava do que andava. Apesar do frio da madrugada que para o nascente alvorecia o horisonte, Miguel tinha a tomar-lhe a cabeça febre abrasadora; seguia com o peso aterrador de quem acabava de assistir nesse instante á transformação de sua ventura em um montão de ruínas.

Que poderia esperar mais, além das neves do isolamento? Rosalina desapare-



cêra, isto é, fecharam-se todas as portas, janelas e postigos de sua alma por onde podia entrar a luz. E que seria das flôres dessa pobre estufa, dessas flôres tão cuidadosamente tratadas por elle entre os abro- lhos de uma vida de necessidades e decep- ções, sem um unico raio do sol que até ali as sustentára? Que seria dellas com a au- sencia absoluta de Rosalina?

O amor é para a alegria, a esperança, a honra e a glória o que a luz é para as flô- res; em outras palavras o amor é o matiz, o perfume, o frescor e a vida de nossos sentimentos.

As flôres não podem viver nas trevas.

Assim pensava Miguel quando chegou com o companheiro á casa.

O sol tinha se erguido de todo no levante; fazia um tempo magnifico.

O moço empurrou a porta e Castor pre- cipitou-se no interior do quarto, farejando os pobres trastes e o chão, em seguida, mordendo satisfeito a cauda e as patas, poz- se a ladrar para a rua.

Desde esse dia viveram os dois amigos em intima e completa harmonia — nunca



se separavam, comiam juntos e dormiam perto um do outro.

Trez mezes depois do incendio, Miguel teve noticia de uma familia que precisava de um professor de musica, para quatro crianças; apresentou-se e foi accedido. De tal momento correu-lhe a vida mais facil. Em pouco tempo, Miguel, cujos modos singelos e honestos atrahiram incontinenti sobre elle a cega confiança e sympathia dos seus protectores passou de mestre de musica a servir de preceptor; acompanhava por gosto os pequenos nos seus passeios e afinal já lhes tinha amizade.

O bom rapaz desvellava-se em dar aos discipulos mais instrucção do que lhe competia e até, digamos, mais do que podia — estudava durante a noite para instruil-os pela manhã, com tão feliz exito, que ás vezes gravava-lhes inalteravelmente na memoria ainda fresca preceitos e formulas de litteratura e bellas-artes, dos quaes se esquecia o proprio mestre, que os não decorava. E por este systema instruia com cabeçadas alheios; era, por bem dizer, o instrumento dos bons livros, mas o facto é que os

pequenos se desenvolviam e tanto lhe bastava.

Os rapazes adoravam-no.

Não ha como as crianças para tomar amizade á gente, e com esta cresce em geral á dos paes; os dos discipulos de Miguel estavam encantados com a boa aquisição que haviam feito. Um dia chamaram em particular o joven preceptor, e, depois de lhe manifestarem o quanto estavam penhorados pelos seus bons esforços e pelo seu bom character, o quanto desejavam que Miguel continuasse em companhia delles, declararam que haviam delibérado augmentar-lhe o ordenado e fazel-o morar em sua companhia e sob as suas vistas e cuidados — que Miguel era só e adoentado; que era preciso ter mais cuidado com a saude e terminaram franqueando paternalmente ao professor um quarto commodo e decente.

No dia immediato Miguel e Castor estabeleciam-se em casa da familia L...

Tinha por conseguinte o artista todos os elementos de uma felicidade relativa — tecto, cuidados e estima, agora possuia por bem dizer uma familia; emtanto, tristeza

continua e carregada pesava-lhe deverás sobre o coração como a garra negra de um abutre. Embalde esforçava-se por esquecer de todo o preterito e viver só do presente; embalde tentava plantar novas flôres no terreno resequido de seus affectos, que logo não rebentasse ahi, sangrentas e trunçadas, as raizes de sua antiga fortuna, por ventura mais persistente e volumosa depois que se convertêra em infortunio.

E neste definhar amargurado via elle cahir um após outro, no passado, os seus dias pallidos e saudosos, sem risos nem esperanças.

De todos procurava informar-se a respeito de Rosalina, e ninguém o esclarecia; da ilha haviam todos perdido de vista o pescador Maffei. — Entre o homem rude e o homem rico abrira o ouro largo espaço. De um lado não se conheciam os que estavam do outro.

## IX

E' no escogitar doloroso da saudade decorreram dous annos de desesperança, sem que fosse dado ao artista ter noticia da sua amada.

Já não parecia o mesmo — tornara-se trabalhador e grave. A vigilia e o estudo avivaram-lhe na physionomia os clarões da intelligencia, com a mesma intensidade com que as sombras de constante tristeza lhe anuviaram no olhar a mocidade e o riso.

Bella e pènsadora cabeça, quem te burilou tão sublime : a arte divina do homem ou a mão humana de Deus?

Muitas vezes o viam passar sombrio e authomatico, seguido dos seus discipulos e do cão , em taes momentos pendia-lhe para

a terra a cabeça, como quem procura um canto onde descanse o ultimo somno. E as pobres criancinhas, coitadas! olhavam para o mestre com os pequeninos corações estremecidos; as louras sensitivas choravam porque o viam chorar.

N'um destes passeios chegaram ás ruínas da casinha branca; massa informe de pedras e barro denunciavam apenas o logar onde crescêra e brincara Rosalina. Era tudo ennegrecido pelo fogo e silencioso pelo abandono; sómente além, para as bandas do mar, por entre o sussurrar das oliveiras, um pescador velho se lembrára de construir a sua choupana.

Derramava-se a hora do crepusculo e da tristeza; os ultimos clarões do dia abraçavam as primeiras sombras da noite — caricia contraditoria da luz e da sombra.

Nada entenece tanto como, depois de algum tempo, voltar ao berço de nossa primeira felicidade; tambem não ha decepção comparavel á que experimentamos ao topar arrazado esse ninho de recordações e saudades. — Procurar um abrigo e tropeçar em ruínas, procurar um berço e despenhar-se



Os pequenos continuavam aterrados sem se animarem a proferir palavra, até que o mais velho delles, Beppo, approximando-se de Miguel, abraçou-o pela cintura, dizendo em voz baixa e tímida: — Porque está chorando, meu mestre?

Para as crianças, corações logicos, onde não medrou ainda desconfiança nem experiencia — chorar é synonymo de — soffrer. O menino immediato a Beppo imitou o irmão; este foi imitado pelo outro menor e finalmente pelo pequenino, que se contentou em dizer, terna e familiarmente: — Não chores!...

Puxado pelo fio de ouro destas palavras, Miguel voltou a si e assentou-se commovido n'um pedaço de parede, cobrindo de beijos a cabecinha loura de Jeovanito.



Algente, não sabemos porque, depois de muito chorar e lastimar-se, sente appetite de beijar e abraçar alguém; queremos crer que é na adversidade que se fortalecem mais os corações, e se corroboram os affectos — ligam-se tão bem as lagrimas e o amor e formam tão imperecível betume, que vencem resistir ás borrasças destruidoras da vida e aos gelos mortiferos da ausencia e da idade. De tal sorte, que Miguel daquelle momento sentio-se amar ainda mais os discipulos; e, como o amor é sempre uma luz, a claridade chegou-lhe ao gesto volatilizada n'um sorriso de alegria. As quatro crianças entravam-lhe com aly-roço pelo coração, como um bando de passarinhos alegres n'um templo abandonado e sombrio.

— Meu mestre! disse Beppo, passando o braço pelo hombro do artista — porque razão você desde que chegou a este montão de pedras está tão triste e chorando?

Francino, o immediato aquelle, atalhou, sem dar a Miguel tempo de responder: — Ora essa! É porque aqui morreu alguém!

A palavra — morreu —, Jeovanito vol-

otou-se rapidamente e disse, arregalando muito os olhos, bellos, como são sempre os olhos, de uma criança : — Morreu? de que foi que elle morreu?...

— Não sei... disse muito naturalmente Angelino, mettendo as mãosinhas gordas nas algibeiras dos calções, com um certo ar de auctoridade.

Nisto, Jeovanito, que se tinha afastado um pouco dos irmãos, voltou-se aterrado, e, apontando para o sul com o seu dedinho côr de rosa, exclamava, contente por chamar a attenção de todos : — Olha! olha! um velho! e batia palmas alegremente assustado.

Effectivamente, um vulto alto e curvado, que subia a encosta, debuxava-se de negro na derradeira claridade do horizonte.

Aquella apparição produzio um máu effeito no animo dos pequenos. O crepusculo dava-lhe o geito phantastico de uma sombra, que sahia aos poucos do mar e cujos contornos se iam desvanecendo no azul amortecido do céu.

Silenciosamente caminhava o vulto para

elles e, á proporção que o fazia, os meninos conchegavam-se mais de Miguel.

— É o mysterioso habitante da choupana, calculou o professor, e não se enganára.

Este homem, digamol-o de passagem, era um antigo pescador, conhecido em Lipari pelo cognome de — Sombra da Noite. — Tinham-no por milagreiro e na ilha attribuiam-lhe toda a casta de feitiçarias e maleficios, que soe imaginar a ignorancia do povo. Em bom tempo fôra companheiro de trabalho e amigo de Maffei, a quem, por amizade e talvez mais acertadamente por interesse, arranjàra os meios de transportar-se em segredo para Napoles, na mesma noite do incendio da casinha branca. Esta boa acção rendeu-lhe em recompensa o direito de occupar enquanto vivesse o terreno de Maffei em Lipari e tirar d'elle, como das oliveiras, o partido que bem lhe aprouvesse.

Rosalina, se bem que por esse tempo tomasse Miguel por morto, levava o coração ainda morno do amor de seu companheiro de infancia; como uma parede que

durante o dia recebesse sol forte e abrasador, e á noite, apesar da ausencia d'aquelle, conserva uma certa dose de calor, que pouco e pouco vae morrendo, assim se esqueceu, ella de que podia arriscar o pae e para logo encarregou Sombra da Noite de se instruir sobre o resultado de um cadaver que necessariamente havia de ter apparecido na costa pelo dia seguinte á sua viagem.

Sombra da Noite não se deslembrou da incumbencia, porém o cadaver não appareceu. No fim de um anno de pesquisas foi a Napoles e tagarelou um pouco com a mãe Angela; de volta á ilha o pescador, ligando o sentido das palavras d'esta com o da recommendação de Rosalina, concluiu por descobrir que se tratava do cadaver de Miguel, a quem conhecia vagamente.

— Disto me póde vir algum resultado vantajoso, dizia elle consigo e procurava um meio de fallar a Miguel; a occasião porém não se offerencia. Vendo-o agora, Sombra da Noite sentio um estremecimento e tratou de aproveitar o lance. — Nada de precipitações com os diabos! E

parece que bispo emfim o meu *cadaver*.

Pensando assim, Sombra da Noite aproximava-se silenciosamente do grupo, que o observava tambem em silencio. Chegou ás ruinas, trepou-se com agilidade de moço pelos barrancos e, equilibrando-se, alcançou finalmente a extremidade opposta, onde estava Miguel, a fital-o com summa curiosidade.

Sombra da Noite abeirou-se delle e corretejou-o, descobrindo-se humildemente.

Era o typo perfeito do *lazaroni* — macilento e esfarrapado, sujo e feio, fallando um dialecto extravagante; grande chapéo de abas largas sobre a nuca e cachimbo queimado no canto da bocca.

Os pequenos estavam horrisados.

— Boa noite, disse Miguel.

— Deus Nosso Senhor lhes dê a mesma, meu senhor e meus ricos meninos, respondeu Sombra da Noite, mastigando compassadamente estas palavras e estendendo a mão para acariciar a menor das crianças.

Jeovanito fugiu com a cabeça, olhando de esguelha e procurou refugir-se nas pernas do mestre.



— Então? disse este. Falla, Jeovanito! não vês que te fazem festa?...

— Boa noite, meu velho, disse Jeovanito mais tranquillo.

— Este é seu filhinho? perguntou o pescador, passando a mão grosseira pela cabeça loura do pequenito.

— Não senhor. São todos meus discipulos.

— Ah! estão de passeio?

— É verdade, disse Miguel, e levantou-se, segurando as mãos das duas crianças menores. — Iamos já, quando o senhor chegou.

— É pena, com os diabos! disse Sombra da Noite, porque eu desejava fallar-lhe sobre alguém que morou neste logar.

Miguel sentiu-se fulminado — era a primeira vez, desde que se separára de Rosalina, que alguém lhe fallava nella, e voltando rapidamente para o pescador :

— De Rosalina?! Oh! diga, diga depressa! Como estão elles? são felizes? ricos?

— Riquissimos e muito felizes, digo-lhe mais — em breve serão nobres!...

— Nobres?!...



— Pois então? A excellentissima senhora dona Rosalina vae casar-se com um fidalgo de muita boa linhagem e de muito bom dinheiro!

— O senhor está gracejando! Não pôde ser! disse Miguel fingindo tranquillidade.

— Gracejando? berrou o homem. Pela Madona o juro eu! e beijou a palma da mão.

Miguel sentia-se horrivelmente opprimido — tinha vontade de continuar o interrogatorio, mas ao mesmo tempo temia ouvir alguma verdade inedita, que o esmagasse de todo; temia uma explosão de dor; atacara-lhe logo uma sensação nervosa e frenetica; uma dubiedade de mulher grávida; latejavam-lhe as fontes, como contundidas por este dilemna de ferro — calar-se, nada ouvir sobre Rosalina e soffrer — ou ouvir muito, saber tudo e soffrer mais. O coração saltava-lhe dentro como uma ran no charco; acommettiam-lhe desejos extravagantes e inexplicaveis. — Sentia-se com appetite de ser um homem máo, desregrado e inutil; tinha como um prazer de ouvir dizer mal de Rosalina e ao mesmo

tempo ardia por esbofetear aquella sombra impertinente que tinha defronte de si, o pescador; porém aquelle homem era o primeiro que, no seu exilio, lhe fallára sobre Rosalina; então tinha vontade de abraçal-o.

Estava triste, mas estava alegre; desejava cantar, mas soluçando; desejava abraçar Sombra da Noite, mas estrangulando-o.

Temos ás vezes dessas contradições no nosso espirito, que, expostas assim, parecem disparatadas e absurdas.

Qualquer resolução todavia atravessou como um relampago o cerebro do artista — crusou os braços e fitou Sombra da Noite.

— Tem certeza do que está dizendo?

— Tenho, respondeu com firmeza o pescador, tanta quanto tenho de saber que fallo com o senhor Miguel Rizio.

Miguel tornou a estremecer; agora, porém, era a idéa da raiva de Maffei que lhe surgia negra e ameaçadora. Seria isto uma cilada? Estaria aquelle homem pago por elle? Miguel desconfiava, mas ardia de curiosidade; finalmente, descendo de seu espasmo, disse descansadamente e affectando o mais frio desinteresse :

— Com que, o senhor conhece-me?...

— Perfeitamente, cavalheiro, e até desejo fallar-lhe.

— A respeito de Rosalina?

— Sim, senhor, a respeito de dona Rosalina.

— Então falle! disse Miguel já não se podendo conter. Falle que...

— Agora é impossivel.

— Então quando?

— Quando estivermos a sós. Eu moro naquella choupana. E Sombra da Noite indicou a casinha que quasi já se não divisava.

— O senhor póde procurar-me ahi. Quer vir amanha?

Miguel não respondeu — tinha a cabeça baixa e o queixo descansado na mão direita.

Depois de um quarto de hora, Sombra da Noite quebrou o silencio.

— Então vem?

Miguel ergueu resolutamente a cabeça.

— Venho!

— Amanhan?

— Não! hoje?

— Pois até a meia noite, disse o pescador dando-lhe as costas e descendo as pedras.

D'ahi a pouco tinha desaparecido nas trevas.

Miguel continuou a olhal-o por algum tempo; depois sacudiu os hombros e tornou a tomar as mãos dos pequenos.

Meia hora depois, caminhavam pela estrada. Na alma tenebrosa do artista, após tão longa noite, raiára afinal um clarão — triste, de desesperança e despeito, mas era uma luz, emfim.

E como a mariposa que festeja a propria luz que a ha-de queimar — começou a alvoreçar-se, cantarolando nervosamente.

As crianças, tomando aquelle cantar por expansão de alegria, abriram tambem a imital-o, até chegar a uma cocheira, onde tomaram um carro que os levou alegremente á casa.

## XI

Miguel voltou incontinenti.

A viagem foi demorada em virtude do caminhar incommodo da carroça. Mal chegado á cocheira, montou, sem tomar folego, um cavallo que lhe pareceu melhor e galopou para o logar da entrevista.

Dahi a pouco atravessava de vertiginosa carreira todos aquelles barrancos, impregnados para elle de saudade e tristeza, de amor e de fadigas.

Parecia mais galopar na impaciencia de chegar do que no seu cavallo.

A solidão, o marulhar na costa, a hora adiantada da noite, erguiam-se como enorme phantasma de neblina e espuma, que lhe vinha avivar a colera de Maffei; o luzir vermelho e colerico dos olhos da fera, ainda

o sentia elle dentro de si, como duas brazas a lhe queimarem os ossos do craneo. Esses olhos, que Miguel viu pela ultima vez antes de cahir no precipicio, procurava desde então esconder com o manto claro das suas idéas; emtanto, elle sentia-os a queimal-as, a esburacal-as e, depois de encardil-as, reaparecerem ameaçadores e vivos, a espreitar de dentro os seus movimentos, palavras e mais intimas intenções, como se fosse o proprio olhar da consciencia, mas de uma consciencia ebria.

Sim, porque a consciencia tambem se embriaga, e nesse estado diz coisas sem nexo e ás vezes obscenas.

Ella, como toda a mulher quando se embriaga, fica nojenta — arregaça as mangas e as saias, fuma, cospe-se toda, ri-se como os marujos e bebe como os soldados; perde, emfim, a vergonha e o pudor.

As grandes crises pódem divinizar ou prostituir uma consciencia do mesmo feitio que um grande amor póde divinisar ou prostituir uma mulher.

A casta, a pudica, a terna consciencia do artista dava nessa occasião gargalhadas de



barregan; comtudo, lá ia elle a galopar com ella na garupa. Levava comsigo a bebida e pelo caminho abraçam-se e beijavam-se como dois amantes doidos.

De facto é loucura o amor sem conforto que passa de cinco annos; o cerebro e o coração tambem concebem e os fetos ás vezes sahem alucinados, extravagantes e incoherentes.

A idéa fixa, que acompanhava Miguel ha quatro annos, era um feto d'esse genero — fecundado pelo amor e pela desgraça e endoidecido pelos proprios paes; esse feto crescêra, crescêra ainda mais e quando nasceu mamou nas tétas de uma fera.

— Uma fera doida, eis a idéa fixa de Miguel nessa noite; presa, era horrivel; solta, deveria ser fatal.

N'esse estado chegou elle á cabana do desconhecido — apeiou-se e empurrou com um murro a porta.

Sombra da Noite dormia tranquillamente sobre umas palhas ño chão; a claridade amortecida das estrellas, que se introduzia pela greta da porta, illuminava frouxamente o interior miseravel da casinha.

Miguel arquejava — dir-se-ia o resonar da sua consciencia ebria; á vista, porém, da tranquillidade rustica com que dormia o pescador, fugiram envergonhadas as suas suspeitas e foi cheio de confiança que se chegou para o acordar.

Sombra da Noite espichou uma perna, abriu duas vezes a bocca e levantou-se finalmente, fazendo o signal da cruz.

— Espere, homem! disse elle a Miguel, não vá dar com as pernas por ahí!

E recolheu-se ao fundo da casa, donde voltou pouco depois com um rolo de cera de abelha torcido e incerado.

— Sente-se por ahí! Olhe, tenho só este madeiro; não faz lá muito bom assento, mas serve.

E empurrou para Miguel um tronco de nogueira, unica mobilia da casa.

Miguel sentou-se, ardendo de impaciencia.

O homem foi ao outro quarto, bebeu agua de um pucaro de barro, accendeu o cachimbo e fechou a porta com uma tranca de madeira pesada; depois, encostou-se á parede, com

as pernas crusadas e o indicador da mão esquerda engatilhado no cachimbo, e disse entre uma baforada de fumo e um bocejo :

— Agora vamos ao que serve!

## XII

Às quatro horas da manhã já no oriente passeiava a aurora a sua alegria côr de rosa, contrastando com a terra toda tranquillidade e somnolencia; sómente da choupana de Sombra da Noite uma claridade avermelhada empalledecia ao clarão matutino do dia.

Parece que a natureza ao acordar vae apagando com as brisas da aurora as luzes mesquinhas das alcovas do homem. Quão ridicula e miseravel é a luz morticã de uma vela em presença da luz vivificante do sol — dir-se-ia o espirito de um homem comparado ao espirito de Deus.

Tambem devem de ser assim mesquinhas e pallidas as nossas almas em presença do increado no tremendo dia do Juizo-Final!

A portinha da choupana rangeu, depois da detonação que fez a tranca pesada de madeira ao cair na terra do chão e deu passagem a Miguel, seguido de Sombra da Noite. O moço vinha transformado pela insomnia e fadiga; o outro ajudou-o a montar o animal, que tosava fóra os detritos da ladeira, dizendo-lhe seccamente : — Até amanhã...

— Então posso contar com o seu auxilio? volveu Miguel firmado nos estribos e segurando com uma das mãos o chapéo, que o vento se esforçava, por arrancar.

— Para a vida e para a morte! respondeu o pescador, recebendo dinheiro da mão que Miguel lhe estendia.

O cavallo disparou e sumio-se com o cavalleiro na estrada. Pouco e pouco foi-se perdendo o som metalico da ferradura pizando o chão. Fechou-se de novo a porta da choupana sobre Sombra da Noite, e desapareceu a luzinha vermelha.

O sol acabava de levantar-se no horizonte, tremulo.

### XIII

Nesse mesmo dia Miguel, compondo boa sombra e bom gesto, se desfazia em razões por descontinuar em casa da familia L...

— Já que está tão afferrado á sua resolução, parta, meu amigo, dizia o protector de Miguel, entregando ao protegido o saldo dos seus salarios; mas não se esqueça que aqui fica uma familia que tanto o aprecia, como estima. Se algum dia succeder que volte, venha de novo ter comnosco; prezamos contar para meus filhos com o mesmo mestre e para mim com o mesmo filho. Venha! O senhor será sempre recebido de braços abertos nesta casa; e póde, tanto disto, como da affeição sincera que nos inspirou, levar certa a victoria, mais ganhada por direito do que por conquista!



E levantando mais a voz, em cuja firmeza se percebia a experiencia e a convicção, disse como um propheta : — O senhor é um homem de bem!

— Obrigado, balbuciou Miguel commovido, — e beijou-lhe a mão.

As criança escutavam boqui-abertas.

— Mas o meu mestre vae para ficar? perguntou Beppo.

— Espero que não, meu amiguinho; um dever de amigo constrange-me a partir para Napoles, mas, logo que me seja possivel voltar, continuaremos os nossos estudos e os nossos passeios; quanto á boa amizade — ah! essa, garanto, em desfavor da ausencia e do tempo, continuar na mesma altura.

Assim dizendo, Miguel abraçava Beppo e os irmãos.

Os meninos, entretanto, vestiam tal seriedade, que mais pareciam zangados que pezarosos. Convem notar que em Miguel não viam elles a carranca do mestre-escola, mas o olhar intelligente e amigo do companheiro de folgedos; mettêra-lhes, é verdade, o bom moço, a carta do A B C nas

unhas e na memoria, mas em compensação ensinára-lhes a tirar funda, a lançar o pião, a nadar e vencer barrancos e finalmente instruíra-os na grande sciencia de fazer armadilhas e laçar passarinhos e lagartos.

Ora, quem ensina d'estas artes ás crianças é fatalmente adorado por ellas, e, por conseguinte, mesmo barateando a sympathia natural de Miguel, os filhos do senhor L... tinham jus a estremecer o mestre, para, assim de coração tranquillo, o verem partir tão inexperadamente.

A amizade das crianças, como toda affeição dos fracos, é egoista — os pequenos constituíam para si um direito absoluto sobre o amigo. — Tiravam-lo? Tanto peor! Porque? Não queriam saber de razões; fossem quaes fossem as causas, o effeito era evidentemente desfavoravel e máo. E tanto bastava para estarem enfiados e furiosos.

Jeovanito, o mais moço dos tres, vendo que nada conseguia pelo supposto direito, achegou-se do mestre e disse-lhe, ameihando-lhe os dedos com a sua mãosinha gorda e rosada: — Fica, meu mestrinho!... Dito isto, ficou a olhal-o supplicante, fazendo

dos labios, que talvez inda cheirassem a leite, um biquinho de enfado e ternura.

Miguel respondeu negativamente com a cabeça em quanto o beijava.

Desesperou-se o pequeno, e, conhecendo a nullidade de seus esforços, arremessou com toda a delicada força de seu bracinho uma pancada no hombro de Miguel, acompanhando-a dos epithetos mais engraçados e injuriosos que pôde dizer uma criança.

Por outro lado, a mãe dos meninos também apresentava, com muita brandura de gestos e delicadeza de palavras, as suas sinceras opposições; e d'ellas, vendo a virtuosa senhora o nenhum exito, volvia a aconselhar o amigo de seus filhos, com taes carinhos e meiguices de mãe, como se aos proprios filhos o fizesse.

A mãe em tudo revela a maternidade, seja ella a mãe de Christo ou a femea de um leão; entre a brandura celestial da santa e a ferocidade mundana da leôa está esse sentimento sublime, esse amor incomparavel que tudo pôde, tudo vence, tudo desbarata para salvar o filho. Penda para uma das extremidades, penda para a outra, seja di-

vina ou seja bestial, hade ser mãe — ora commove pedras com as lagrimas do anjo, ora vence gigantes com as garras da fera; ora pede de joelhos, ora ameaça com as unhas; ora supplicante, ora ameaçadora; mas sempre imponente, sempre sublime, sempre mãe!

Miguel despediu-se da mãe dos seus discipulos summamente commovido; ella fel-o chorando e chorando dependurou-lhe do pescoço uma medalha de cobre com a imagem da Madona.

— É para que o proteja e ajude, disse a boa senhora abençoando-o, e, distribuindo depois pelos filhos objectos de uso, como pentes, escovas, lenços e gravatas, disse-lhes: — Vamos, meus filhos, deem esses mimos ao seu mestre e peçam á Deus que o abençoe e acompanhe.

As crianças, quasi em côro, repetiram authomaticamente as palavras da mãe.

O senhor L... offereceu-se ainda uma vez ao viajante para escrever a alguns amigos de sua confiança, recommendando-o; ao que se oppoz reconhecido Miguel, pretext-

tando parecer lhe isso nimiamente desnecessario.

— Então, repito-lh'o, meu amigo, vá e não se esqueça de nós.

— Seria preciso ser muito ingrato, disse Miguel, abraçando-o pela ultima vez, o que foi fazendo por todos até sahir, depois de beijar repetidas vezes os discipulos, que se conservaram imperturbaveis e serios.

Quando Miguel desapareceu, os pequenos desataram a chorar ruidosamente.

Decorreu para a familia L... um dia comprido e triste.





## TERCEIRA PARTE

---

### I

Nas terras pequenas, onde as ambições e o egoismo são relativos ao tamanho do lugar, são entretanto os corações extraordinariamente maiores que nas grandes capitães.

Parece que essa viscera diminue na razão inversa do engrandecimento de uma cidade; quanto maior fôr a terra, mais ridiculo e corrupto é o coração de seus filhos. Elle é como o barometro da civilisação, que o suffoca e amesquinha.

Cada vez acreditamos mais que a innocencia anda de par com a ignorancia, como

a lealdade e a franqueza com a inexperiencia, como o progresso com a desconfiança, como a gloria com o egoismo, como a ambição com a desvergonha e finalmente como a riqueza com a miseria.

Os milhões e as misérias degradantes são o patrimonio das côrtes, como a mediocridade de haveres e a ausencia de absoluta miseria são o das pequenas cidades — accumulam-se de um lado os bens para faltar do outro — accumulam-se mais, mais ainda, exageradamente mais, e mina pelo outro lado a miseria degradante, inconcebivel, sem nome.

Esse desequilibrio da fortuna produz o equilibrio da balança social, o equilibrio das classes. Do contraste das circumstancias nasce a industria e o commercio; estes são o progresso e a civilisação.

E o que fazem o progresso e a civilisação ao contemplar a paz dos campos, a felicidade serena do lar, a fortuna dos obscuros e ignorados filhos da provincia?

Riem-se grosseira e estupidamente.

A ingenua hospitalidade da provincia, a expontaneidade no obsequiar, a facilidade

de amar, o desinteresse no servir, o desejo de agradar, o compadecer dos infelizes, o consolar os desesperados, a obrigação de proteger os fracos, o interesse pelo semelhante, e mil outras virtudes dos pequenos logares, passam ridiculisadas senão desconhecidas nas grandes capitaes, onde o dinheiro fórma um centro de gravidade, em torno do qual, como formidavel mundo planetario, gravitam, sujeitos e dominados pela força centripeta, a moda, a aristocracia, a elegancia, a vaidade, o orgulho, o egoismo, a ambição, o desamor, a indiferença, a baixeza, o roubo, a mentira, a torpeza, a deshonra e mil outros vicios brilhantes, cujas centelhas são todas as vergonhas, todas as mizerias, todas as corrupções sociaes!

A hypocrisia é moeda corrente nos grandes meios e ha como um commercio de odios surdos entre os correligionarios mais intimos e communicados d'esse circulo, dourado na superficie e pôdre no fundo.

Tudo offusca! tudo luz! porém nada conforta porque nada tem valor sincero e real.

Na provincia os sentimentos são mais

nus e verdadeiros e as almas mais humanas e firmes. Aqui o coração é coração, o bom é bom e o máo é máo; aqui as mães são verdadeiramente mães, ali muito raras vezes o são; aqui a mulher quer ser mãe para ser feliz, ali não quer ser mãe para não afeiar; aqui o amor e o casamento são coisas puras, faceis e naturaes, ali são jogos de especulação e de interesse individual. Nas terras pequenas o casamento é, em geral, uma consequencia do amor; nas grandes, quando elle no casamento exista, o que rarissimamente succede, é uma consequencia do casamento, isto é, da convivencia e do habito.

D'ahi os immensos crimes e as torpezas mesquinhas; d'ahi os filhos rachicticos e desestimados, as mães doentias, scepticas, aborrecidas e sem amor.

Na provincia, emfim, cada um tem o seu coração, por elle vive e pratica, por elle ama e só por elle delibera; na capital ha somente um coração para todos, podemos dizer um coração official, uma viscera da nação, um apparelho mechanico e economico — tem a mesma pulsação e o mesmo

calor para todos; é quasi que um coração artificial; é mais um objecto de luxo, que um órgão necessario; é uma teteia dourada, é um boneco de papellão, é um trapo, é lama!

Póde haver um bom povo n'uma grande capital. convimos, mas urge comprehender — que um bom povo não diz o mesmo que uma boa gente. Assim como uma atmospheria, aliás boa e salubre, se compõe de moleculas boas e más, cuja combinação produz magnificos resultados; assim tambem o povo de uma grande capital, como o de Pariz, por exemplo, ou de Madrid, póde ser bom no todo e ruim em partes.

Junto, unido, fundido em massa, ligado compactamente pelo enthusiasmo, pelos brios politicos será bom, porque é brilhante e é grandioso, porém como as montanhas, só produz effeito visto de longe, donde com um olhar se abranja o todo e não as partes. Será bello, atravez dos prismas encantados da historia e dos seculos, será transparente e azul, depois de uma refracção, como nos apparece o ether atravez da luz do sol e dos gazes atmosphericos, porém de perto

é grosseiro e informe como a montanha — pedras bruscas e ruins, vegetações enfezadas, barrancos perigosos, onde se escondem reptis malvados e traiçoeiros.

Assim é o povo de uma capital civilisada, póde ser bom no conjunto, mas em geral os homens que o formam são entre si máos e viciosos.



## II

Fria e physiologicamente esmerilhando a verdadeira causa, não é de espantar, como parece á primeira vista, que a estranha familia de Lipari se houvesse tão boa, tão patriarchalmente virtuosa, tão desaffectedamente ingenua, tão infantilmente generosa e protectora, para com um pobre moço que se apresentava como mestre, sem protecção, sem dinheiro, sem attestados de collegio, sem outros dotes, que o recommendassem além dos moraes e intellectuaes.

É que nos logares pequenos abrem-se os corações antes de se abrirem os olhos — preferem o bom character e os bons costumes á grande sabedoria e á brilhante nomeada. Ninguem se diz — mostra-se; ninguem pergunta-vê.

E se procurassemos bem a causa de tudo isto, haveríamos de descobrir que, em vez do ar porvilhado das ruas estreitas das côrtes, dos acipipes caprichosos dos hotéis, dos vestidos apertadissimos de baile, das encanecedoras vigílias das festas, do abuso dos perfumes, do uso dos licores excitantes, dos sentimentos contrariados, das dores disfarçadas pelo riso e das lagrimas fingidas; em vez de tudo isso respiram os da burguezia provincia o ar livre dos campos, comem os frugaes legumes de suas hortas, vestem-se á larga, dormem cedo, encantam-se com os perfumes das flores e d'ellas tiram as mulheres os seus ornatos, e mostram no olhar e no sorrir as dores ou alegrias que lhe vão por dentro.

Não é de pasmar tal contraste entre os civilizados filhos das grandes capitaes e os singelos habitantes dos logares pequenos, porque os estomagos de um são diametralmente oppostos aos estomagos dos outros, e o homem é bom ou máo, conforme o estado máo ou bom de seu estomago.

Os perfumes e o alcool estragam o cerebro e desbotam a memoria; as anquinhas

confrangem a respiração; o pó arruina os pulmões; os hotéis encarregam-se de aguar o sangue; emfim todos estes cúmplices da morte, que constituem o deleite e encanto das grandes capitaes, principiando por estragar o estomago dos cidadãos classificados, acabam por dar batalha á alma, que se enerva, se gasta, se corrompe e apodrece.

Agora voltemos de novo a medalha — Os outros! como são felizes! como sadios! como do que vivem todo o elemento fortifica e avigora. Como bons e alegres, que pois tem bom o estomago e puro o sangue!

O bom estomago é a base de toda e qualquer felicidade possivel.

Sem estar em perfeito estado, o estomago, não póde haver alegria; sem alegria não ha saude e, sem esta, que seria a virtude? A virtude é uma consequencia da saude e da alegria — a tristeza depõe contra a virgindade e contra o amor. E finalmente que são a virtude, a saude e a alegria, senão a mais completa felicidade humana — a familia?

De mais — a belleza! não será ella o conjuncto d'essas tres qualidades reunidas?

não será a belleza a continuação da saude, da alegria e da virtude?

— Certamente que sim, como certamente é esta a unica possivel e verdadeira fortuna.

Logo, os filhos das grandes capitaes são geralmente máos e duplamente desgraçados, que além da desgraça de ó ser, têm ainda a porventura maior, de conhecer que o são.

E todavia continuam a ir se torcendo dentro das suas jaulas de ouropel, a entulharem, com os esqueletos vivos — os hospitaes, e com os mortos — os cemiterios.

**Deixemol-os viver ou morrer.**

### III

Para onde e para que se dispunha Miguel com tanto afan?

— É o que vamos ver e o que necessariamente ficou concertado desde aquella singular entrevista na choupana de Sombra da Noite.

Prepararam-se como para uma pesca no alto mar; Miguel abriu francamente a bolsa á Sombra da Noite, e este soube servir-se della com intelligencia e economia — fretára um barco grande de pescar, comprára provisões, salgára bastante peixe, empacotára lenha, bolacha e fructas seccas, enchêra duas talhas d'agua fresca, munira-se de bom vinho e agioardente, arranjára duas macas, alcatroára os competentes archotes

de feno e com tal zelo e actividade se houve em tudo, que á meia-noute todo o necessario estava prompto.

O vento era favoravel e já o barco se sacudia impaciente na praia. Entre esta e o barco, grosso archote, coberto de resina, espalhava um clarão avermelhado e fumifero, parecia, reflectindo na humidade da areia — uma brasa cuidadosamente collocada sobre uma lamina de vidro.

De vez em quando interrompia a luz do archote o vulto negro de Sombra da Noite, carregado de mantimentos, que ia deixar a bordo; logo voltava com agua pela cintura, subia de novo a ladeira e tornava a descer a vergado com a carga. Seis ou sete carretos e dera por feito o carregamento. Então armou a tolda no tombadilho, empurrou com cuidado as talhas para um lado, calçou-as bem e depoz, ao alcance da mão, a borracha de agoardente; abriu em seguida a escotilha, arrumou nella os fardos de viveres e subiu novamente a coberta; ahi fez lume para disfarçar a humidade, estendeu um bom encerado, armou duas macas, e, tomando folego, que tudo isto o fizera can-



sar, disse em voz alta: — Prompto, com os diabos!

Depois, por sua conta e de sua idéa, assentou á prôa quatro anzoes e duas redes de pescar. Feito isto, tirou vagarosamente tabaco de uma bolsa de couro, encheu bem o cachimbo, olhou em torno, procurando descobrir o que faltava e disse satisfeito: — Bom!

Accendeu o cachimbo, voltou á praia e subiu para casa, cantarolando muito tranquillamente e muito contênte de sua vida.

Já lá estavam á espera Miguel e o cão.

O artista desprezára as roupas graves do professor e revestira a sua antiga e singela blusa de artista ambulante — tinha na mão o estojo da sua querida rabeca, uma faca de bainha na cintura, na algibeira todo o dinheiro que possuia e no coração toda a esperança que lhe restava, na cabeça... Ah! niessa, além das harmoniosas concepções, que um amor malfadado lhe inspirára outr'ora, apodrecia de ha muito uma idéa sinistra e repugnante, dependurada da imaginação, como o cadaver contrahido de um enforcado.

E, seguido dessa idéa, negra, como a sombra informe da sua propria desgraça, sentia alvejar, nas margens oppostas do mar de Sicilia, a roupagem transparente de um anjo, que o chamava de lá. Era isso a sua estrella — seguia-a indifferente a tudo mais que o cercava, via-a somente, só ellá — luzir no fundo negro do seu futuro, como pharol de unica salvação possivel.

Alvo, pharol ou estrella, apagassem essa esperanza e a vida para Miguel seria toda trevas e gelos. — Roubem-m'a, pensava elle — e esta vida não será mais que uma enorme sepultura.

Castor dormia profundamente aos pés do amo.

— Prompto, patrãosinho! disse Sombra da Noite, chegando á casa.

— Podemos ir?

— Quando quizer, respondeu o pescador, tomando do chão a torcida accesa.

Miguel tomou o capote de um prego donde estava dependurado e, embrulhando-se, sahiu, acompanhado de Castor, que, rapido, lhe tomou a frente e desceu a ladeira.

Sombra da Noite fechou por dentro a

porta com a tranca de nogueira, foi ao outro quarto e fez o mesmo á porta do fundo e, depois de apagar o pavio, pizal-o e mettel-o na algibeira, afastou de um canto do tecto o choupo e, espremendo-se pela estreita abertura, saltou fóra, exclamando : — Até á volta, se te encontrar viva ou se eu não estiver morto!

Em cinco minutos alcançou Miguel.

Chegados á praia, o homem tomou nos hombros o artista e carregou-o para bordo. Castor seguiu-os a nado.

Miguel agarrou-se ao portaló e pulou no barco, estendeu depois um braço e puxou Castor para dentro; o cão entrou todo a sacudir-se, salpicando agua do corpo. Sombra da Noite foi o ultimo e fechou o portaló; em seguida, voltando-se para Miguel, apresentou-lhe o barco e os seus arranjos, explicando a serventia d'isto, elogiando aquillo, fallando de tudo e dando a entender que tinha consciencia do bom desempenho da sua commissão. Miguel distrahi-damente passeou a vista pelo interior do barco e declarou-se plenamente satisfeito.

Suspendeu-se a amarra, guindou-se a

vela grande. — O barco começou o embalar-se, movendo-se a principio com difficuldade, como se tivesse acordado naquelle instante, parecia mesmo que se espreguiçava; logo, porém, cedeu ao leme de Sombra da Noite, virou a favor do mar e entrou a navegar com vento em pôpa.

Partiram.

## IV

O barco atravessava descuidado o perigoso mar de Sicilia, em demanda das praias napolitanas.

Quem o governava? O nordeste? O leme? O braço de pescador? A bussola? Uma estrela? Algum pharol? A fé em Deus? O capricho do mar? Nada! — nem o braço mesquinho do homem, nem o dedo poderoso de Deus — nem a vontade de um, nem o querer do outro. Governava-o sim, um coração apaixonado.

O barco estremecia com o pulsar d'esse coração bohemio; o seu verdadeiro commandante era o amor, esse que não conhece tempestades nem bonanças, esse que é tranquillo no soffrer e desensoffrido na ventura, esse que sempre triumphha! — O amor!

Parecia demandar os portos de Napoles, mas em verdade o que demandava elle era tão sômente a mais forte das fragilidades humanas, a mais heroica das fraquezas divinas, o mais diabolico dos anjos terrestres, o mais angelico demonio celeste — a mulher!

Esse conjuncto do que ha de santo e do que ha de tentação, esse amplexo do bem com o mal, esse beijo de Deus no homem, essa lagrima doce e venenosa de piedade e ciume, esse motivo do inferno, esse mesmo inferno e esse paraíso, essa mocidade, essa riqueza, esse tudo, esse nada — a mulher!

Ia em demanda de uma mulher, isto é, ia naufragado — uma mulher é sempre uma ilha desconhecida.

Entretanto, navegavam; entretanto, o vento e a noite corriam favoraveis e tranquillos: a natureza é verdadeiramente fidalga, boa e orgulhosa — dá indifferente-mente, não olha para quem recebe — favorece e passa distrahida.

O barco corria rapido e macio — as enxarcias esticadas, a vela gorda de vento,



a prôa alta de cortadora, o casco tremulo de ligeiro.

Miguel, de pé — esbelto, pensativo, com a rebeca em punho, quebrava da noite o silencio encantado, com as vibrações harmoniosas de seu instrumento; gemia o arco apaixonado e as vagas alevantavam-se, convulsas e encapelladas, para o ouvir e admirar, e logo depois recahiam, deslocando-se magneticas sobre as suas molas quebradiças.

E o barco embalava-se como um berço de gigante; e a musica fugia com o vento, e Napoles vinha pouco e pouco se approxi-mando.

## V

Mal chegados, atracou o barco e saltaram os viajantes, seguidos do cão.

Sombra da Noite, por maior segurança, escolhêra para o desembarque uma praia de pescaria, das muitas em que abunda Nápoles, e disfarçadamente vestido de pescador, carregava cantando á moda d'estes, o peixe que apanhára durante a viagem.

Seriam, quando muito, dez horas da noite, hora essa de se prepararem os pescadores para a pesca nocturna em alto mar.

Tudo estava prompto — viam-se as redes esticadas, amontoados os archotes e cheias as borrachas.

Dirigiram-se os dois e Castor para uma tasca fronteira á praia; ahi, segundo o costume, esperavam os pescadores, com as

competentes mulheres e filhos, a vez da maré, entretidos a ceiar ou a beber. Os recém-chegados, que, á despeito da vontade e do disfarce, chamavam a attenção geral, fôram-se assentando com affectada indifferença e bebendo com soffrivel vontade.

Sombra da Noite tratou logo de se desfazer do peixe, arranjar pouso para a noite e ajustar preços; feito isto, sahiu com o companheiro da tasca e, sempre acompanhados de Castor, despresaram a praia e entranharam-se pela cidade.

Miguel não conhecia Napoles e, carregado da sua rabeca, deixava-se ir acompanhando o guia; assim palmilharam muitas ruas, a principio tomando para a esquerda, seguiram depois transversalmente — ora atravessavam uma rua estreita e deserta, ora uma larga e concorrida; até que afinal chegaram a um logar espaçoso e arborizado; depois de ligeira hesitação, venceram o largo e metteram-se por uma bonita rua, larga, bem calçada e mais concorrida que as outras.

— É esta, disse o pescador sem parar. Miguel levantou os olhos para uma taboleta

e leu — Rua de Toledo. — O coração bateu-lhe mais apressado.

Continuaram a andar, silencioso. Á proporção que o faziam, diminuia o numero de transeuntes, era a noite que se adiantava. Uma vozeria confusa e alegre partia dos cafés e dos grupos rareados.

Castor, de cauda interrogativa e focinho baixo, ia na frente, farejando sofregamente as pedras estranhas para o seu faro.

Nem sequer olhavam os viajantes para as preciosidades naturaes e artisticas que se desenrolavam a seus olhos; comtudo ali estava um artista, não sem alma para ver, sentir e admirar, mas tão tomado de suas preocupações, tão pasmado e absorvido por uma idéa fixa, que não lhe dava a alma pressa de regalar a sêde do artista, quando o coração se resequia á mingoa de outro orvalho. Um artista, um lazaroni e um cão, isto é, o primeiro abstracto, o segundo rude e o terceiro irracional, são justamente as especies mais refractarias ao bello, mas em verdade é que pareciam indentificados pelo mesmo interesse e levados pelo mesmo fim, porque, igualmente apressados, caminha-

vam no mesmo compasso, se é que dius homens podem andar pelo compasso de um cão.

De repente Castor se poz a ladrar contra um portão de ferro, que servia de vasta entrada para um jardim, em cuja casa muito se dançava e folgava. A musica do baile absorvia os latidos do animal, este porém, ladrando cada vez mais, enfiava a cabeça e patas pelos intervallos dos varões lanceados da grade.

Nas salas principaes do edificio estorciasse o baile em convulsões sensuaes; da rua viam-se rodar vertiginosamente as cabeças muito frisadas e as espaldas nuas de alabastro e banhadas de luz.

Sombra da Noite parou, olhou com attenção para a fachada do edificio e, calcando a cinza do cachimbo, disse seccamente. É aqui.

Miguel estava immovel e distrahido; tinha os olhos arregalados e as mãos frias; a luz immensa, a musica, o luxo, o zumzum das sedas e velludos, offuscavam-o, ao mesmo tempo que o enchiam de raivosa tristeza.

— Agora, disse o outro em voz baixa, podemos entrar por ali, sem risco de sermos vistos. Conheço uma ruasinha particular pertencente a casa e por onde é permittido ao povo transitar.

E arrancando o companheiro do labyrintho de reflexões em que parecia perdido, foi com elle atravessando a frente do edificio. Miguel ia atraz, caminhava de cabeça baixa e passos lentos. D'esse modo costearam o jardim pelo lado esquerdo, depois, embrenhando-se por uma sombria alameda de laranjeiras, Sombra da Noite disse ao companheiro : — Esta rua cerca toda a casa; caminhemos por aqui.

Quando chegaram ao meio da ruasinha, o guia parou novamente, accrescentando em segredo : — D'aqui se vê perfeitamente o fundo de toda a casa. Aquella grande varanda em fórma de arco, disse elle, apontando para a enorme balaustrada do andar superior, fecha toda a casa; por ahi pouca gente pôde agora transitar, porque naturalmente estão entretidos com a dança e com o jogo; os salões do baile são no centro, e a elle pertencem aquellas cinco janellas que



o senhor viu da rua; dos lados estão os dois salões do jogo e dão também para a rua aquellas duas outras janellas, que o senhor viu de cada lado, porém, comprehende? é tudo resguardado pela varanda, onde agora não chegam os convidados. Estão no diabo da festa! D'aqui pouco se ouve o barulho que fazem, porque o vento leva contrario. Olhe agora para baixo, continuou Sombra da Noite, debruçando-se nos hombros de Miguel e acompanhando a descripção com o indicador da mão direita - olhe! vê aquella grade de marmore? na parte escura!... Está inteiramente sombreada pelo diabo da varanda do andar de cima...

— Onde estão aquellas vidraças de côr? perguntou Miguel, todo attenção.

— Justo, disse o outro estendendo a palavra e os labios. — Também é o unico aposento do andar de baixo que tem luz. Pois ali, continuou, abaixando mysteriosamente a voz e chegando a bocca do ouvido de Miguel — é o aposento particular da filha do senhor Maffei!...

Miguel encostou-se á grade do jardim,

## VI

Continuava Sombra da Noite a discorrer por diante, em quanto Miguel, sem sequer se aperceber d'isto, fitava, encostado immovel aos varões do jardim, a claridade colorida e alegre das vidraças de Rosalina, cujo aspecto festivo contrastava com o sombrio das grades negras e luctuosas do carcere interior do seu espirito.

Ignorado, corria-lhe em silencio, dos olhos, o pranto morno e copioso.

Porque chorava elle, tão bom e generoso, ao contemplar a fortunosa opulencia da sua querida amiga? Não a desejava por acaso feliz? Não queria para ella todos os bens da terra e todas as benções do céo? Sim! mas é que no meio da opulencia d'aquelle orgulhoso viver se haveriam de humilhar a singela blusa e a rabeça do artista.

Desgraçado! Chorava porque era moço, porque não tinha vivido bastante para saber que a vida é uma enorme decepção; chorava porque Rosalina era o seu primeiro amor, e o primeiro amor do homem é tão selvagem e feroz, como deve o ter sido o primeiro homem da natureza. Chorava porque a estrella que o conduzia na existencia tingia-se de côres mundanas, em perda do celeste azul do seu phosphorecer.

Era aquelle chorar de Miguel um carpir triste e desesperançado sobre dois tumulos ainda mais tristes — sobre o de Rosalina e sobre o seu, por ventura menos valioso que o d'ella; era chorar sobre o tumulo das recordações e sobre o das esperanças — o passado e o futuro — o nada e o nada.

E que mais é o nosso viver n'esta especie de mundo, senão uma illusão entre dous nadas — o presente e o futuro? Dois nadas insondaveis e obscuros que fecham uma hypothese, chamada — presente. Hontem saudades nebulosas; hoje — mentiras e esterilidades; amanhã — sonhos mal contornados. Eis a vida!

E assim scismava Miguel, enquanto o

companheiro, sem lhe dar pela indiferença, continuava a papaguear, accrescentando: — Não seria eu capaz de morar aqui, nem que me cobrissem de ouro! Metter-me com os demos das almas penadas, que...

N'isto avivou-se de repente a luz do quarto de Rosalina.

Miguel endireitou-se todo como uma cobra e prestou attenção. Sombra da Noite calou-se de todo e ficou tambem a olhar para a janella illuminada, dizendo baixinho, depois de algum silencio: — Entrou para o quarto...

Miguel chegou-se d'elle e disse-lhe imperiosamente: — Deixe-me só e vá esperar-me na tasca. Leve consigo Castor e tome dinheiro para o que fôr necessario.

Sombra da Noite retirou-se silenciosamente.

O artista continuou immovel e abstracto a fitar a janella; depois, como se quizesse fallar áquella claridade risonha e colorida que de lá vinha, ergueu inspirado o arco, collou com frenezi a rabeça ao hombro, e os sons encantados, com que d'antes comovêra a sua amada, rebentaram plangen-

tes e harmoniosos, como um còro de beijos e suspiros, soluçado pelos anjos.

— Estaria ella no quarto?

Estava, com effeito, pois era essa noite, justamente a mesma em que Rosalina, concertada com o cavalheiro de bigodes pretos, abandonava os salões da dança, para refugiar-se voluptuosamente extenuada nos seus aposentos, e ahi ouvira o murmurar choroso de uma harmonia exquisita e conhecida.

Era essa mesma a noite, mesma era tambem a musica, a rabeca a mesma, mesmos o arco, o artista, o braço, a inspiração; só Rosalina! só ella não era a mesma, que d'antes se arrebatava com aquella musica bella e innocente como o amor de duas crianças.

## VII

Miguel continuava a tocar inspirado.

A luz da alcova de Rosalina amortecia-se e as horas da noite fôram-se succedendo, tristes, frias, uniformes e silenciosas como as brisas do outomno.

Os ultimos arrancos do instrumento confundiram-se com os primeiros estremecimentos da aurora. Quando Miguel chegou á tasca, era já dia alto; estava deserta a praia de pescadores, que não tinham ainda voltado da pescaria.

Ligeiro enfiou-se o artista pelo quarto onde se accommodára Sombra da Noite, de-  
puz n'um canto a rabeca e precipitadamente escreveu um pedaço de papel ordinario o seguinte :



« ROSALINA.

« — Não morri e desejo viver só para te amar — estou resolvido a fazer tudo o que me ordenares, até mesmo a minha propria desgraça, se ella a ti fôr necessaria; em troca d'isso, peço-te, com a alma de joelhos, meu amor, que me concedas amanhã á meia-noite, uma entrevista. O teu lenço, atado ao balcão da tua janella, será o signal de que ainda te merece alguma coisa — o teu escravo.

*Miguel Rizio. »*

Escripto, dobrado e subscriptado este bilhete, Miguel acordou Sombra da Noite, que dormia a somno solto.

— Entrega, disse-lhe elle, do melhor meio que te accudir, hoje á noite, esta carta a Rosalina, se não lhe poderes fallar, faze ao menos porque lh'a chegue ás mãos, mas sem falta hoje! — Entendes?

— Descanse! que será entregue, disse Sombra da Noite, mettendo o papel no bolso.

A missiva de Miguel chegou de feito ás mãos de Rosalina, e, como vimos no capi-

tulo em que justamente a deixámos, ella, accedendo ao pedido do resuscitado amante, atára á meia-noite, como elle lhe pedira, o seu lencinho de rendas francezas no marmoreo balcão da janella.

Feito o signal, Rosalina voltára a reclinarse tranquillamente no divan, como quem se submette ao aborrecimento de qualquer cerimonia politica; e, n'essa dubia postura, marcando com o pé o compasso dos segundos, dobrava e desdobrava o papel, que lhe chegára ás mãos por intermedio de Sombra da Noite.

A pendula marcára afinal a hora da entrevista. Um silencio perfumado e voluptuoso rescendia em torno de Rosalina, como uma aureola de desejos.

Ha sempre nos aposentos da mulher bella um não sei que de indizivel e seductor, que encanta e embriaga; uns perfumes de cabellos, de flores e de carnes, que lembram sympathicamente a curva macia e flacida de um bom seio de vinte e dous annos. Póde-se chamar a esse fluido exquisito o perfume do amor.

A claridade coalhada do globo de alabas-

tro, a tepidez preguiçosa da atmosphera, o macio surdo do tapete, tudo, tudo juntamente desatinava e endoudecia os sentidos.

Rosalina, encantadoramente reclinada no divan, pendente para traz a cabeça, molle, humido o olhar, as narinas sofregas, os labios entre-abertos e resequidos, comprazia-se em ver, espiando pelo franjado sombrio das pestanas, o arfar voluptuoso das carnes macias do collo. A garganta carnuda, pallida e estendida, tinha uns tons frescos e uns estremecimentos de carnes gordas de criancinha de peito; as covinhas dos cotovellos, os saltinhos das carnes dos dedos, as unhas côr de rosa, os dentes côr de leite, os cabellos languidos, serpenteados e frouxos, a respiração comprimida, a lingua humida e vermelha, como um pedaço de carne viva e ensanguentada, em cuja pontinha reflectia a brancura ferina dos dentes, tudo, emfim, levantava com explosão a chamma doida e selvagem dos desejos.

E, todavia, ella estava quieta e lethargica, n'esse quasi somnambulismo, que não é bem indiferença, mas um esquecimento de si mesmo, um doce abandono de forças,

comparavel ao estado comatoso, que succede aos prazeres sensuaes e cansativos, — n'esse *dolce far niente* de uma mulher rica, que é mais formosa para os outros do que para si, — quando, subito, no quadro escuro da janella, aberta de par em par, se desenhou o busto desgrenhado de Miguel.

Vinha transformado e pallido como uma caveira.

## VIII

Miguel precipitou-se na alcova e cahiu soluçando aos pés de Rosalina — commoção amarga e deliciosa o dominava, como nos bosques a tempestade domina a corça.

Elle gosava e soffria amargamente — Rosalina ali estava, ao alcance dos seus labios e duas mãos, mas era Rosalina transformada — da primeira não existia mais que a formosura. E tanto assim, que aquella scena, em demasiado sentimental e tragica, começou a incommodal-a. Ella sentia-se interiormente arrependida de ter consentido n'essa entrevista; comtudo era inevitavel; conhecia bastante o character do seu companheiro de infancia, para, com razão, temer qualquer consequencia má de uma recusa. De sorte que o melhor caminho a

tomar era o da dissimulação e do dolo; não lhe faltariam certamente, para tal empresa, industria e armas, que pois contava com a sua maleabilidade de florete e com a sua destreza de cobra. Quando não lhe era possível empregar a força, soccorria-se ás lagrimas e triumphava sempre.

Rosalina, apercebida com taes munições; poz-se em guarda contra o temivel inimigo, que tinha diante de si. Bem sabia quanto são perigosos e formidaveis a inexperiencia e a virtude quando amam.

A verdadeira paixão é selvagem, grosseira e egoista, porque a delicadeza, a civilidade e a sociabilidade são obras do homem ou meras convenções sociaes, e a paixão é um monstro anti-diluviano, criado pela natureza. O amor sahi directamente da bocca de Deus para o coração do homem — é esse o nosso unico ponto de contacto com o increado.

Esse verbo eterno não conhece leis, nem patria, nem senhor, como não conhece subdivisão nem variedade é um, unico e eterno : — É o verbo ser da natureza.

Deus creou-o para o mundo e não para o



homem — este como a fera, o reptil como o passarinho, amam da mesma fórma.

Foi pensando deste feitio que Rosalina cobriu de caricias a victima que tinha aos pés, e fel-a assentar-se prosaica e commodamente, n'uma magnifica cadeira de damasco. E, depois de haverem pingado um por um os segundos do estylo, abriu a falar, protectora e carinhosamente, do seguinte modo :

— Oh! como sou feliz e desgraçada por te tornar a ver, meu Miguel, porém se me encanta a tua presença, a situação que d'ella resulta me aniquilla — amo-te muito, mas é preciso seres prudente e teres, disse ella, sorrindo com intenção, muito juisinho...

— Eu já não contava contigo e tinha razões para isso, vi uma vez o precipicio donde cahiste, e tão terminante se me affigurou d'elle uma quêda, que nunca mais me animei tornar a visital-o. Porém tinha saudades tuas, acredita, disse ella suspirando, sinto-me loucamente satisfeita por te ter novamente a meu lado. Se soubesses o que fiz para ter noticias tuas! Mas emfim sou feliz, agora se...

— Porem, é que... interrompeu Miguel, disseram-me que tu te ias casar com um fidalgo...

— É verdade, disse novamente suspirando Rosalina — e não ha outro remedio, senão nos conformar-mos com essa sorte escura.

Miguel fez um gesto de impaciencia e reprimiu o que ia a dizer.

— Mas que pensas? continuou Rosalina, mudando de tom e affectando um transporte — suppões, por ventura, que me fugiram repentinamente da memoria os nossos juramentos e a nossa fortuna? crês que me parece ser a riqueza o melhor dos bens? julgas que não se póde converter em lucto o que foi nossa esperanza? tens que sou muito feliz? ingrato!... Oh! não, Miguel! Soffri amargamente e mais soffro agora. Quanta vez não amaldiçoei tudo que me cercava! quanta vez não trocaria por um d'aquelles pacificos e religiosos serões de Lipari, todos os faustos, todos os esplendores destas festas, que me acabrunham e me matam?! Emtanto, tinha-te por morto, nossa choupana por incendiada e minhas

amigas de infancia, sobre indifferentes, prevenidas contra mim! É preciso esquecer-me de tudo!...

Miguel escutava immovel e pensativo.

Rosalina continuou, abaixando a voz : — Meu pae está cada vez mais severo e mais ganancioso; agora toda a sua ambição é possuir um titulo qualquer de nobreza antiga, cuja realisação só de mim confia; desde que um fidalgo arruinado — o visconde de Cenis, com a mira no dote, me pediu em casamento...

— E tu consentes?! perguntou arquejante Miguel, e tu vaes ligar-te a esse infame especulador, mesmo sabendo que eu existo e só por teu amor o faço?!...

— Mas que queres, meu amigo? — Não o desejo eu, ordemna-m'ó meu pae! N'isto deves, antes de amaldiçoar o meu procedimento, pesar bem o sacrificio que vou fazer! Sabes certamente que não é a ambição e a vaidade que me conduzem, sabes o quanto te amo e o quanto me comprazeria viver contigo e só para ti; mas em semelhantes circumstancias, nada fazer é fazer tudo. A minha recusa, sobre ser a deshonra

certa, seria talvez a morte de meu pae!... Quanto a mim... a não me poder ligar contigo, ninguém mais prefiro — tanto me dá de casar com o visconde como com outro qualquer. O que de tudo isto se conclue é que sou a mais desgraçada das mulheres — amo, sou amada; chegam-me os bens para viver e no entanto faltam-me amor e existencia. Tu, meu pobre Miguel, sem o saber, vieste dar-me um golpe horrivel — e me foi difficil habituar á idéa de tua morte, ser-me-ha impossivel supportar a de tua ausencia! Todavia, estou resignada — uma gotta de mais ou de menos no vaso de minhas amarguras não prejudica, porque o liquido de ha muito transbordou. Sejamos verdadeiramente corajosos, meu amigo, e saibamos ser dignos um do outro pelo sacrificio, sofframos juntos...

— Se soubesses a noite que passei!... quando ouvi aqui no jardim a mesma musica, que embalou os meus primeiros sonhos de mulher e os meus ultimos devaneios de criança... aquellas notas eram como o poema da nossa mocidade e do nosso amor. Como eramos então felizes e

esperançosos!... Muito chorei, meu amigo quando me abriste esse livro apagado de recordações e saudades, chorei como não imaginas, e só se me afigurava que aquelles sons errantes eram o teu espirito, baixado do céu para me amaldiçoar. Foi uma noite de pezadelos para mim!... não dormi... faltava-me o ar... e tinha medo de abrir a janella... E debruçando-se sobre Miguel exclamava: — Como sou desgraçada!...

— Peço-te, continuou ella, depois de algum silencio, com a voz ainda tremula do choro — que partas; e, se não me podes remediar o mal, que não o aggraves... Parte, meu amigo, e evita me tornares a ver.

— Para salvar meu pae é preciso sermos mutuamente rigorosos. Sê de todo nobre e generoso — salva a quem te quiz perder! perdôa do alto do teu coração a esse pobre velho, que não tem culpa de ter nascido ambicioso e máo. Elle é o culpado de tudo; é verdade, mas tambem a elle devo a minha existencia e todos os cuidados que tenho recebido; devemos-lhe a felicidade que já gosamôs, é justo que sup-

portemos agora o sacrificio que elle nos impõe... Perdôa! sim? perdôa, Miguel!...

E Rosalina, meiga, encarava com chorosa ternura o olhar sombrio de Miguel.

O moço ergueu-se com impectuosa feição. Metamorphose assustadora operou-se-lhe na physionomia — os olhos fechavam-se lentamente e lentamente se abriam; um sorriso de amargurada desconfiança encrespava-lhe os labios. Debruçou-se brandamente sobre Rosalina e, recolhendo-lhe as mãos frias, disse-lhe com delicadesa : — É então teu pae o unico obstaculo de nossa felicidade?

— É, disse ella.

— Então, adeus! —, e beijou-lhe a fronte.

— Que vaes fazer?

— Obedecer-te.

— Como?

— Partindo.

— Para onde?

— Não sei.

— Quando?

— Já!

E Miguel sahiu tão rapido como houvera entrado.



Rosalina levantou-se, foi até a janella e percebeu ainda o vulto do artista desaparecer por entre a rede de galhos e folhas sombreadas pela noite; encostou-se ao balcão de marmore, olhou para o tempo e disse, fechando a janella e abrindo preguiçosamente a bocca : — Até que emfim! — Depois entrou para a sua alcova, correu o cortinado, mirou-se n'um espelho de mão, desprendeu os cabellos e tocou a campainha, chamando a criada para a despir.

D'ahi a meia hora, Rosalina, mais encantadora que nunca, adormecia sorrindo para o immenso christal de Veneza, que com arte reflectia o seu corpo esculpturalmente formoso, atufando-se nas amplas e alvissimas cambraias do leito, semelhante a Venus transformando-se das espumas do oceano.

## IX

Depois dessa noite Miguel vivia para uma idéa; fosse qual fosse ella deveria de ser negra e amarga, porque amargo era o seu sorrir e negras as sombras do seu olhar.

Já por varias vezes lhe perguntára o guia se era tempo de regressarem para a ilha, Miguel, porém, desviava a cabeça, como se alguma coisa o prendesse ainda em Napoles e deixava-se ir ficando. Alguma coisa o prendia de feito — era essa idéa.

Todas as tardes, quando para o occidente, o crepusculo vespertino esfogueava as nuvens mais baixas do horizonte, elle, espantadiço e callado, tomava para as bandas da casa de Maffei e, como um espirito perseguidor e maligno, rondava-lhe o jardim e o quintal, procurando sempre confundir-se

com a escuridade movediça das folhagens.

E, mais tarde, quando de todo a noite carbonisava a natureza e com as suas sombras o favorecia, então, mais seguro e confiado, atravessava o foragido as ruas relvasas do jardim e, pizando cauteloso, apalpando sorrateiro as trevas, comprimindo a respiração e procurando minguar o seu vulto, ora desaparecia nas moitas de roseiras, ora nos jasmineiros e caramanchões em flôr, para reaparecer aqui e além, como o veado domestico, que passeia nos quintaes do amo, procurando a solidão e o silencio.

Ahi deixava-se passar ignorado as noites. E quando por ventura via illuminada a janelle de Rosalina, quedava-se horas esquecidas a contemplal-a, extactico e embebecido.

Assim succedeu até o sabbado, dia de recepção em casa de Maffei.

Nessa noite o palacio escancarava as suas largas boccas a novos convidados, como insaciavel monstro, que não se farta de tragar reputações alheias; devia ser duplamente rica essà festa, por que, sobre ser sabbado, era tambem anniversario do nas-

cimento de Rosalina; circumstancia esta de que não se esquecêra o deslembado amante e o fazia aguardar, com impaciencia e desassocego, esse faustoso dia.

Effectivamente preparava-se a festa ameaçadora e esplendida — dobrou-se a orchestra e multiplicou-se o numero de garrafas; eminentes artifices incumbiram-se de magnifica illuminação e fogos de artificio, que occupassem a varanda e a parte principal do jardim; um kiosque, levantado defronte da janella do quarto da festejada, dar-lhe-hia, ao romper d'alva, um harmonioso bom dia.

Chegada a hora, as salas, as varandas, os quartos, o andar inferior, tudo se encheu de gente. Era tudo confusão e bulicio — por todos os lados phosphoreciam luzinhas de variadissimas côres; por toda a parte — musica e perfumes, flôres em profusão, gelados e vinhos, cantos e versos, mimos e ramilhetes, dansas e jogos, florões e murtas; emfim, por toda parte e de todas as coisas rebentavam e herveciam alvoroçadamente o praser, o riso, a loucura e o amor.

Rosalina lá estava resplandecente, como alvo brilhante de todos aquelles faustos e

grandezas — via-se cercada de adulares, que a crivavam de galanteios e lisonjas; e assim festejada, querida, requestada, adulada, tinha-se ella por feliz no meio d'esse circulo de ferro dourado, que o dinheiro traça incommodo na sociedade.

A festa crescia e redobrava de enthusiasmo com o progredir tenebroso da noite --- regorgeiavam freneticos os instrumentos; pulsava doudo o sangue com o ancinar nervoso da valsa; a embriaguez familiarisara-se e gritava a bel-praser, rindo a desvergonhada, com a boca aberta e o gesto descomposto.

## X

Todavia, em quanto tão ruidosamente crepitava o baile, Miguel, ignorado e só, nos fundos tenebrosos do jardim, espiava afoitamente a turbulencia da festa, escondido como um reptil nos grutescos de uma fonte artificial.

Quem de perto lhe podesse observar a figura, notar-lhe-hia no olhar desvairado e redondo, uma impaciencia feliz, um raio de sinistro contentamento, que lhe illuminava a physionomia com o mesmo luzir funebre da lamina da guilhotina no rosto do condemnado.

Subitamente o escondido endireitou-se, collou cuidadosamente o ouvido á parede e pôz-se a escutar silenciosamente, sentiu passos.



Era alguém que, fugindo á agitação das salas, procurava refugiar-se no jardim e descansar o seu aborrecimento, sósinho e tranquillo nos bancos de pedra, que pitorescamente guarneciam um aprazível chafariz de jaspe.

Miguel viu chegar um vulto e estremeceu reconhecendo-o; os seus olhos reverberaram com mais vermelhidão; os seus labios semi-abertos sussurraram alguns sons confusos e asperos, em quanto o recém-chegado, satisfeito de si, esfregava as mãos, saboreiando o aspecto festivo e luxuoso do edificio; depois, o vulto sentou-se meditativo no banco de pedra e permaneceu algum tempo de cabeça baixa e gesto concentrado.

Profundo devia ser esse meditar que lhe não dava de perceber os passos abafados de Miguel, que, como uma panthera, se enca-minhava das sombras da gruta para elle, sem lhe arredar de cima os olhos ardentes e raiados.

O artista, ao chegar ás costas do vulto, estacou e entrou comsigo a contemplal-o em attencioso silencio, indicando, com um movimento affirmativo de cabeça, o bom resul-

tado de suas observações; alguns segundos depois chegou-se mais d'elle e de rijo tocou-lhe com a mão no hombro.

O vulto voltou-se subito e, encarando o rosto transformado do artista, desviava vagarosamente o seu, aterrado pela fixidez sinistra dos olhos cavos e luzentes, que pareciam querer devoral-o; Miguel inclinou-se para elle a rir-se surdamente, com esse rir que exprime o contentamento da vingança que se vae faltar, — o rir do faminto que depois de longa viagem descobre o que comer.

O vulto, segurando-se com a mão fria na pedra ainda mais fria do banco, continuava a retrair-se, como atacado de colicas horri-veis — torpor aviltante corria-lhe pelos membros frouxos e enervados e transpirava-lhe no gesto suarento o medo com todas as suas côres mais vergonhosas.

Contemplavam-se os dois, tremulos!... um de raiva, o outro de medo.

## XI

O que tremia de medo era Maffei.

O conforto da riqueza e o roçar aspero dos annos puiram-lhe o vigor primitivo; o remorso, tambem collaborando n'essa obra de destruição, acabára por extinguir-lhe a força moral, que dantes lhe luzia feroz no olhar. — Sentia-se apequenado em presença de Miguel a quem tinha por morto.

O vulto transformado da sua victima, que já em sonhos o houvera perseguido, apparecia-lhe agora, real palpavel, como se fôra a propria imagem do remorso; afigurava-se-lhe Miguel salvo n'aquelle instante, sahindo do mar; parecia-lhe até ver a humidade do cabello e sentir-lhe o cheiro do sangue.

O olhar fixo e desvairado do moço reflec-

tia-se-lhe na consciencia, como uma luz condemnatoria e d'ahi persistia a fital-o, queimando-lhe por dentro os ossos do cerebro; o sorrir cadaverico de Miguel derramava-se como um philtro de ironias pelos membros lassos do velho e o fazia estremecer; era um sorrir tragico de caveira a fital-o com os dentes ameaçadores e ferozes.

A immobilidade do moço impunha ao outro a mesma immobilidade, e no emtanto a arrogancia d'aquelle não incutia n'este o mesmo sentimento; Maffei, ao contrario, cada vez mais se desapercebia de animo e forças.

Emquanto isto succedia no jardim, o baile continuava a folgar indifferente.

Miguel, afinal, chegando á cara pallida de Maffei a bocca arreganhada, rebentou medonha e cavernosamente : — Velho amaldiçoado! máo! ambicioso! és o unico obstaculo de minha ventura! és a minha aza negra! o meu pezadello! a minha raiva! a minha desgraça! o meu odio! o meu mal! o meu crime! Queres, bruto, regenerar-te? queres por uma vez abaixar este braço, que a tua maldade levantou sobre a tua cabeça,

velho estúpido?! dá-me a mão de tua filha. Já! Peço-t'a de joelhos, cão! Responde!... Queres?!...

Maffei estremeceu como se fôra acordado de um sonho máo por uma chuva de pedras — as palavras de Miguel despertaram-o, chamando-lhe o sangue á cabeça com o effeito de uma aluvião desenhada de bofetadas, voltou a si e fez um movimento para erguer-se.

— Responde! gritou asperamente Miguel, descarregando-lhe com força nos hombros os punhos impacientes e nervosos. Responde! — e o obrigou a ficar sentado — Responde!

— Nunca! atroou energicamente Maffei e ergueu-se de impeto!

Miguel, porém, em meio da resposta, rapido abarcara-lhe o pescoço, encravando-lhe pelas carnes as unhas doidas e assanhadas. Um rouco surdo e gutural fundio-se confusamente na turbulencia aguardada do baile.

E o moço não desgarrava da victima as unhas envenenadas pela colera velha e

sedenta de vingança — continuava a asphyxial-a.

Como uma lagarta no fogo o velho torcia-se, esforçando-se por gritar e erguer-se. Embalde! — Miguel lograra pôr-lhe um joelho de bronze sobre o esophago<sup>7</sup>e, empregando com bruteza toda força do corpo, opprimia-o contra a pedra do banco.

Roxidão apoplectica cobriu a cara e as unhas do pae de Rosalina; um suor abundante e humido escorria-lhe da cabeça, inundando as mãos freneticas do assassino.

E o roncar moribundo e bestial do velho, mal casado com o ranger dos dentes do moço, contrastava com a turbulencia folgazan e sensual da dança, da embriaguez e do jogo, que além fermentavam nos salões do baile, como fermentam as larvas n'uma podridão.

Miguel, no fim de algum tempo, desgarrado saciado a preza e o cadaver do antigo pescador cahiu-lhe pesado e retorcido aos pés, gosmando pelas ventas e por entre os dentes um muco grosso e esbranquiçado.

O moço contemplava-o sorrindo, a limpár tranquillamente as mãos humidas] e pega-



josas nas fraldas da sua blusa. Depois; abaixou-se e fitou satisfeito o corpo de Maftei, observando minuciosamente se estava bem morto — mexia-lhe com as palpebras; passava-lhe os dedos no vitreo ensanguentado dos olhos e esbugalhava-os mais; puxava-lhe as barbas empastadas de gosma mexia-lhe com a lingua e afinal bem certo que estava morto escarrou-lhe com desprezo á cara e em seguida ergueu-se; empurrando-o desdenhosamente com o pé.

Isto feito — fugiu.

Ao chegar á rua, parou, tomou com ambas as mãos o peito e respirou livremente o ar da noite, como quem se livrasse de um peso horrivel.

— Finalmente! disse elle e correu á tasca, Sombra da Noite dormia. Acordou-o.

— Partamos, disse elle.

— Para onde?

— Para qualquer parte!

E desapareceram.

## XII

O baile continuava indifferente e animado. A ausencia de Maffei não se fizera sentir e só algum curioso observador dizia distrahidamente: — Oh! Maffei está hoje mais do que nunca concentrado!... Não ha quem o veja!... E disto não passava.

Sómente no dia seguinte, pela manhã é que o jardineiro, todo banhado em lagrimas, participára ter encontrado no jardim o cadaver do querido amo.

Houve grande alvoroço na casa e, tanto esta como a familia do morto, se cobriram de lucto. No dia seguinte os jornaes de Napoles noticiavam ter succumbido o muito honesto e muito nobre proprietario da rua de Toledo — fulano de tal Maffei, victima de uma congestão cerebral, que o accomet-

têra na vespera. Enterrado o cadaver não se fallou mais em tal. Rosalina tratou de suspender, por algum tempo, os bailes e de substituir os theatros e passeios pelas palestras nos serões.

Dahi nasceu um murmurar contra ella e o cavalheiro de bigodes pretos, se com ou sem razão — não sei; o que posso, dizer e até afiançar é, que por varias vezes, houve quem o visse sahir pela madrugada do andar inferior da casa cinzenta da rua de Toledo. Calumnias, talvez... — inveja, com certeza!

Com o surrar dos dias foi o lucto perdendo pouco a pouco a côr carregada, de sorte que no fim de um anno desaparecera inteiramente e com elle cansou a dor de doer e os olhos cansaram de fingir. E voltára a alegria, como volta a primavera — matisando de flores e risos os corações e os labios.

Como um noivo passivo, o nobre visconde de Cenis gastava todos os serões em companhia da rica herdeira, e exteriormente já se tinha como coisa resolvida o casamento d'elle com Rosalina.

Em breve a filha do pescador seria a *ex-*

*cellentissima* senhora viscondessa de Cenis e o visconde seria o herdeiro legitimo dos bens do fallecido Maffei.

Qual das duas partes faria melhor aquisição? — um levava uns restos de homem e o titulo de visconde e a outra — um dote avultado e uma mulher prostituida. Estas ruindades fundidas deveriam dar um resultado satisfatorio para ambos e talvez para a sociedade, que, em vendo dinheiro, faz como as crianças — fecha os olhos e abre a bocca.

Emtanto, quando o visconde se retirava da sala de honra, abria a noiva a porta privada da alcôva, para o outro, que, se em verdade não era tão nobremente visconde, tinha, em compensação, um bom par de bigodes pretos, que valiam por um braço.

Afóra estes, roda immensa de adoradores incensava infructiferamente, noite e dia, a formosa e rica orphan, mas embalde procurava ella, nos cantos empoeirados do seu coração, alguns restos de respeito e amizade seria para aquella gente que, a despeito da sua boa vontade, só lhe apparecia pelo prisma do interesse e da especulação. No

fim de contas tão embotadamente desgraçados eram os adoradores, como o objecto da adoração, que se aquelles amavam por cobiça, este o não podia fazer por desconfiança, e infeliz, muito infeliz da mulher que não ama — o amor é o caminho da maternidade.

O proprio moço dos bigodes não passava para Rosalina de uma phantasia de igual criminalidade de outros muitos, que, com a mesma amorosa indifferença, entretinha a desregrada rapariga; e tanto assim era que, sendo por elle pedida em matrimonio, recusara-se, dizendo cynicamente que o casamento era a unica parte ascendente de sua vida por onde poderia trepar em algum tempo á nobreza, e por isso não a barateava assim tão facilmente.

O dos bigodes, cujo empenho unico era enriquecer, vendo malogrado em Napoles os seus planos de abastecimento, deu-se de velas para Milão, sua patria, em busca de nova fortuna, depois de ter chamado a amante de ingrata e perjura.

Rosalina riu-se da sahida aparentemente romanescas do cavalheiro dos bigodes e

insensivelmente o substituiu por outro.

O visconde em ruínas, esse, coitado! é que não disistia, nem era preterido; barreira firme, rochedo inalteravel, recebia impassivel e com verdadeira coragem, digna da nobreza de sua illustre raça, os embates tempestuosos daquelle pélago de lama. Coitado! a deshonra lhe seja leve!...

E n'este estado deploravel de coisas decorria o tempo, sem outro facto de notar, além do que se vae seguir.



### XIII

Ia uma dessas noites quentes de verão, em que a natureza parece adormecida aos beijos ardentes do sol; em que as aguas dos lagos são mornas como a briza, que acaricia os pincaros abrasados das montanhas, e a lua se ergue vermelha, como uma chaga viva.

Uma dessas formosas noites napolitanas, em que tudo se converte em volupia e cansaço, em que se derretem os corações e volatilisam-se os beijos para vagarem pelo espaço, como um bando de mariposas sensuaes.

Noite de sonhos ardentes e dores indefinidas! noite feliz para o mancebo e perigosa para a donzella!...

As mulheres estremecem ao tacto dos

amantes e as criancinhas torcem-se no berço, acommettidas de precoce irritabilidade; o olhar transforma-se em bocca que beija; o halito em palavra que excita; a palavra em corpo que morde, afaga, queima e estreita.

Abraçam-se nos montes os pinheiros e os cyprestes nos cemiterios; entrelaçam-se as flores no campo; amam-se feras nos covis; nos ares os passarinhos e os reptis no charco.

A natureza toda transforma-se n'uma mulher de trinta annos, de carnes brancas e palpitantes, soffre nessa noite da nevrose, tem ataques stericos — extrebuxa, grita, contorce-se e solta, de vez em quando, suspiros prolongados e gemidos voluptuosos.

E quando, pela volta da madrugada, á brisa fresca e côr de rosa da manhan, adormecem os membros frouxos e fatigados dos amantes, levanta-se da terra um murmúrio suave e tremulo para o céu — é a musica dos beijos!

## XIV

A alcova de Rosalina rescendia a amor. O amor tem o seu perfume especial que se aspira pelo coração ; esse perfume, á similhaça dos do Oriente, quando não mata, embriaga, mas sempre encanta.

A bella italiana, perseguida pelo calor da noite, refugiara-se sósinha no seu ninho, como a lebre que foge ao caçador, e arre-meçando negligentemente as roupas para o chão, envolvera-se nas cambraias do leito, rolando de um para outro lado, como uma serpente no cio.

Extenuada, cahíra a moça n'essa prostração mofina que precede o somno, e só de vez em quando dava acordo de si para refrigerar-se com um gole de orchata, que á cabeceira do leito estava preparada n'um

copo de christal. Isto feito, recahia no mesmo entorpecimento, com as alpebras pesadas e os olhos decerrados pelo calor — mais parecia uma bella producção artistica do que uma realidade. Quando quieta, difficil seria de dizer o que mais era — se uma estatua animada — se uma mulher de mar-more.

Subito, assomou na janella uma cabeça, depois um busto, e finalmente um homem, vestido de blusa, pulou na sala com a ligeireza de um gato.

O barulho fez Rosalina voltar-se e soltar um grito que queria dizer : — Miguel!...

O recém-chegado parou, levando aos labios o dedo em signal de silencio ; ella respondeu a esse signal com um outro que o intimava a approximar-se.

O artista obedeceu, encaminhando-se sombriamente para o leito.

— És livre agora?!... disse-lhe, cahindo de joelhos aos pés.

A moça não respondeu e sorriu.

— Falla, meu anjo!... não percamos tempo, dize-me se és já livre ou se...

— Ouve ! interrompeu Rosalina, fingindo

difficuldade no fallar. Ouve; Desde que morreu meu pae, uma fraqueza doentia me tem de tal modo perseguido, que me supponho irremediavelmente perdida; posso dizer que tenho vivido neste leito, donde não conto levantar-me com vida.

— Uma viagem te restabelecerá totalmente, disse Miguel inquieto.

— Ah! suspirou Rosalina. Uma viagem!... É porque não sabes, meu bom amigo, que, com a morte de meu pae, ficamos na extrema miseria; que elle, coitado! passou uma vida de opulencia, superior ao que possuia, e morreu de tal modo indvidado, que não nos será facil a nós salvar honradamente seu nome, e a mim continuar a viver sem a diffamante protecção de algum estranho! Bem fiz por salvar a situação, e confesso que me suppunha mais forte e generosa, de que realmente sou!

E Rosalina começou tossir, opprimindo o peito com as mãos.

— E eu, continuou a supposta doente, com a voz cada vez mais tremula, fazia-me forte, accetando a proposta salvadora e tremenda de um velho rico e doente, que

se propunha resgatar o nome de meu pae, casando-se commigo. — Era um futuro triste, porém honesto. — Cedi, Miguel, cheia de esperança e resignação, porém depois de medir bem o sacrificio não tive animo para arrostal-o. Urgia comtudo tomar uma deliberação qualquer; o tempo passava e o dia do leilão da casa e dos moveis não tardia a annunciar-se. O momento fatal chegou!... Amanhan tenho de entregar tudo, tudo! e serei...

— Então! interrompeu Miguel, em cujo olhar acabava de nascer o contentamento e a esperança — havias te esquecido de mim? Ingrata! Não te quiz ao menos parecer que a tua riqueza era um obstaculo serio á minha ventura! Oh! como sou feliz em ver-te novamente pobre! Iremos juntos para Lipari, onde serás minha esposa, e então seremos felizes, muito felizes! Quanto é bom ser pobre! Olha! disse elle chegando-se carinhosamente para ella e sorrindo, com os modos satisfeitos, de quem se preza de saber arranjar bem as coisas. Vendido tudo por cá — todas estas grandezas e todo este luxo, em pouco po-



derá ficar a divida; por esse tempo já estarás em Lipari, caso-me comtigo e serei legalmente o unico devedor do que não se puder pagar com o resultado da venda; e d'ahi, com o meu trabalho e principalmente com a minha vontade, crê, conseguiremos ir pouco a pouco resgatando o nome de teu pae. Oh! como seremos felizes!... Mas como te houveste tão injusta em não te lembrares de mim!... Em Lipari levantaremos novamente uma casa, sob as oliveiras que te viram nascer, minha Rosalina, e sósinhos, ao som das brisas que te embalaram em pequenina, e do mar que te ama ainda, e dos cantos dos passarinhos que voltarão ao nosso tecto hospitaleiro, viveremos em companhia da boa Angela, que te estremece como mãe. Sabes mais!... Castor ainda vive!... disse o moço satisfeitíssimo, batendo palmas — ainda vive! achei-o na noite do incendio e conservo-o comigo; é um bom e generoso companheiro! Oh! elle tambem virá porque, não sabes? foi elle que primeiro descobriu pelo faro que tu moravas aqui. Coitado! como te cobrirá de festas quando te

vir! Oh! mas é preciso que te decidas a partir! Vamos! não é assim? Dize!... Estás pobre?... Tanto melhor! ninguem se lembrará de te perseguir!... Partamos, meu amor!

E Miguel, satisfeito como uma criança, beijava as mãos, os pés, o cabelo e a fronte de Rosalina — parecia louco.

Ella observava-o com um sorriso de affectada desesperança, que mascarava enorme surpresa; parecia-lhe aquillo um sonho — nunca esperara tanto do amor de Miguel; sentia-se conscienciosamente arrependida de se ter fingido pobre, antes fallasse com franqueza, porque a situação perigava progressivamente. — Diabo! dizia consigo — Elle adora-me apezar de tudo! Que volta darei a esta scena tão difficil e ridicula?

E assim pensando, fingia faltar-se em contemplar silenciosa o amante, em quanto meditava astuciosamente outro meio mais seguro de fugir-lhe; porém fundo e estranho resentimento principiava a minuar-lhe o animo, em presença d'aquella vontade de ferro, d'aquella firmeza de af-

fecto, d'aquelle amor indelevel que tudo commettia indifferente, com tanto que o deixassem existir pela mulher, que o proprio coração escolheu para idolo.

N'este estado e machinando ainda uma engenhosa sahida, fitou Rosalina os olhos abrasados e felizes de Miguel, e, apartando delles os proprios, passeiava-os, aparentemente enfraquecidos, pelo quarto, á procura da idéa ; quando o acaso depa-rou-lhe o copo de orchata, sobre o velador á cabeceira do leito.

— Ah ! fez ella.

— Que tens !... acudiu Miguel.

— Nada, meu amigo, sinto-me mal...

— Tudo isso, volveu Miguel, beijando-lhe as mãos — desapparecerá com a nossa futura felicidade ! Reanima-te e ordena o que queres que te faça ! Aqui tens um escravo ! vamos, meu amor... falla ! como se eu fosse teu pae, minha filhinha !...

— Já não tenho vontade nem desejos... meu bom amigo, respondeu ella, retor-cendo os olhos — porque não posso contar com a existencia...

— Rosalina !... disse Miguel — não te

deixes levar por essas idéas tão más!... Confia em mim e espera de Deus! Não desanimes, que tens muita vida e a nossa ilha tem muitas flores que te esperam... Havemos de correr juntos pela primavera os caminhos sombreados e hervecidos; subiremos de mãos dadas as encostas dos montes e os pincaros dos rochedos; havemos de...

Rosalina parecia já não escutar — torcia-se na cama, a ranger os dentes uns contra os outros, e retorcendo os olhos derivava olhares desencontrados.

— Rosalina! Rosalina!... Que tens!... Meu Deus! acudam! exclamava Miguel.

— Silencio! disse ella, tapando-lhe brandamente a bocca com os dedos côr de rosa. — Não faças bulha e ouve, que é necessario fallar. Ainda ha pouco me vedaste concluir o que te contava; ouve o resto — Dizia-te eu, que era necessario abraçar qualquer partido, porque o tempourgia e o dia da entrega se approximava... Pois bem, meu bom Miguel, não tive animo de me resolver a casar com o velho rico e...

— E... disse Miguel tremulo de impaciencia.

— Chegou a vespera do dia maldito!... Amanhã os credores tomam conta de tudo!...

— Não importa!

— Mas é... accrescentou chorando Rosalina — que eu não resisti a tamanha provação! Fui covarde!... confesso! mas eu sou mulher, perdôa!...

— Acaba!...

— Vês este copo? continuou ella, torcendo-se toda e indicando a cabeceira do leito.

— Céos!...

— Ainda ha pouco estava cheio de... veneno... eu... E reclinando-se nos braços de Miguel accrescentava, espatifando as palavras — não tenho, Miguel, de vida... mais do que alguns... instantes...

Miguel quiz levantar-se para chamar a quem.

— Não chames pessoa alguma!... disse ella agarrando-o com força — Isso só alcançaria fazer-me morrer desacreditada. Foi Deus que te mandou para me ajudares

a morrer! Foi um bom anjo que te conduziu! Eu já contava contigo! Oh! não morria sem tu chegares! Como Deus é bom! obedece-o e depois... retira-te...

Miguel forcejava comtudo por erguer-se, mas desfalleciam-lhe as forças; vertigem doida acommetteu-lhe de prompto a cabeça. Quiz gritar — a lingua apegara-se-lhe; quiz soluçar, o pranto ennovellou-se na garganta — offegante, tremulo, com os olhos injectados de sangue, ria-se nervosamente e chorava ao mesmo tempo; as pernas negavam-lhe já o apoio — cambaleou; tentou ainda uma vez erguer-se — as pernas vergaram-se de todo e elle cahio no regaço de Rosalina — queimava o olhar, fumegava o halito! a sua respiração era um soprar doido de labaredas!

— Não chames por ninguem! disse-lhe ella com difficuldade, e carinhosamente o tomou entre os braços; depois, inclinando frouxamente a cabeça para traz, fechou devagarinho as palpebras e murmurou sons inarticulados e tremulos.

— Rosalina! Rosalina! vozeava o moço arrastando a lingua entre soluços.



Rosalina pendeu de todo a cabeça para traz, deixou cair sem acção o braço fóra do leito; e um suspiro doloroso partiu-lhe dos labios. Ficou extatica.

Miguel tinha a cabeça no collo da fallecida e permanecia immovel como ella; lembrando ambos tão unidos, tão mortos e tão pallidos — Pigmalião e a sua amante de marmore.

Assim decorreu uma hora de pedra — fria, pesada e estúpida.

.....  
Rosalina, por fim, impacientou-se e, sorrateiramente levantando a cabeça e desembaraçando-se dos abundantes cabellos pretos, disse quasi imperceptivelmente.

— Miguel... não partes?...

Miguel não respondeu.

— Não partes? repetiu Rosalina, levantando um pouco mais a voz.

Ainda o mesmo silencio.

Então, como a noiva, que vae, entre dezejosa e envergonhada, provocar novas caricias do amante, ergueu ella com as mãos diaphanas a cabeça mole que lhe repousava no collo e encarou-a.

Grito de terror e remorso rompeu-lhe inteiriço das entranhas.

Miguel estava morto. Então, uma lagrima christalina e santa, desprendendo-se do coração, rolou pura pelas faces da mulher. Chorou pela primeira vez!

Aquella lagrima valia o poema inteiro da sua existencia! era o transumpto do seu arrependimento! era o perdão dos seus crimes! Chorou! chorou uma lagrima de mulher, por isso que vinha de Deus!

Rosalina amou pela primeira vez — aquelle cadaver.

FIM

